



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO – LINHA MÍDIA E CULTURA

FERNANDO RIBEIRO MATOS

TRILHAS DO SEXO:

Discursos, corpos e sexualidade na cultura da mídia

Orientador: Prof. Dr. Goiamérico Felício Carneiro dos Santos

GOIÂNIA
2012



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO – LINHA MÍDIA E CULTURA

FERNANDO RIBEIRO MATOS

TRILHAS DO SEXO

Discursos, corpos e sexualidade na cultura da mídia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação – Mestrado em Comunicação, da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Goiamérica Felício Carneiro dos Santos

GOIÂNIA
2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

GPT/BC/UFG mr

Matos, Fernando Ribeiro.

M433t Trilhas do sexo [manuscrito]: discursos, corpos e sexualidade na cultura da mídia / Fernando Ribeiro Matos. – 2012.

xv, 129 f.

Orientador: Prof. Dr. Goiamérico Felício Carneiro dos Santos.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, 2012.

Bibliografia.

.

1. Pornografia – Mídia – Goiânia (GO). 2. Práticas sexuais. I. Título.

CDU: 178.6:659.15

FERNANDO RIBEIRO MATOS

TRILHAS DO SEXO:

Discursos, corpos e sexualidade na cultura da mídia

Dissertação apresentada no Curso de Mestrado da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, para a obtenção do grau de Mestre, aprovada em _____ de _____ de _____, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Goiamérico Felício Carneiro dos Santos (Orientador)
Presidente da Banca

Prof. Dr. Camilo Albuquerque de Braz – FCS/ UFG

Profa. Dra. Suely Henrique de Aquino Gomes - FACOMB/UFG

Àquelas e Aqueles que continuam a ajudar em minha construção

AGRADECIMENTOS

Espero que possa transmitir o quanto todas e todos são importantes para mim e como pensar e sentir vocês foi a força que me moveu ao longo destes dois anos pelas trilhas que andei em busca de meu objetivo. Sem vocês eu não conseguiria.

Minha mãe e meu pai, Joaquina e José. Sem dúvidas as duas pessoas que mais contribuíram para que este trabalho se concretizasse. Que sempre investiram no melhor em minha educação, que me apoiaram e não me deixaram desistir nas muitas vezes em que pensei em jogar tudo para o alto e voltar para casa. Sinto-me abençoado por ter vocês ao meu lado sempre que embarco em um objetivo. Obrigado por serem meu suporte e meu porto. Não há dúvidas que sem vocês nada disso seria possível e por mais que tente será difícil expressar toda minha gratidão a vocês por tudo que construí até hoje e pelo que tenho à minha frente.

Francisca e Gabriel, minha irmã e irmão, que sempre torceram por mim e acreditaram que tudo que eu quero é possível. Eu os agradeço sempre. Ah, e obrigado pelos dois presentes: Maria e Vitor!

Laura, que nunca deixou de me ver como um menino e nunca deixou de cuidar de mim.

Aos meus familiares pelo apoio e afeto. Em especial minha vovó Dolores que foi ser feliz em outro plano e fica lá junto a outros e outras queridos e queridas olhando por mim!

Aos meus professores: Daniel Christino, Lisandro Nogueira, Maria Luisa Mendonça e Rosa Berardo pelo conhecimento adquirido durante este percurso.

Ana Carolina Temer, pelo cuidado que teve comigo durante alguns momentos tensos durante este percurso. Pelo abraço quando era tudo que eu precisava. Obrigado!

Suely Gomes, com quem compartilho o prazer pelo estudo do corpo e com quem sempre troquei impressões sobre este trabalho. Alguém com quem sempre mantive diálogo neste caminho e cujas conversas, pontuações e sugestões só contribuíram para meu trabalho, obrigado!

Ao meu orientador Goiamérico Santos, o Goia! Não há dúvidas que sem sua ajuda este trabalho continuaria a ser apenas um projeto. Obrigado pela atenção, gentileza e disponibilidade em compartilhar conhecimento sempre. Por acreditar em minha pesquisa e em mim e por topar me acompanhar nesta aventura pelos caminhos

que me aventurei em Goiânia. Eu só tenho a agradecer pela companhia nesta jornada. Muito obrigado, por me conduzir nos caminhos árduos desta pesquisa.

A CAPES, pelo incentivo recebido para esta pesquisa.

Ao Thomaz Santana, por sua solicitude sempre que precisei.

Aos colegas da turma de 2010, principalmente os da turma de Mídia e Cultura: Carlise, Clarissa, Lívia, Mariana, Murilo, Nellie e Raquel.

As personagens que conheci em meus trajetos.

Geórgia e Laura, duas mulheres fortes e corajosas que encontrei em meu caminho e por quem eu tenho o maior carinho. Duas pessoas que sempre vou levar comigo em todas as minhas trilhas. Meninas, vocês duas foram uma grata e maravilhosa surpresa!

Ao Ser-Tão, por ter sido um local de crescimento intelectual e de encontro de pessoas maravilhosas. Não posso deixar de mencionar: Luiz Mello, Maria Luiza, Eliane Gonçalves, Selma Sena, Camilo Braz e Walderes Brito, com quem aprendi e compartilhei ótimos momentos.

Ao Rezende, pela calma em seu olhar, por seu carinho, por sua gentileza e amizade.

As pessoas que fizeram/fazem parte do Colcha de Retalhos!

Aos amigos da CEU: Renato, Alcilas e Juliano. Sem vocês a barra teria sido exponencialmente mais pesada!

Carol Torres, Alessandra, Rafael Lobato, Guilherme, Karla, Cida, Elaine Meirelles, Marco Antônio, Saullo, Bruna, Cecília, Helton, Dariuska, Fábio Rossatti, Joilson, Reduzino, Ulisses, Otavio, Dudu, Robertinho, Bruna Duailibe, Juciana, Julcynara, Damares, Michely, Debora, Sara, Marcus, Beth Fernandes, Edinho, Felipão, Elthon, Greg, Poly Amorim, Dani Moreira, Lorena Mochel, Silvio Rogério, Haphisa, Hérika, Márcio Monteiro, Leo Santana, Ilma, Wesley, Emerson, Victor Hugo, Jônatas, Rejane, Zefinha, Mitchell, Lu Diniz, Alberto Júnior, Alberto, Rodolfo, Arthur, Joubert e tantos outros e outras que tive o prazer de conhecer desde o início de minha jornada lá atrás. Muito obrigado por fazerem parte de minha caminhada.

A Tânia Cardoso, alguém que me deixou a alegria de ter podido ter seu carinho!

Ao Seu Arantes, Enilsa e Osmar que me receberam nos primeiros momentos nesta nova cidade. Pelo carinho e incentivo.

Vinícios, por sempre me incentivar e ser um dos primeiros com quem compartilhei a ideia desta pesquisa.

Tales, um bom amigo tão forasteiro quanto eu em terras goianas!

Lucas Fortuna, alguém que sempre me fez sentir em casa e que, infelizmente, nos foi tirado de forma trágica. Amigo, onde tu estiveres sei que estará sempre conosco.

Heverton, alguém com quem se pode contar. Amigo leal e de carinho imenso!

Polly, por sua doçura.

Elaine Oliveira, por sempre estar presente. Por seu carinho, sua preocupação e sua disponibilidade em ser amiga.

Ivila, minha doce amiga.

Francinete, que mesmo longe sempre me incentiva!

Eduardo, a pessoa mais absurda que eu conheço e por isso única!

Alexandra, por seu carinho.

Vivi, por seu aconchego.

Marcelo, grandes momentos compartilhados.

Cândido parece que nos conhecemos há tanto tempo. Compartilhamos e aprendemos muito um com o outro. Seu sorriso é caloroso e contagiante.

Elaine Gonzaga, um belo presente que ganhei meio por acaso. Uma mulher admirável e uma boa amiga. Alguém que dividiu comigo mais que o interesse pelo mesmo objeto me possibilitando conhecer uma pessoa admirável.

Priscila, uma doce forte mulher. Alguém cujo carinho por mim sempre foi evidente.

Conceição, por ser alguém que sempre tem um sorriso e uma palavra quando preciso.

Erly, uma grande mulher que emana carinho. Um coração tão lindo quanto o sorriso.

Lê quantas coisas compartilhamos. Obrigado por seu carinho, por seu sorriso e por ter você por perto sempre!

Cadu, por ser e estar sempre comigo. Por nossos momentos de verdade. Por seu carinho.

Henrique, por ser parte constante de minha vida, por acreditar, por me apoiar e ser um amigo a qualquer momento. Por me render boas risadas.

Rosy, minha amiga querida! Palavras me faltam para te descrever!

Ludimila, alguém que nunca desiste de seus ideais. Compartilhamos tantas coisas: sorrisos, conversas, bebidas, segredos e principalmente afeto!

Carol, por sua amizade, por seu sorriso, por você em minha vida me fazendo crescer e ser melhor.

Pedro, alguém cuja distância não desatou os nós de carinho. Com quem eu posso contar. Que me incentiva, apoia e torce por mim e minha felicidade.

Fátima, uma das mais maravilhosas, felizes e gratas surpresas que tive nesta jornada. Eu só tenho a agradecer por tudo que aprendi e por seu desprendimento em compartilhar o que tem de melhor a oferecer. Por seu incentivo e por tudo que você me deu sem exigir nada em retorno. Por me acolher, por seu carinho, sua paciência e sua amizade. Obrigado, por tudo!

Estevão, alguém por quem eu nutro profunda admiração e carinho. Alguém que me ajudou a ser uma pessoa melhor. Um amigo cujo coração é belo e grande. Obrigado por ter sido cuidadoso, bom e amável comigo sempre. Por me fazer sentir protegido. Por acreditar em mim. Obrigado por ser meu amigo na forma mais ampla e bonita que a amizade pode assumir. Palavras faltam para descrever o quão feliz sou por ter encontrado você em meu caminho.

Há alguém cuja presença em minha vida não canso de agradecer. Alguém cuja distância e o tempo não são barreiras. Alguém cujo carinho sinto no mais profundo de meus ossos. Uma pessoa que esta sempre ao meu lado não importa o que aconteça. Com quem eu sempre irei contar. Com quem eu cresci. Que me conhece de forma profunda e sabe o que sinto antes que eu diga algo. Minha amiga-irmã, Luciany. Amor e carinho sempre.

Como qualquer território inexplorado eu devo parecer muito intrigante. Você fala do meu amor como se já tivesse experimentado amor igual ao meu antes, mas isso não é permitido. Você não foi convidado.

Alanis Morissette

RESUMO

Este trabalho busca compreender o processo de construção de corpos e sexualidades a partir das relações que se estabelecem na rede pornô na cidade de Goiânia, Goiás. A rede pornô rompe com a lógica heteronormativa ao oferecer prazeres que precisam ser vigiados socialmente, mas, ainda assim não rompe com algumas continuidades estabelecidas pela matriz sexual. Assim, busca-se evidenciar as formas de representação que os frequentadores dos locais para sexo da cidade estabelecem a partir das experiências que mantêm dentro da rede pornográfica. Trata-se, portanto, de perceber os meandros da construção de corpos e sexualidades possibilitados a partir das práticas sexuais e do consumo encontrados na rede pornô da cidade.

Palavras-chave: Pornografia. Representações. Prazeres. Práticas Sexuais. Consumo.

ABSTRACT

This search aims to understand the construction process of bodies and sexualities from the relationships established a net porno in the city of Goiania, GO – Brazil. The net porn is place to break with hetero-normative logic by offering pleasures that must be socially watched, but still does not break continuity with some established by sexual matrix. Thus, we seek to highlight the forms of representation that provide goers from the experiences that keep within the net porn. It is, therefore, to understand the intricacies of the construction of bodies and sexualities made possible from the sexual practices and consumption found on the net porn city.

Key-words: Pornography. Representation. Pleasure. Sexual practices. Consumption.

SUMÁRIO

	PORNÔ: CONTORNOS, LIMITES E CONTROLES DO SEXO.....	13
1.	PRAZERES NAS MADRUGADAS: CAMINHOS DE UMA PESQUISA SOBRE SEXO.....	25
1.1	NEGOCIANDO MEU OBJETO.....	30
1.2	E AÍ, O QUE A GENTE VAI CURTIR? (OU se a apalpada for boa eu aceito a proposta!).....	32
1.2.1	Como é que tá hoje?	40
1.3	LEITURAS E PRAZERES.....	42
1.4	TRILHAS DO SEXO: transitando na rede.....	48
1.4.1	Experimentando em campo (OU meu corpo que não é invisível)	52
2.	INDO À CAÇA: CONSUMO, CORPOS E SEXUALIDADES NOS CAMINHOS DO SEXO DA CIDADE.....	60
2.1	O ROÇAR DOS CORPOS QUE SE ESBARRAM.....	67
2.1.1	Corpos errantes (?) que desejam e são desejados	74
2.2	CONSUMINDO PRAZERES E DESMANCHANDO FRONTEIRAS.....	81
2.3	ASSIM EU NÃO GOSTO! (OU TÁ PENSANDO QUE É BAGUNÇA?!).....	87
3.	ENTRE GEMIDOS E SUSSURROS: NOTAS SOBRE O CAMPO.....	91
3.1	NÃO. EU NÃO DOU, NÃO CHUPO E NÃO BEIJO. NÃO SOU VIADO NÃO, CARA!.....	94
3.2	LÁ TAMBÉM SE TRANSA	99
3.3	CUIDADO PRA NÃO DEIXAR MARCAS, TÁ?.....	103
3.4	O QUE ESSA AMAPÔ TÁ FAZENDO AQUI!?.	106
3.5	QUEM VAMOS TER PRA HOJE?.....	108
3.6	QUAL FILME QUE TÁ PASSANDO HOJE?.....	112
	PERIPÉCIAS EM UM CAMPO DE PRAZERES.....	115

PORNÔ: CONTORNOS, LIMITES E CONTROLES DO SEXO

O sexo clínico, privado de toda a calidez do amor – a orquestração de todos os sentidos, toque, audição, visão, paladar; todos os acompanhamentos eufóricos, música de fundo, climas, atmosfera, variações -, forçavam-no a servi-lo de afrodisíacos literários (NIN, 2009, p.8).

As lamúrias de Nin! Decepcionada por ter que escrever sobre o sexo que ela descreve como “explícito, mecânico, exagerado, quando se torna uma obsessão mecanicista” (Ibid., p.11), a autora de *Delta de Vênus, histórias eróticas*, dedica algumas páginas de seu diário a amaldiçoar o Barão que a pagava por tais contos. Para Nin, no tipo de sexo buscado pelo homem faltava algo de elegante, filosófico, de beleza e sedução. O patrono buscava o sexo cru, direto e sem rodeios. E é isso que incomoda tanto a autora: escrever para um velho, sacanagens livres de qualquer tipo de pretensão romântica. Sexo, apenas sexo! Será?

Talvez, o seu incomodo fosse ter que escrever algo de tão baixo valor literário. Como falar de sexo sem as artimanhas e as alegorias poéticas? Por certo, a descrição de uma penetração livre de sentimentos, com estocadas fortes e vigorosas, acompanhada de palavrões e onde as personagens da cena encarem-se mutuamente como objetos de prazer, não se encaixa nos contornos das narrativas de amantes que se doam, se buscam e brindam o amor com seus corpos entrelaçados e entregues um ao outro de corpo e alma.

É fato que a sua erótica, forma como Nin se refere a sua obra, está longe de ser um compêndio de contos onde as práticas das personagens sejam fluidas e livres de qualquer idealização maior que apenas o gozar imediato. Mas, por que estou falando de Anaïs? Porque preciso de um ponto de partida para falar de sexo. E justo do sexo que atemoriza a autora. O sexo categorizado como sujo, vulgar, baixo, barato. O sexo das massas, diriam alguns. Ou melhor, o sexo pensado e comercializado para as massas. O sexo pornográfico.

Obviamente, cercar a pornografia de adjetivos tão marcadamente menores é um reflexo do sistema de ordenamento social das práticas sexuais [heteronormativo] que se imbrica com outras relações que escapam às fronteiras do sexo e se encontram, entre outros locais, no campo monetário, por exemplo.

Outro ponto que precisa ser considerado ao falar em pornografia diz respeito ao que, de fato, é pornografia. Aliás, a pornografia é alguma coisa? Sim, a pornografia é um discurso que tem como eixo o sexo, mas, nem todo discurso centrado no sexo é pornográfico. Logo, sua definição torna-se arriscada. Para alguns, a pornografia é a entrada em cena de elementos que deveriam permanecer escondidos; para outros, pornografia é o consumo de produtos

focados no sexo explícito; há quem advogue que pornografia é o material que leve ao gozo fácil e rápido; para outros diz respeito ao quanto se mostra e de que forma é mostrado; há quem acredite que é o prazer pelo prazer. O conceito se torna múltiplo. Porém, é possível perceber que entre as formulações apresentadas há um elemento de ligação. Em todas elas, há *alguém*.

Alguém que fala, que aponta, que determina e insere a pornografia em algum lugar. Esse *alguém* que diz o que é pornografia promove um deslocamento fazendo-a transitar livremente em todas as direções, ocupar todos os espaços e não ocupar nenhum. Com isso “chegamos ao ponto nodal. Se a pornografia *não é*, uma coisa é clara: sem dúvida ela *está*.” (Moraes e Lapeiz, 1985, p.12, grifo das autoras). A pornografia se encontra onde é colocada. Pode ser em um livro, em uma piada, em uma fotografia ou em um gracejo recebido na rua. Ela [a pornografia] é uma forma de enunciar valor sobre determinadas manifestações de sexualidade que, de forma geral, encontram-se onde não procuramos por ela.

A pornografia permanece entre discursos e juízos de valor, entre jogos de verdade e regulamentações, continuando a marcar uma tensão entre o nominável e o inominável, habitando fronteiras moveáveis entre o que se considera “bom” ou “ruim” (DÍAZ-BENÍTEZ, 2010, p12).

A pornografia passa a ser o sexo que causa desconforto, que é praticado em sigilo e consumido em segredo. É justamente a esse consumo feito em surdina o qual me dedico nesta pesquisa. Interesse-me pelo universo “paralelo” que as cidades oferecem onde corpos roçam uns nos outros; onde é possível se masturbar eclipsado pelos arbustos ou pelo fumê dos vidros do carro; em que, para receber ou fazer sexo oral em alguém, basta entrar em um terreno ou casa abandonada; onde a masturbação mútua encontra-se no mictório ao lado em algum banheiro público.

Os grandes centros urbanos, em suas complexidades, reorganizam as experiências individuais e os próprios indivíduos, reformulando suas relações, seus papéis e suas experimentações, como pontua Velho (2005). Ainda segundo o autor, “as relações entre as diferentes categorias sociais dão-se num processo dinâmico em que as variáveis econômicas, políticas e simbólicas geram novos significados continuamente.” (ibid., p.13), neste jogo de novas formulações para os indivíduos e da re-apropriação do espaço urbano, as cidades passam a oferecer aos seus transeuntes locais espaços para serem utilizados para os mais diversos fins. Dentre eles, o sexo.

Estas zonas de “sexo livre” em meio às cidades poderiam ser agrupadas de duas maneiras, mais ou menos fixas, em: comerciais ou apropriadas. Os locais comerciais compreendem: saunas *gays*, cinemas pornôns, motéis, *dark rooms* e outros estabelecimentos cujo foco esteja no sexo. Os *apropriados* são locais, públicos ou privados, que não foram pensados e planejados para sexo, mas, cujo público frequentador o ressignifica para tal fim. Entre esses locais estão: vias, parques e banheiros públicos; saunas heterossexuais; cinemas convencionais; e outros espaços cujo acesso se dá mediante ou não o pagamento de taxas.

Mas, as redes de sexo existentes nas cidades não compreendem apenas os espaços físicos das metrópoles. A interligação entre quem busca aventuras nas cidades é favorecida pelo aumento das tecnologias de comunicação, cuja disponibilidade, incremento e acessibilidade tornam possível à procura por parceiros/as a partir de um trajeto virtual que dispõe de *sites*, *chats*, comunidades virtuais e aplicativos que podem ser acessados de aparelhos celulares, *smartphones*¹, computadores pessoais ou *tablets*². O aumento da tecnologia de internet em banda larga no país, a famosa 3G, e o barateamento no custo de alguns aparelhos com funções de internet, faz com que essa busca torne-se fluida e difusa, já que não há mais o impedimento da imobilidade – como ocorre com os computadores pessoais – e os novos dispositivos de acesso à virtualidade podem ser carregados no bolso.

Mas, quando se trata de sexo, sua procura e oferta nunca se dão livre de tensões. Apesar de fazer parte do cotidiano urbano, há uma série de regulações para o seu aparecimento no dia-a-dia. Ainda que praticado de forma consensual, entre pessoas de maior idade legal e em locais específicos para o fim, o sexo é cercado por obrigações e impedimentos sociais, principalmente, por ser enquadrado dentro dos limites do privado.

Essa diferenciação entre o público/privado gera movimentos contraditórios na organização social e na ocupação do espaço urbano. Embora não tenha pretensões em me alongar sobre essa dualidade, é preciso que me debruce, rapidamente, sobre esta questão.

Apesar de a cidade ser um espaço público e coletivo e seu interior conter as mais diversas formas de manifestações e experiências, nem todas as possibilidades são cabíveis em seus limites. Vejo isso como um desdobramento do sistema binário público/privado. Ainda

¹ São aparelhos de telefonia móvel que extrapolam os limites funcionais de celulares comuns e oferecem uma série de ferramentas que incluem desde a possibilidade de carregar arquivos de áudio e vídeo até o acesso a internet. Alguns aparelhos possuem aplicativos que quando “baixados” integram seus/suas donas/os a redes de relacionamento. Entre esses aplicativos, está o *Grinder* um aplicativo desenvolvido para aparelhos que dispõem de tecnologia OVI e Android e que indica, a partir de tecnologia GPS, pessoas que encontrem-se *on-line*, e a distância entre elas. É muito utilizado pelo público gay na *caça* – que é quando se sai à procura de parceiros para sexo. Neste dispositivo é possível o envio de fotos e a disponibilização de informações e gostos pessoais de seus integrantes.

² Assemelham-se a notebooks, mas, com algumas diferenças de layout e funções.

que o privado caiba e seja reproduzido em público, há uma série de cerceamentos legais e sociais que atuam na regulamentação do privado na esfera pública. Desta forma, espera-se que não se admita e que sejam combatidos determinados comportamentos vistos como reservados exclusivamente para a intimidade. Sexo, por exemplo.

O sexo, então, se encontra submetido a uma série de pressupostos para que seja posto em prática e, por vezes, de muito jogo de cintura para que seja consumado. Os locais comerciais precisam atender uma série de exigências, que vão do alvará de funcionamento até um laudo da vigilância sanitária, e quem os frequenta precisa atestar que se encontra dentro da maioria legal para ter autorização para o ingresso em seus interiores. Já as áreas apropriadas, principalmente as não comerciais, requerem certo cuidado para que seus/suas usuários/usuárias não incorram em situações que os/as coloquem em conflitos legais. Com isso é preciso que sua ocupação seja feita de forma a não chamar atenção de outras/os que não estejam, em alguma medida, inseridos/as na rede, fazendo com que as práticas aconteçam de forma camuflada em seus interiores.

Essa vigilância sobre o sexo não é nova ou mesmo recente, data do fim do século XVII, quando ele passa a ser uma preocupação das autoridades e se transforma em umas das esferas sobre a qual passa a incidir os efeitos coercitivos de dominação social (Foucault, 2007). Surge então todo um aparato ao seu redor que visa esmiuçá-lo, desdobrá-lo e fazer sua categorização (ibid.). A partir da escuta temos a proliferação dos discursos sobre o sexo e “a multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do poder” (ibid., p.24). O poder passa a gerir os corpos e a vida privada, determinando relações e experiência transmutando-se no que Foucault (ibid.) define como *biopoder*.

O corpo e suas práticas passam, então, para um sistema de vigilância que pune e bonifica de acordo com suas apresentações e cujo monitoramento é feito a partir não apenas de um ponto fixo, mas, de vários locais de produção de saberes sobre o sexo. Essas diversas esferas discursivas lançam seus tentáculos na categorização das práticas - cada uma usando os seus recursos: religião, ciência, leis, linguagem. A regulação do sexo cria uma hierarquização que impõe e logra posições, supostamente, fixas aos atores e atrizes sociais. O sexo deixa de ser apenas sexo e se torna uma categoria tomada e disputada por várias frentes que buscam o controle sobre a sua “verdade”.

Nesta disputa, certos prazeres tornam-se vilões e suas aparições são puníveis com diagnósticos médicos, sanções jurídicas e condenações ao sofrimento eterno. Doente, criminoso e pecador, são agora personagens possuidores de sexualidades vistas como desviantes que precisam ser controlados, punidos e separados da esfera pública. Cria-se a

sexualidade sadia, o prazer conformado, a economia do sexo e das práticas. É preciso atender uma série de fatores para que se faça inteligível socialmente e produzir arranjos contínuos é o que se espera para que se alcance tal intento.

Forma-se um sujeito universal, livre de intermitências, de abalos ou rupturas que possa ser compreendido³ inteiramente e cujo molde forjaria sua aparição em diversos contextos, épocas e lugares. Desconsidera-se o tempo, o espaço e as experiências pessoais e suas implicações na formação das subjetividades dos sujeitos e em suas sexualidades.

Neste sistema coercitivo procurar por sexo em um terminal rodoviário, por exemplo, passa a ser punível não apenas pela lei, mas, pelo social, pois, implica em subversão de regras estabelecidas para o sexo.

Entretanto, como os sujeitos se encontram em constante deslocamento em busca de prazer, assim também estão as fronteiras reguladoras do sexo. Há outras variáveis envolvidas no jogo dos prazeres das cidades que se entrecruzam e fazem os deslocamentos nas barreiras do prazer consumido na esfera pública. Gênero, sexo – aqui compreendido como aparato biológico e estruturado a partir de uma vagina ou pênis -, geração, raça e classe são exemplos de marcadores sociais de diferenciação que se articulam e modificam a relação social com as práticas sexuais.

Cria-se uma maleabilidade em torno do sexo a partir de recursos simbólicos (Bourdieu, 2009) disponibilizados pelos indivíduos. Assim, quem agrupa marcações legitimadas como socialmente superiores gera uma série de concessões à sua sexualidade, ao passo que, aquelas e aqueles cujos traços diferenciadores sejam percebidos como menores se mantêm delimitados pelas barreiras impostas para a sexualidade.

É então no âmbito da cultura e da história que se definem os sujeitos, as identidades sociais (todas elas e não apenas as identidades sexuais e de gênero, mas também as identidades de raça, de nacionalidade, de classe etc). Essas múltiplas e distintas sexualidades constituem os sujeitos, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou grupamentos sociais (LOURO, 2007, p.12).

Buscar por sexo é, também, se colocar em uma arena de negociações e mediações onde o que está em jogo é muito mais que os prazeres; trata-se de legitimações e interdições, do que serve ou não para circular livremente. Os contornos, barreiras e limites são ao mesmo tempo os produtores de suas rupturas fazendo emergir de suas fendas aspectos e práticas

³ O uso do gênero masculino deve-se ao fato de que o sujeito universal era do sexo masculino.

responsáveis por implodir a domesticação dos corpos e a obtenção de gozo. O terreno escorregadio do sexo e de suas práticas “dissidentes”⁴ é antes de tudo um local de produção de sujeitos e práticas que desafiam as cercas sociais, mas, que precisam ser encaradas dentro de um sistema de relações e trânsito. A dissidência deve ser pensada então como a manifestação daquilo que causa desconforto ao conjunto de valores individuais dos/as envolvidos/as nos contextos de busca por sexo. Trata-se de um processo de ruptura de padrões hegemônicos que são reconhecidos e tolerados sem, contudo, corresponder de fato a um ideal compartilhado na mesma intensidade socialmente. De tal forma que a dissidência se encontra nos limites do tolerado por cada ator ou atriz social no escopo dos seus prazeres.

A tolerância torna-se então a medida definidora dessas barreiras simbólicas pensadas hegemonicamente como limitadoras dos prazeres e cujo ultrapassar implica a ocorrência de uma transgressão (Bataille, 1987), visto que esse momento de ruptura incorreria no esfacelamento dos sujeitos e de suas humanidades inteligíveis dentro dos pressupostos e normas sociais.

Em um movimento retroalimentado, cultura e sexo se fazem nos e os sujeitos a partir de um arsenal alinhavado em todas as esferas de circulação social - escola, grupamentos religiosos, espaços de sociabilidade, família, hospitais, etc. A produção dos sujeitos – constante e ininterrupta - é feita por todas as vias de circulação e, entre essas vias de difusão de discursos sobre o sexo, a que interessa a este trabalho é a mídia.

SEXUALIDADE MEDIADA: o sexo da mídia e a mídia do sexo

Em meu trabalho de conclusão na graduação, discuti de que forma o trabalho jornalístico impresso se encontra implicado pela heteronormatividade (Matos, 2009) e o seu discurso deve ser compreendido como performativo. Com isso quero dizer, seguindo a linha

⁴ A dissidência compreenderia: “Práticas sexuais e eróticas que desafiam os efeitos políticos da abjeção/repugnância, ou seja, aquelas que se situam nos campos de impossibilidade significativa, mas que com a sua existência precisamente corroem, toda vez que denunciam, o ponto de não sutura das sexualidades instituídas” (DÍAZ-BENÍTEZ & FÍGARI, 2009, p. 21). São práticas que se afastam dos limites da heteronormatividade - que é a matriz de condução da sexualidade, que se pauta a partir de uma série de continuidades entre corpo/sexo/gênero/desejo/prática. Neste sistema [heteronormativo] o padrão que “importa” é o masculino, cristão, branco, classe alta e heterossexual. De acordo com esses pressupostos a heterossexualidade seria o fim “natural” dos indivíduos. O uso do termo entre aspas serve para marcar e problematizar a sua utilização para a designação destas práticas que desestabilizam o sistema das sexualidades economicamente viável e se apresentam como elementos possíveis da sexualidade mesmo que socialmente intolerados e combatidos. Cabe ressaltar que o termo é pensado primeiramente por Rubin (1989).

de pensamento de Austin (1955), que o conteúdo disponível nos jornais não descrevem ou informam fatos, mas, *produzem fatos*.

Isto significa que, em jornalismo, a notícia é responsável pela criação do fato. Desta forma, os sujeitos envolvidos nas notícias não são descritos, eles *são produzidos enquanto sujeitos*. Um bom exemplo deste movimento são as matérias que se encontram nas editorias de polícia, que podem ser pensadas como a periferia do jornal. Nelas é comum o uso dos termos *bandidos(as)*, *acusadas(os)*, *estuprador(es)*, *marginais*, que, em um processo linguístico performativo, transformam os indivíduos no que se diz sobre eles. Assim, um homem acusado de estupro, por exemplo, se torna um estuprador. Isso não ocorre apenas no jornalismo impresso, mas em outros meios de produção e difusão de conteúdo jornalístico e de entretenimento.

A mídia passa então a ser a mediadora dos fatos e relações sociais, tornando e tomando a sexualidade como assunto urgente em seus produtos e, por ser uma instituição sócio-simbólica, torna-se mais um local de produção de conhecimento sobre o sexo.

O sexo produzido pela grande mídia é de forma geral conformado com os discursos hegemônicos e muito pouco preocupado em romper com as amarras dos domínios heteronormativos. Assim, a sexualidade dos produtos da mídia é o de reforço de padrões e experiências considerados ideais e tem como contraponto a negligência, a ridicularização e deslegitimação de determinadas vivências.

Sobre a representação estereotipada, preconceituosa e sua incidência maléfica sobre a constituição de subjetividades e de identidades, parte-se do pressuposto de que os discursos não apenas nomeiam a realidade, mas também têm o poder de instaurá-la, fazendo com que a produção discursiva, em suas mais diferentes manifestações – científica, acadêmica, religiosa, tradicional e, neste caso específico, cultural e midiática –, revista-se de particular importância, por permitir, ao mesmo tempo, mapear as construções de sentido predominantes em uma sociedade, bem como identificar o lugar social daqueles que detêm o poder da palavra, os que proferem os discursos considerados legítimos e oficiais.

Em relação aos processos de construção e de reafirmação de identidades, os media, ao longo dos anos e em toda a sociedade tiveram ampliados o seu espaço e importância no conjunto da produção cultural, como também na construção do imaginário social (MENDONÇA, 2009, p. 40-41).

O que vemos relacionado ao tema sendo produzido pela grande mídia prioriza a sexualidade masculina branca, assepsia das práticas, com a exigência de monogamia e bases ideárias no amor romântico para mulheres, reforço de família e casamento como concretude

da felicidade⁵. Por reproduzir o contexto no qual se encontra instalada – e afetar esse contexto na mesma medida -, é interessante notar como nos produtos, principalmente os de entretenimento, os discursos são os de naturalização de certos sentimentos e comportamentos, reproduzindo conceitos caros ao sistema da matriz heterossexual.

Nota-se, por exemplo, que as personagens femininas são as mais violentadas em decorrência de seus comportamentos ligados ao sexo. Ainda que vivam relações destroçadas é comum que essas personagens se mantenham ligadas em seus arranjos, sendo rotineiramente representadas como mulheres amarguradas, tiranas e desalmadas quando buscam saídas ao esquema que as prendem em suas teias de relacionamento. Paradoxalmente, aos seus companheiros é facultado o direito de buscar felicidade e prazer nos braços de outras parceiras. A sexualidade dos homens – heterossexuais, é preciso que se demarque -, na mídia, assim como socialmente, é experimentada de forma mais fluida.

Se aos personagens masculinos cabe a busca por gozo fora dos arranjos sentimentais, as personagens femininas pagam tributos por suas “escapulidas” e precisam peregrinar e buscar se redimir de seus atos para que possam ser aceitas e dignas de perdão. Um caso que considero bastante exemplar sobre o tema ocorreu na novela *A Favorita*⁶ e envolvia a personagem Dedina; seu esposo Elias, prefeito da cidade; Damião, melhor amigo de Elias. Em resumo, esta mulher se envolve com o melhor amigo do marido é descoberta e expulsa de casa, acaba na rua sendo desprezada pela maioria da população do lugar onde vivia. Paralela a essa questão, Dedina sempre viveu a sombra de um antigo amor de seu marido - que ele faz questão de lembrá-la sempre. Não obstante, tal mulher, após cumprir uma sentença judicial retorna a cidade e a vida de Elias e passam a se envolver novamente. Elias perdoa Damião, que também é perdoado por sua noiva e, neste momento a culpa de todo episódio recai exclusivamente sobre Dedina. Ela é a mulher traidora. Ela que é a desfrutável. Em uma cena extremamente forte, durante um jantar – por questões de saúde, Dedina acaba retornando a casa por iniciativa da antiga/nova companheira de seu ex-marido -, ela começa a questionar o uso de suas pratarias e baixelas, de sua toalha de renda presente de casamento e do fato daquelas pessoas estarem usando sua casa, suas lembranças, suas coisas sem seu consentimento. Pouco depois, a personagem morre e todos seguem seus caminhos felizes com seus amores.

⁵ É importante ressaltar que há produtos dentro da grande mídia, cujas personagens escapam a esse modelo de sexualidade idealizada e continuada.

⁶ Novela de João Emanuel Carneiro e colaboradores para a Rede Globo de Televisão. Exibida entre junho de 2008 2 janeiro de 2009, naquele que é considerado o horário nobre das telenovelas no Brasil: às 21h. Informações colhidas diretamente no site da emissora.

Talvez tenha me alongado um pouco no exemplo, mas, ele demarca bem o que discutia: o reforço dos lugares e a forma como os indivíduos devem organizar suas sexualidades. Essa organização pressupõe que determinadas individualidades tenham suas práticas afetivo-sexuais apagadas ou apenas sugeridas em alguns produtos como é o caso das aparições de personagens gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais, intersexuais, deficientes, idosas.

Essa atmosfera me lembra Bataille (1987) e a aproximação que ele faz entre morte e erotismo. Para este autor, a morte nos coloca em frente ao destino ao qual estamos fadados desde o nosso começo e por isso nos causa repulsa por nos colocar diante de nós mesmos enquanto seres descontínuos. O erotismo, ainda segundo o autor, também nos coloca em contato com as discontinuidades, pois, nos revela que somos seres fragmentados tentando uma unicidade. O que me leva à reflexão de que o aparecimento de determinados arranjos expõem mais duramente os seres enquanto descontínuos. Se o domar a sexualidade e lidar com a morte são processos de interdição e suas transgressões significam um retorno à suposta essência natural e, por isso, sofreram interdições em nome da ordem social, determinadas práticas demandariam transgressões ainda mais profundas no tecido social, pois configurariam arranjos “não naturais”.

É óbvio que aqui estou me debruçando sobre a mídia feita no país para veículos de comunicação abertos sem levar em consideração a produção das televisões por assinatura, conteúdo de internet, revistas especializadas, produtos estrangeiros e outros meios direcionados a públicos específicos. Na mídia massiva – massiva entendida como irradiada sem estabelecimento de barreiras para o consumo e visando a grandes fatias de público. Não há pretensão de emitir juízo de valor ao empregar o termo -, o sexo é tímido, limpo e normativo. Sexualidades desviantes ou fronteiriças são de forma geral: sugeridas, adoecidas, pecadoras, criminosas, etc.

Mas, o sexo encontra espaço para se mostrar mais à vontade no espaço midiático. As televisões por assinatura, a internet e as revistas especializadas, por exemplo, são espaços onde ele [sexo] pode ser visto “mais livre”. Entretanto, é preciso ressaltar que mesmo nestes locais há regulação, principalmente, no que diz respeito aos avisos sobre o conteúdo. Blogs e redes sociais que disponibilizam acesso a conteúdos pornográficos, promovem interação sexual entre seus usuários ou aglutinam pessoas que compartilham o gosto por determinadas práticas contêm advertências sobre o conteúdo, a exigência de comprovação de maior idade legal e a opção de “tem certeza que deseja continuar?”, como movimentos que indicam, em

alguma medida, que o sexo precisa de exigências para ser mostrado, acessado e praticado. O mesmo ocorre com revistas de nudez e alguns programas da TV por assinatura.

Aliás, o sexo nas TVs pagas me parece ser um ponto ainda não resolvido pelas operadoras e pelas produtoras. Se por um lado temos uma maleabilidade no que diz respeito a fugas de padrões heteronormativos e da heterossexualidade como sexualidade preponderante, por outro, essa fuga é observada dentro de determinados controles, dentro de um enredo, da construção da subjetividade das personagens e até mesmo mantendo-se um mínimo de assepsia ao serem mostradas. Vale corpos nus, práticas não heterossexuais, comportamentos de gênero que borrem o binarismo, práticas em planos mais abertos e mais evidentes, mas, sem que haja uma ruptura total com qualquer controle. Não há o explícito, não há a evidenciação dos corpos, dos prazeres, o que há é uma sugestão mais ampla e mais direta da sexualidade e de seus domínios do que a que vemos nos canais abertos. Há implicitamente uma tentativa deliberada de afastar esse conteúdo de uma aproximação com a pornografia. É demarcado que sim, há um ultrapassar de barreiras, mas que essa superação vai até o limite em que não possa ser confundida com pornô.

A pornografia é o espaço midiático do sexo. É o local onde o sexo é o protagonista e não um elemento secundário. É na pornografia onde se evidenciam as práticas, os corpos, os prazeres e os gozos, onde o sexo se encerra nele mesmo com a finalidade de entreter seus consumidores sem que se perca ou fique camuflado em meio a uma trama que o justifique. Obviamente, é a pornografia, também, um local controlado, seus protagonistas precisam obedecer a uma série de exigências, seus consumidores precisam estar dentro de uma determinada faixa etária, sua comercialização precisa ser feita observando-se determinadas logísticas, entretanto, é em seu conteúdo que vamos encontrar o sexo feito/encenado de forma direta.

A pornografia se insere na rede midiática e se liga às redes de sexo nas cidades. Se liga não apenas por seu consumo, mas também por ser um canal de produção de discursos sobre o sexo, sobre os corpos e sobre os prazeres. No processo de midiatização, a pornografia, como todo e qualquer produto de comunicação, cumpre seu papel e dissemina conteúdo que passa a ordenar as relações que se estabelecem nas sociedades.

É justamente esse o ponto a que me dedico neste trabalho: o consumo de pornografia como mediador de corpos e sexualidades dentro desta rede de sexo que se encontra a disposição de quem transita pela cidade.

O ponto de partida para pensar essa relação é a retomada dos primórdios da pornografia enquanto indústria e sua atuação na formação e transformação das sociedades a

partir do século XVI, como pontua Leite Jr. (2007). Sua formação a partir do desenvolvimento do maquinário de reprodução e das técnicas de impressão e o interesse do público em ter acesso a conteúdos antes disponibilizados apenas às elites e pensar seus movimentos de aproximação e distanciamentos de posições burguesas.

Aliás, os olhares burgueses sobre a pornografia dizem muito sobre ela, na medida em que determinam o que ela não é. É a partir desse lugar que se estrutura uma série de discursos encapsuladores que tentam afastar determinados produtos e conteúdos dos terrenos pornográficos e que geram embates entre pornô x erótico ou pornô x arte, por exemplo. Há interesses por trás dessas separações – não será, de forma alguma, uma questão esgotada nesta pesquisa - que são ordenamentos políticos de controle e separação como forma de manutenção da hierarquia social.

O consumo é o ponto que determina onde se encontra o prazer na escala dos gozos. As formas de consumo, materiais ou simbólicas, tecem as tramas da pornografia em fluxo paralelo ao movimento de produção de saberes empreendido pelo pornô. *Quais os corpos do pornô? Quais as sexualidades derivam da pornografia? Onde o pornô é consumido na cidade e de que forma é consumido?* São perguntas às quais busco respostas neste trabalho.

A pornografia parece viver cercada de polêmicas - e não seria arriscar muito dizer que ocupa um lugar ambivalente em sua relação com o social. Controlada, mas ao mesmo tempo receitada em algumas situações, o que reforça seu caráter de ferramenta mediadora dentro da pedagogia do sexo. Consumida à surdina, mas se constituindo numa das maiores receitas do comércio mundial. Mostra o sexo sem tapumes, mas submetido a filtros.

Estudar pornografia não significa esbarrar apenas na indefinição de seus contornos, mas na posição que seu manuseio/consumo feito de maneira aberta aloca os sujeitos. Por se posicionar dentro de uma rede comprometida – ou poluída, nos termos de Díaz-Benítez (2010) -, pesquisar pornografia também é uma forma de aproximação deste local de “sujeira”.

Sujeira, inclusive, é um dos pontos que alguns me apontam, em conversas informais, para não frequentar determinados locais em busca de sexo. Entre os locais mais evidenciados por esses discursos encontram-se os cinemas pornôs.

Passeando pela rede do sexo na cidade, mas, focado no pornô, parto em busca das respostas para minhas indagações sabendo que determinadas questões não se esgotarão ao fim desta pesquisa e nem é minha pretensão conseguir esgotá-las.

O sexo, como produção da cultura e elemento midiático, não é, como pude deixar evidenciado anteriormente, algo recente em minha trajetória de pesquisador e sempre me fascinou a forma, como a partir dele, pode-se revelar traços e engrenagens sociais, algo que

Foucault (2007) já discutia e que se revela profundamente eficaz na prática. O sexo produz relações que não se limitam a cama – ou onde cada qual ache mais gostoso -, mas codifica o próprio social criando e movendo barreiras.

Nesse vasto universo do sexo, escolhi o pornô e seu consumo para entender de que forma a mídia age sobre a cultura determinando quais corpos importam e gerindo a sexualidade de quem não se furta a busca de prazer e gozo na cidade. Assim, meu trabalho será dividido em 4 partes.

Em **Prazeres nas madrugadas: caminhos de uma pesquisa sobre sexo**, traço o percurso que percorri para o desenvolvimento de minha pesquisa. De suas ideias iniciais a partir de uma imagem, passando por suas deformações e adaptações, busco oferecer um panorama mais completo possível da forma como foi conduzido o trabalho. Neste capítulo, dispo meu objeto, estabeleço meus caminhos teóricos e metodológicos, dialogando com minhas principais leituras e já introduzindo o campo no qual me inseri para esta pesquisa.

Continuando em **Indo à caça: consumo, corpos e sexualidades nos caminhos do sexo da cidade**, trago a problemática separação entre erótico e pornô a partir da lógica de consumo de bens culturais e como tal perspectiva constrói os lugares e sujeitos nas tramas do sexo em Goiânia. Apresento os principais lugares que frequentei na rede e as suas formas de sociabilidades. Corpos e sexualidades também são o foco deste capítulo.

Entre gemidos e sussurros: notas sobre o campo contém meus apontamentos e reflexões sobre o campo. Aqui articulo minhas leituras e minha metodologia para ler meu campo e esboçar respostas às minhas inquietações sobre a rede do sexo em Goiânia.

À guisa de uma conclusão: **Peripécias em um campo de prazeres (um pequeno relato pornô em uma pesquisa sobre pornografia)** encerra meu trabalho trazendo minhas considerações finais. Ressalto que tais ideias contidas nesta seção não devem ser tomadas como conclusões prontas e aplicáveis homogeneamente em contextos análogos ao meu universo de vivência. Tais considerações – e por isso não faço uso do sentido de conclusão – devem ser entendidas dentro de um lugar, um tempo e determinados contextos encontrados em Goiânia, capital de Goiás, onde, ao longo de dois anos, desenvolvi de forma muito prazerosa – e também sofrida - minha pesquisa.

Vamos falar de sexo?

1. PRAZERES NA MADRUGADA: CAMINHOS DE UMA PESQUISA SOBRE SEXO

27. Ele beija o olho de um cu enquanto uma segunda moça lhe masturba o cu e uma terceira o pau; elas alternam, de modo que cada uma lhe deixa beijar o olho de seu cu, masturbe seu pau e a sua bunda (SADE, 2008, p.295).

No ano de 2009, durante meu processo de conclusão de monografia, sempre recorria à pornografia como forma de aliviar a tensão do meu trabalho. Inclusive, minha pesquisa se favorecia desses momentos de diversão que eu tinha nas madrugadas, pois o foco de meu estudo na época era de que forma as feminilidades e masculinidades se mostram no jornalismo impresso, o que me levava a analisar estas marcações nos filmes aos quais assistia. É importante este relato, pois foi em uma dessas madrugadas que nasceu a ideia para esta pesquisa. Ao acessar a página para o download do filme que tinha escolhido, fui surpreendido por uma imagem de penetração que me chamou bastante atenção. Era um casal de jovens e a moça se encontrava deitada de costas em uma cama forrada com uma colcha verde brilhosa. Durante alguns segundos fiquei contemplando aquela imagem com a impressão de que a vestimenta dela, por um truque óptico, fazia com que seu corpo se fundisse inteiramente com a colcha da cama. Mera ilusão!

Como não conseguia ver seus braços e pernas [dela], tive a impressão que estavam cobertos deixando apenas seu tórax nu. Na verdade todo seu corpo se encontrava despido e o fato de não ver pernas e braços era porque ela não os possuía. Perceber-me diante de uma possibilidade até então por mim impensada levou-me a uma busca por outras imagens como aquela – que infelizmente eu não possuo em arquivo – e a constatação de que há uma parte da indústria pornográfica especializada neste tipo de corporeidade.

Devo reconhecer que o desconforto com a imagem, em grande parte, resultou do fato de que eu nunca havia parado para pensar que deficientes físicos fossem portadores de sexualidade e, muito mais chocante, descobrir que esta sexualidade poderia ser comercializada em forma de produto pornográfico. O impacto causado por aquela fotografia e o início das leituras sobre pornografia me levaram a buscar mais informações sobre esta indústria e a conhecer algumas de suas facetas pouco conhecidas e de difícil acesso. Estava diante de algo que realmente valia uma pesquisa. Este episódio coincide com os inícios de minhas leituras do trabalho de Díaz-Benítez (2009) sobre o cenário pornô nacional.

Assim, focando na indústria de entretenimento e no seu aspecto midiático, interessava-me entender os mecanismos de construção de corpos na indústria pornográfica e

de que forma esta articulava discursos de legitimação e deslegitimação e atuava como ferramenta de construção social de corpos. O que procurava era entender a engrenagem de produção de discursos sobre os corpos que emanava das produtoras de pornografia no país e de que forma eram justificados os encaixes de determinadas corporeidades sob os rótulos *mainstream* e *bizarro*. O corpo como um dos principais protagonistas nestas produções passa a ser mediado e midiaticizado tornando a pornografia um canal de propagação de ideais hegemônicos sobre a corporeidade e os desejos.

O corpo e a forma como este corpo era incorporado a um produto rentável na ordem dos milhões de reais anuais, transformando em abjetos (Butler, 2007) corporeidades não conformadas com o ideal de beleza, saúde e “normalidade” eram o foco deste trabalho. Por questões de diversas ordens, foi preciso que tal empreendimento fosse colocado de lado. Fugindo um pouco da proposta inicial, mas, sendo um desdobramento desta, a pesquisa que apresento continua focada na pornografia e em seu consumo. Resultado de uma visita feita em julho de 2010 a um cinema pornô da cidade de Goiânia, capital de Goiás, o novo enfoque mira na forma como a pornografia é consumida na cidade e de que forma influencia na construção de corpos e sexualidades em alguns de seus locais de consumo.

O Cinema *Santa Maria*⁷ foi o local onde busquei algumas informações para a construção de um trabalho que acabou originando esta nova pesquisa. Ao tentar traçar uma análise sobre quem consome pornografia no centro da cidade, acabei por entrar em um universo riquíssimo de história, estórias e possibilidades de análise. Quando comecei a me interessar em incursionar por estabelecimentos⁸ que tem como foco o sexo, o cinema me pareceu alternativa mais acertada à época, não só por ser um local de reprodução de conteúdo pornográfico, mas porque a experiência me mostrava que estudar pornografia com ênfase no seu processo de produção/consumo e não em uma mídia finalizada gerava uma série de negociações e tensões metodológicas. Assumo que, naquele momento, acionar um cinema pornô foi uma estratégia encontrada para poupar esforços, ter menos desgaste ao planejar este estudo e enquadrá-lo no campo dos domínios da comunicação. Por conveniência⁹ escolhi o

⁷ Localizado na Rua 24, centro, Goiânia. É um antigo cinema comercial transformado em cinema pornô após o declínio do centro da cidade como local de diversão e moradia. Para mais informações sobre a história do cinema. Cf. RIBEIRO, 2009.

⁸ Goiânia conta com uma estrutura comercial pensada para o sexo e para o lazer que pode ser aproveitado com sexo. São motéis, pequenos hotéis no centro da cidade, clubes de *strip-tease*, casas para a prática de *swing*, saunas *gays*, boates com *dark room*. Há, também, algumas áreas públicas ou comerciais cujos frequentadores apropriaram-se para práticas sexuais que são: banheiros, parques, estacionamentos e outros.

⁹ No centro de Goiânia, ao início da pesquisa, se encontravam três cinemas pornôs: *Cine Astor*, *Cine Santa Maria* e *Cine Apollo*. A escolha pelo *Santa Maria* deveu-se 1) por ser mais próximo à minha residência, 2) por ser identificado como mais popular, atrai um público mais diversificado, 3) seu público encontra-se mais afastado de padrões estabelecidos como hegemônicos para marcações como: geração, corpo, raça, e 4) oferece

Cine Santa Maria. Minhas visitas passaram a ser frequentes a partir da segunda quinzena de julho, sempre depois das 15h, com média de três visitas semanais e nunca aos sábados e domingos.

Goiânia, 10 de julho de 2010.

Primeira vez em um cinema pornô.

Eram quase 15h quando Antônio me ligou avisando que me esperava na esquina da Rua 24. Marcamos ontem de ir ao Santa Maria. Apesar de já saber do cinema por este estar em uma rua que sempre utilizo como caminho, também o conhecia pelo trabalho de Kabral antes mesmo de mudar para Goiânia. Fazia um tempo que procurava uma oportunidade para conhecer, mas, nunca me senti à vontade para ir sozinho, aproveitando que o Antônio iria fazer uma visita exploratória para um trabalho, e eu próprio precisando de material para um trabalho, vi hoje uma oportunidade para, enfim, atravessar os limites do portal de tijolos vermelhos.

Devo confessar que entrei no cinema meio receoso, pode ter sido impressão, mas era como se quem passasse por ali naquele momento não tirasse os olhos de mim enquanto pagava pelo ingresso. Passamos a catraca. Enfim estava no Santa!

Fomos direto para a sala de projeção. O primeiro choque foi a total escuridão. Os únicos pontos de luz vinham da tela e de uma saleta ao fundo. Fomo para essa sala. Lá uma única fila de poltronas encontrava-se em frente a uma televisão de modelo antigo e um aparelho de DVD. Sentamos em duas poltronas e o Antônio disse para ficarmos ali até que a vista se acostumassem com o escuro. Passava um filme gay.

Nas poltronas ao lado, alguns caras se encontravam sentados. Alguns se masturbando ou masturbando outro. A sala era pequena. Estreita e comprida, mas, pequena, não deve corresponder a 1/3 da sala de projeção principal.

Depois de alguns minutos com vista mais acostumada foi possível perceber o local e caminhar por ele. Aqui e ali se ouviam sussurros ou se via alguém recebendo/fazendo sexo oral. Fiquei imaginando que ali tudo era possível. Pareceu-me o local aonde se vai para experimentar tudo que não pode ser experimentado de forma mais livre fora dali.

Tudo pareceu caber dentro do cinema pornô. Tudo pareceu ser permitido. Pareceu que bastava se aproximar para garantir sexo. Mas, com o passar do tempo e com um olhar um pouco mais sensível, pude perceber que não era bem assim. Não é possível caminhar pelo cinema passando a mão em quem se quer, nem se meter entre quem já está em um intercuro estabelecido. Há regras. Nem tudo é permitido e isso quem estabelece é cada um. Alguns sinais servem para indicar se a aproximação será bem recebida ou não. Um virar de rosto ou uma mão que esconde o pênis dizem muito naquele lugar.

Talvez por ser um cinema próximo ao Eixo-Anhanguera, me pareceu que seus frequentadores são de camadas populares. Também observei que muitos são senhores com idade acima dos 45 anos. A frequência de jovens é relativamente pequena. Os “maduros” é que comandam aquele cinema.

Também há travestis, não muitas, ao menos não hoje – preciso ficar atento a essa frequência -, elas caminham entre as filas de poltronas a procura de clientes. O comportamento delas no cinema me pareceu diferente ao observado em pista. Não há tanta nudez. Talvez seja pela proximidade com o pretense cliente.

(Diário de campo)

Demorei um pouco a me sentir confortável naquele espaço e entre os motivos para o meu desconforto estava, sem dúvidas, o fato de eu ser um pesquisador em busca de informações para um trabalho e a forma como isto poderia ser encarado em outros ambientes, acadêmicos ou não – esta é uma questão que, por enquanto, deixarei suspensa. Retomá-la-ei mais adiante.

Estava diante de uma infinidade de questões que poderiam ser levantadas, analisadas, esmiuçadas e escarafunchadas, em diversas direções nos campos do sexo. A cada ida ao cinema, mais e mais detalhes eram percebidos e acrescidos ao escopo de possibilidades a serem exploradas nesta pesquisa. E estes detalhes eram colhidos das mais diversas formas, em conversas informais, na captação de sussurros, nas idas ao banheiro ou mesmo ao sentar em algumas das poltronas e me perder um pouco na película projetada na tela.

Ainda que essa ebulição de ideias possa ser tomada por bênção, em alguma medida foi também responsável pela falta de foco e o acúmulo de questões levantadas, a princípio, para nortear meus trabalhos – fato que não passou despercebido na banca de qualificação. Portanto, a primeira providência nesta nova etapa foi escolher e priorizar em meu universo de informações coletadas quais me levariam a montar um projeto que fosse viável.

Tendo como base o consumo, detenho-me a investigar de que forma a pornografia faz a mediação de corpos e sexualidades nos locais onde se busca por sexo nas cidades. O foco é a pornografia, mas, passo a pensá-la de forma um pouco mais abrangente e trago dados de outros trajetos pornográficos encontrados em Goiânia.

Em meus caminhos por Goiânia, conheci e aprendi a dinâmica dos locais para trocas eróticas sejam estes *pensados para* ou *apropriados*. E não são poucos. Entretanto, visando à segurança de quem os frequenta opto por não identificá-los nesta pesquisa. Exceção feita apenas ao cinema *Santa Maria*, o qual ao longo de meses frequentei. Também com o intuito de preservar seus frequentadores, decidi que estes não serão nomeados ou identificados ao longo do texto. Priorizar o anonimato e o não mapeamento destes locais é assegurar aos frequentadores o segredo, sob o qual, muitos se mantêm em suas aventuras. Os matizes do segredo parecem serem os tons próprios da busca por gozo na cidade.

Desviantes da norma, quem se aventura nas teias do sexo parece buscar no segredo uma capa de proteção contra possíveis sanções. O sexo, ainda tabu, marca os atores e atrizes sociais, portamos, em alguma medida, estigmas advindos de nossas sexualidades. O fardo que certas marcas acarretam gera, a quem as porta, uma distinção em relação ao restante do corpo social, gerando incertezas, tensões e ambiguidades.

Enquanto o estranho está à nossa frente podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável – num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem (GOFFMAN, 2008, p.12).

As evidências do desvio das normas estabelecidas para gerir o sexo e suas condutas alteram as relações e originam incertezas sobre os indivíduos. Assim, para muitos e muitas que transitam nestes locais, a revelação destas atividades acarretariam perdas das mais diversas ordens. Estas vidas “paralelas” coexistem eclipsadas pelas sombras do sistema heteronormativo, possibilitadas a partir de algumas estratégias desenvolvidas para assegurar a discrição para se integrar neste local controverso.

1.1 NEGOCIANDO MEU OBJETO

O campo de estudo sobre sexualidade no país vem ampliando seus horizontes e abarcando novas discussões, metodologias e leituras - assim como começa a fazer parte da rotina de cursos que até pouco tempo não tinham tradição em pesquisas sobre a temática. Os trabalhos produzidos no país conseguiram ultrapassar as barreiras do gênero e ampliar a discussão para as masculinidades; pensar as relações estabelecidas por indivíduos com sexualidades e outras marcações sociais da diferença; pensar o corpo para além de suas bases biológicas, problematizando suas práticas no seio de culturas e sua formação social; incluir entre os objetos práticas que desafiam as convenções e lógicas sociais; e a possibilidade de pesquisar a partir de locais onde a sexualidade é experimentada.

Entretanto, grande parcela do que se produz sobre o tema encontra-se centrada em áreas como a psicanálise, a sexologia, a medicina, a psicologia e, nas ciências humanas, na sociologia e, sobretudo, na antropologia. Um ponto importante a ser levando sobre as pesquisas deste campo no país é que o grosso de sua produção encontra-se no eixo Rio – São Paulo. Essa concentração leva 1) a quase nulidade na distribuição de trabalhos de outros locais, 2) a tomada de pesquisas realizadas nestes centros por *nacionais*, generalizando experiências ali localizadas como algo que pudesse ser ampliado a outros pontos do país e 3) uma cena muito parecida de marcadores como: raça, geração, classe¹⁰, etc. nestas produções.

É urgente que se *pense o sexo* a partir de outros cenários e outros locais acadêmicos. Assim, ao procurar repostas na pornografia, e em seu processo de construção de significados sociais, enxergo corpo e sexualidade como possibilidades culturais midiáticas de forma que, suas significâncias se encontram atravessadas por padrões de inteligibilidades hegemônicas. Hamburger e Almeida (2002), ao se debruçarem sobre as pesquisas de audiência e a forma como estas buscam respostas para a formação de uma grade de conteúdo que atenda as demandas de suas possíveis audiências, nos revelam que há um anteparo separando temas liberados para serem trabalhados pela mídia e “valores éticos e morais que não devem ser questionados” (ibid., p. 122). Mas, é interessante notar, como apontam as autoras, que vertiginosamente as fronteiras do que é permitido aparecer na mídia vão sendo alargadas –

¹⁰ Esta é uma crítica bastante recorrente atualmente nos espaços acadêmicos sobre o tema, isto não implica, contudo, que esteja desconsiderando que hoje no país multiplicam-se os núcleos de estudos e pesquisas sobre o tema nas Instituições de Ensino Superior e nas mais diversas áreas conversando entre si e produzindo conhecimento, muitas vezes, interdisciplinar. Ao trazer tal reflexão para o trabalho não tenho nenhuma intenção de questionar a legitimidade dos trabalhos produzidos nas duas cidades. Inclusive, farei uso de muitos deles para refletir e analisar minhas questões.

considerando que neste caso trata-se da grande mídia, gerida por grandes empresas e que mantém o monopólio dos meios de comunicação.

Este panorama me leva as reflexões de Downing (2002) sobre *mídia radical*¹¹, pois é possível perceber aproximações entre estes espaços não hegemônicos de produção de discursos e a produção de corpos e sexualidades não hegemônicos em alguns dos espaços que compõem a rede de sexo na cidade.

Debruçando-me sobre as ideias de Downing (op.cit.) sobre mídia radical atrevo-me a alarga-las e inserir em seus limites o corpo. Pensar o corpo como local de produção de sentidos e significados é, portanto, pensa-lo como uma mídia. Uma mídia deslocada da esfera de produção hegemônica, mas, que gera conteúdos sobre os sujeitos e os significa socialmente.

É possível notar, entretanto, que, mesmo não integrando a parte “nobre” do circuito¹², nestes locais são experimentadas uma série de possibilidades corporais e práticas sexuais que denunciam as fissuras das normatizações sociais, se mantendo em atividade e renovando seu público¹³. Há em seus interiores a produção de performatividades geradoras de outros discursos de significância que não os hegemônicos, que legitimam outras formas de sentir prazer, corpos e subjetividades.

¹¹ Seriam locais de produção de conteúdo - de forma geral em pequena escala -, alternativo ao disponibilizado pela grande mídia.

¹² Ainda que sejam construídos discursos legitimadores e de valorização dos locais, o trânsito – tanto valorativo quanto humano -, ocorre em todas as direções. O fato de um local ser entendido como *barato* não impede que sujeitos frequentadores de ambientes lidos como mais *s sofisticados* deles se utilizem e vice-versa. O que eu analiso neste caso é que há um emaranhamento de discursos que tem como fundo uma questão financeira e se liga a outros como: segurança, saúde e higiene, como forma de deslegitimar determinados locais e seus frequentadores. É o caso dos *dark rooms*, por exemplo. *Dark room* significa quarto escuro, em inglês. Trata-se de um ambiente escuro disponível em alguns locais de diversão e sexo. Seu planejamento físico impede a entrada de luz, fazendo com que seu interior permaneça escuro e a identificação entre os sujeitos que adentram seus limites torna-se comprometida – há enlaces que se iniciam antes da entrada de seus/suas participantes no ambiente. Durante visitas em alguns locais da rede, inclusive alguns que possuíam *dark*, foi possível escutar falas que ligavam os intercursos ocorridos em seu interior com uma possível contaminação (principalmente), reclamações sobre sujeira e o medo de algum tipo de violência. Entretanto, é interessante pontuar que quando iniciei minha pesquisa havia uma única boate na cidade que oferecia o quarto aos clientes e esta era a boate mais popular e que agregava pessoas de classes, gerações e corporeidades diferenciadas, mas, ainda assim era vista como popular, porque cobrava o ingresso mais barato e oferecia *open bar*. Hoje, após uma mudança de administração, o *dark* encontra-se desativado. Justificativa: Vigilância Sanitária. Há outros *dark rooms* em saunas da cidade.

¹³ Público este majoritariamente masculino. Não é novidade que a sexualidade masculina é a que ganha reforço e é a incentivada a ser experienciada – ainda que dentro de engrenagens heteronormativas -, enquanto a feminina “precisa” ser contida. De fato, no limite, a rede se estrutura ao redor do prazer masculino. Mesmo as mulheres, ou outras figuras femininas, que ocupam alguns lugares – como a prostituição, por exemplo -, ali se encontram para “*darem*” prazer aos homens. Mas, mesmo nesta continuidade, a busca por sexo na cidade se mostra subversiva, pois insere a mulher numa relação de negociação que escapa ao esquema normativo. C.f: Díaz-Benítez (2009), que faz uma discussão sobre mulheres e negociações de sexo que envolvem dinheiro, ao falar da indústria pornográfica no país.

A pornografia também pode ser pensada a partir dessa radicalidade proposta por Downing, uma vez que seus produtos carregam elementos que se contrapõem aos valores hegemônicos vigentes. Mesmo sua linha *soft core* (DÍAZ-BENÍTEZ, 2009; LEITE JR., 2006), que não rompe com tabus morais sobre o sexo em sua produção, encontra-se perpassada por tabus morais: o sexo comercializável, negociações que envolvem dinheiro e pela não obrigatoriedade de vínculos afetivos entre quem a protagoniza ou como desabafa Aniz Nin (2009) em uma carta enviada ao colecionador que encomendava suas eróticas e que insistia na descrição crua do ato

[...] não misturá-lo com emoção, ânsia, desejo, luxúria, lampejos de pensamentos, caprichos, laços pessoais, relacionamentos mais profundos que mudam sua cor, sabor, ritmo, intensidade. [...] É isso que dá ao sexo texturas surpreendentes, transformações sutis, elementos afrodisíacos. Você está reduzindo seu mundo de sensações. Você *o esta fazendo murchar, definhar, drenando o sangue dele* (ibid., p. 11-12. Grifo meu).

Percebe-se que a falta de determinados *ingredientes* no sexo produzido pela indústria pornô, que o desassocia do ideal proposto para o seu acontecimento, o torna um tipo de prazer de segunda linha, menor e efêmero, já que não produz ligações mais profundas entre quem a consome. Torna-se evidente que a pornografia, mesmo que – em termos de bens de consumo – não ocupe todos os locais em que se pratica sexo na cidade, pode ser percebida em pequenos detalhes – filmografia, revistas, etc. -, ou mesmo ser pensada como elemento simbólico destes trajetos, por colocar em cena aspectos do fora de cena (MORAES E LAPEIZ, 1985).

A pesquisa que apresento traz estes locais do sexo fora de cena e vem no lastro dos estudos culturais, os de cunho foucaultiano (2007) e sob uma perspectiva *queer*, que me parece a forma mais sofisticada para pensar as relações que se estabelecem dentro do campo que pesquiso, uma vez que se trata de um local onde definições se tornam traiçoeiras.

1.2 E AÍ, O QUE A GENTE VAI CURTIR? (OU SE A APALPADA FOR BOA EU ACEITO A PROPOSTA!)

Na Inglaterra pós-guerra, por volta do fim dos anos 50, alguns autores passam a se debruçar sobre as mudanças ocorridas nas práticas e modos de vida da classe operária inglesa e na forma como esta passa a se relacionar com os *mass media*. Em 1957, o autor Richard

Hoggart lança o texto *The uses of literacy* (Os usos da cultura), que mais tarde viria a se tornar o trabalho inaugural do que conhecemos como *Estudos Culturais* (ESCOSTEGUY, 2010).

O momento apontado como o nascimento dessa nova perspectiva foi a inauguração do *Centre for Contemporary Culture Studies* (CCCS), em Birmingham, Inglaterra. Com trabalhos voltados para as novas interações, o nascimento dos Estudos Culturais devem ser visto sob

[...] ponto de vista político, na tentativa de constituição de um projeto político, quanto sob o ponto de vista teórico, isto é, com a intenção de construir um novo campo de estudos. Sob o ponto de vista político, os Estudos Culturais podem ser vistos como sinônimo de “correção política”, podendo ser identificados como a política cultural de dos vários movimentos sociais da época de seu surgimento. Sob a perspectiva teórica, refletem a insatisfação com os limites de algumas disciplinas, propondo, então, a interdisciplinaridade (ibid., p. 137).

Sob esta ótica o campo traz para as suas discussões sociabilidades e interações antes descartadas ou com pouca importância nos trabalhos sobre cultura, promovendo uma abordagem que permite a interação entre diversas disciplinas para a análise dos fenômenos sociais.

Os Estudos Culturais entram em cena quase ao mesmo em que a televisão comercial passa a fazer parte da rotina inglesa. Temos, pois, um cenário de novos produtos culturais produzidos comercialmente gerando impactos sociais e modificando a relação com a cultura. No que tange as pesquisas sobre comunicação e mídia, o campo promoveu seu deslocamento para outro patamar. Antes vistos com desconfiança, e até mesmos desprezados, os produtos da chamada *cultura de massa*, passam a ser um dos principais pontos desta abordagem, sendo vistos como produtos dessa nova configuração social.

Autoras como Schulman (2010) e Escosteguy (2010) reforçam a importância dos estudos culturais nas abordagens atuais sobre os estudos de mídia e a importância do surgimento dos produtos culturais para a elaboração do campo de estudos culturais em um processo que, me parece, ser de retroalimentação.

Ao fazer uma análise sobre os textos que possibilitaram o cenário de formação dos estudos culturais, Schulman (2010), atesta que

Estes textos tinham em comum uma preocupação com a condição social e cultural da classe operária, com a redefinição de concepções elitistas e tradicionais de educação e com a definição uma “cultura comum”, suficientemente ampla para incluir a cultura popular ou a cultura mediada pelos meios de comunicação de massa. [...]

O conteúdo dos meios de comunicação de massa parecia fornecer, já no início da história do Centro, a fonte daquela “cultura comum” (p.177-178. Grifo da autora).

Os grifos da autora apontam que o surgimento desses novos locais de produção de cultura entravam em conflito com a cultura elitista do país da rainha. Compreendidos como locais de produção de significados os meios de comunicação não podem ser tomados de forma leviana como simples reprodutores de convenções e fronteiras

Dada a sua crescente expansão e importância, o campo mediático apresenta-se atualmente como um dos fatores mais decisivos e de transformação das sociedades contemporâneas, tanto ao nível dos processos de negociação da vida coletiva e da estruturação das formas gerais de organização do espaço público, como ao nível da definição dos próprios contextos de sociabilidade e dos quadros de interação entre indivíduos. Como espaço de mediação simbólica dos demais campos sociais, de onde tira seu enraizamento e legitimidade, o campo mediático é, portanto, o espaço de publicidade e visibilidade das configurações e reconfigurações que ocorrem no espaço público e que confere à informação o caráter privilegiado de ideologia de uma imensa teia de relações de interdependências que os diversos atores da sociedade estabelecem entre si (MARQUES, 2005, p. 70).

Este processo não pode ser compreendido de forma simples e imediata, mas, como resultado da complexa dinâmica social e a partir das “pressões e contradições que emergem da própria sociedade” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 147).

Os Estudos Culturais abrem, portanto, as portas para que eu possa explorar as tensões geradas pela pornografia nas formas de interpretação que seus consumidores passam a desenvolver sobre as suas vivências e experiências privadas em locais de sociabilidade geridos por estes produtos e onde o sexo é um componente importante no estabelecimento e manutenção de relações.

É interessante notar que, a partir da década de 1970, este campo de estudo se associa a outro local bastante caro ao meu trabalho: os estudos feministas (HALL, 2006; ESCOSTEGUY, 2010; SHULMAN, 2010).

Como movimento dos anos sessenta, o feminismo ocupou o espaço público e fez dele uma arena de disputa política – assim como outros movimentos –, no sentido de desestabilizar a centralidade masculina e tal como os estudos culturais – e é importante salientar que no CCCS, já no início da década de 1970, pesquisas sobre a condição femininas nas fábricas eram realizadas –, também atuava com a dupla proposta político-téorico e abrindo portas para se pensar outros sujeitos e outras experiências.

Os desdobramentos dos estudos feministas, e do feminismo, possibilitaram a inserção dos estudos sobre a sexualidade no espaço científico-acadêmico e propuseram novas formas de pensar e interpretar os sujeitos não mais de forma cristalizada, mas, em suas relações.

O feminismo faz parte daquele grupo de “novos movimentos sociais”, que emergiram durante os anos sessenta (o grande marco da modernidade tardia), juntamente com as revoltas estudantis, os movimentos juvenis contraculturais e antibelicistas, as lutas pelos direitos civis, os movimentos revolucionários do “Terceiro Mundo”, os movimentos pela paz e tudo aquilo que está associado com “1968”. [...] Mas o feminismo teve também uma relação mais direta com o descentramento conceitual do sujeito cartesiano e sociológico:

* Ele questionou a clássica distinção entre o “dentro” e o “fora”, o “privado” e o “público”. O slogan do feminismo era: “o pessoal é político”.

* Ele abriu, portanto, para a contestação política, arenas inteiramente novas de vida social: a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão doméstica do trabalho, o cuidado com as crianças, etc.

* Ele também enfatizou, como uma questão política e social, o tema da forma como somos formados e produzidos como sujeitos genericados. Isto é, ele politizou a subjetividade, identidade e o processo de identificação (como homens/mulheres, mães/pais, filhos/filhas) (HALL, 2006, p.44-45).

Desta forma, me parece possível pensar que os/as principais integrantes da rede que eu pesquiso se colocam na esfera pública – ou nos espaços de sociabilidade que frequentam e pelos quais eu transitei – de forma que escapam as pré-definições que podem ser encontradas em seus corpos. São sujeitos que se constroem no momento próprio de suas interações com outros sujeitos rompendo as fronteiras dos gêneros binários, das sexualidades e dos corpos como fruto de processos biológicos. De forma geral, os caminhos que fiz durante o trabalho de campo me levaram a espaços de sociabilidades marcadamente voltados para o público masculino e de *pegação*¹⁴ gay – o que não significa que o aparecimento de feminilidades ou de sexo heterossexual seja interdito em alguns deles. Entretanto, é preciso que se faça o esforço de compreender que tais marcações de gênero/sexualidade são apenas locais de demarcação de “identidades” que inúmeras vezes se diluem nestes espaços. A própria forma

¹⁴ Segundo Teixeira (2009), *pegação* “designa o encontro entre dois ou mais indivíduos, normalmente, estranhos, com diferentes identidades autoatribuídas, que compartilham o interesse imediato em obter prazer erótico ou sexual.” (pp. 263-264). Ainda segundo o autor entre heteros o termo assume um significado próximo a “ficar”. Acho interessante a separação que o autor faz entre prazer erótico e prazer sexual, pois, parece indicar que o prazer *erótico* se situa em uma zona que gera sensações, mas, que não leva necessariamente ao sexo penetrativo, quase se configurando como um *amasso* ou *preliminares*. Já quando ele fala em prazer *sexual*, a penetração parece se parte integrante desse circuito. Talvez, ainda, essa divisão atenda a uma possibilidade de vir a manter contato direto com demais participantes do jogo, enquadrando o *erótico*, ao que me parece, no campo das possibilidades mais “comportadas”. Essa separação me chamou atenção, pois, irei – mais a frente -, discutir outro binarismo no qual *erótico* é um dos polos: *pornô* x *erótico*.

como eu nomeei o tipo de pegação nestes locais já dá pistas que os limites impostos por essas definições não encontram bases firmes para se sustentar em seus interiores.

Assim, me aproprio de um dos avanços no campo de estudos feministas e que surge no fim do século XX: a teoria *queer*. Esta proposta visa a superar as finitudes identitárias referentes aos gêneros e as práticas sexuais. O *queer* representa uma ruptura e fuga, configurando-se um passeio pelas possibilidades de experimentação que se apresentam sem se prender aos conceitos de aprisionamento e normalização dos prazeres. O movimento ocasionado por esse desprendimento autoritário dos conceitos aprisionadores das experiências pessoais

efetua uma verdadeira reviravolta epistemológica. A teoria queer quer nos fazer pensar queer (homossexual, mas também “diferente”) e não *straight* (heterossexual, mas também “quadrado”): ela nos obriga a considerar o impensável, o que é proibido pensar, em vez de simplesmente considerar o pensável, o que é permitido pensar. [...] O queer se torna, assim, uma atitude epistemológica que não se restringe à identidade e ao conhecimento sexuais, mas que se estende para o conhecimento e a identidade de modo geral. Pensar queer significa questionar, problematizar, contestar todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade. A epistemologia queer é, neste sentido, perversa, subversiva, impertinente, irreverente, profana, desrespeitosa (SILVA apud LOPES, 2004, p. 47-48).

O *queer* é o que se apresenta como desconfortável, é a ocupação do entre lugares sem a emergência ou a mesmo a aspiração de assumir qualquer posição à frente ou atrás. É a remodelação da sexualidade e do corpo, a variação de gênero. É o lugar transitório por essas localidades sentido prazer e gozando a partir de lugares, muitas vezes, impróprios para tal fim aos seguidores da norma. A possibilidade *queer* é um local de produção de outros saberes sobre corpo, sexo e gênero. E, assim como esse *queer*, quem frequenta a rede sobre a qual me debruço se flexibiliza e fragmenta-se em muitas outras possibilidades que não apenas as reconhecidas no campo dos prazeres.

Queer é tudo isso: o estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, *drags*. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o “entre lugares”, do indecível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina (LOURO, 2004, p.7-8).

Nos caminhos que percorri em Goiânia para alinhar os fios dessa rede que propus estudar, percorrem corpos remodelados, marcados, alijados, deslegitimados e ambíguos, que apresentam as mais diversas propostas a quem se apresente disponível a sentir e dar prazer.

Seria bastante incoerente de minha parte que, ao me aproximar de tais ideias, transformasse o sexo vivenciado nestes espaços em descrições clínicas e tomasse os corpos por seus discursos denotativos do plano médico-biológico, o que significa tratá-lo [o corpo] livre de seus sentidos sexuados. Sendo assim, evidencio a importância da utilização de certos léxicos tidos como “vulgares” – ainda que eu entenda que vulgar é uma forma de valorização do comportamento do outro em relação aos meus comportamentos –, para me referir a determinadas partes desses corpos.

Em outras palavras, o que quero dizer é que na pornografia – ao menos na que é encontrada nos espaços que compõem o universo desta pesquisa – não há espaço para palavras como: ânus, vagina, pênis ou seios, por exemplo, pois, estas se referem a partes de um corpo biológico e correspondem a estruturas de um aparelho reprodutivo.

O corpo que percorre a cidade, consome e é consumido na pornografia, possui: cu, boceta, cona, pau, vara, peito, tetas, etc. São essas as partes de um corpo que pulsa de prazer e goza, e que são pronunciadas durante o sexo produzido nestes locais. Não se trata de chocar ou escandalizar, a questão aqui é evidenciar que esse prazer tem um vocabulário – que não faz parte das intenções deste estudo –, que aparecerá nesta pesquisa, algumas vezes com termos incomuns que necessitarão de explicação.

Essa forma de controle da linguagem – ou a exigência de certos parâmetros para se fazer enunciados deste local chamado academia –, me levam a outro ponto de ancoragem nesta pesquisa: o filósofo Michel Foucault.

Entendo que as relações que se estabelecem nos locais que visitei não se dão livres de tensões que não apenas a do *estar ali*, mas, também – e considerando que essa tensão do *estar* seja um desdobramento –, tensões causadas pelas relações de poder que gerem e são negociadas nestes ambientes.

O sexo, apesar de sua aparência natural, encontra-se atravessado e aprisionado por discursos das mais diversas ordens, convergindo e distanciando-se, mas, com a intenção de domá-lo e sobre ele elaborar verdades. Foucault (2007) aponta que sobre o sexo são produzidos saberes a fim de geri-lo, a partir de um projeto de sociedade burguesa.

Neste sistema, a sexualidade não se encerra no indivíduo, mas faz parte de uma articulação maior de produção de saberes e relações de poder que visam garantir a manutenção da ordem social eliminando qualquer tipo de “ameaça” a esse projeto de

sociedade (op.cit). Fruto das transformações sociais ocorridas desde o fim do século XVII e intensificadas no século XIX, a sexualidade, segundo Foucault, configura-se como um dispositivo histórico social também chamado de “dispositivo da sexualidade” (op. cit.), que tem como finalidade agrupar e ordenar os prazeres.

De fato, trata-se, antes, da própria produção da sexualidade. Não se deve concebê-la como uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encandeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (ibid., 2007, p. 116-117)

Há, portanto, tramas e negociações nos terrenos do sexo que implicam em construções sobre os atores e atrizes sociais que se encontram em suas práticas e prazeres. A partir da “cama”, constroem-se sujeitos dentro de uma economia do sexo fundada na atribuição de valores e em processos disciplinadores, que constituem os sujeitos como portadores de sexualidades e do próprio sexo.

Sexo, enquanto “termo descritivo para as diferenças anatômicas básicas, internas e externas ao corpo” (WEEKS, 2007), é um tipo de produção de conhecimento histórico social sobre o corpo. As anatomias, ou as aparências anatômicas dos corpos, também se caracterizam como discursos normatizantes. As genitálias são construções que datam de algum período do século XVIII, pensadas para atender as novas exigências sociais e a separação objetiva entre homens e mulheres.

em alguma época do século XVIII, o sexo que nós conhecemos foi inventado. Os órgãos reprodutivos passaram de pontos paradigmáticos para mostrar hierarquias ressoantes através do cosmo, ao fundamento da diferença incomensurável. Aristóteles e Galeno estavam errados ao afirmarem que os órgãos femininos eram uma forma menor dos órgãos masculinos e, conseqüentemente, que a mulher era um homem menos perfeito (LAQUEUR apud Bento, 2006, p. 114-115).

Temos, pois, a criação de corpos diferenciados a partir dos estudos de dissecação, que procuraram explorar, descrever e diferenciar corpos em um sistema sócio-político-cultural. Não há apenas a criação de homens e mulheres em oposição¹⁵, há a própria criação do corpo e

¹⁵ A esta visão de corpos diferenciados damos o nome de dimorfismo. Antes do século XVIII, a ideia vigente era a de que havia apenas um corpo que se manifestava a partir de sua quantidade de calor interna que determinaria a

de suas bases discursivas. Diferenciam-se homens e mulheres, mas também se tem como resultado a classificação dos corpos a partir da produção de saberes sobre a sua biologia e, ademais, na produção de discursos advindos de outras esferas de “verdades” sobre a matéria corpórea.

Os corpos passam a ser regulados e ter suas aparências normatizadas. Isto implica que há corpos que importam e corpos que não. E não só os corpos, mas as próprias práticas corporais passam a ser geridas por uma série de pressupostos pensados para a domesticação dos prazeres.

Não há só a criação de dois corpos, ao vasculhar mais a fundo, esse discurso cria uma série de corpos e uma profusão de interdições para o uso dos mesmos. Não são mais todos os corpos prazerosos e de prazer, pois é preciso que seja atendida uma série de requisitos para se requerer um corpo como local de gozo, “o corpo metaforiza o social e o social metaforiza o corpo.” (BRETON, 2010). Trocando em miúdos, o corpo é percebido dentro de uma teia de significações e valorizações atuando como suporte para as relações que se estabelecem entre os atores e as atrizes sociais, o que significa que a aparência desse corpo, sua forma de apresentação e suas práticas determinam o local dos sujeitos nas suas redes sociais, tornando-se corpos marcados - marcas que valorizam ou desvalorizam.

Essas marcas são o capital, a partir do qual, se negocia no interior das redes pornô e do sexo. Não se trata, apenas, de marcações físicas e palpáveis, mas, do conjunto de marcas que tornam o indivíduo significado dentro do jogo de prazeres que integram os locais onde este se inscreve na busca por prazer, “não há corpo que não seja, desde sempre, dito e feito na cultura; descrito, nomeado e reconhecido na linguagem, através dos signos, dos dispositivos, das convenções e das tecnologias.” (LOURO, 2004, p.81), isto implica pensar que as relações se estabelecem, também, nas microrrelações que os indivíduos mantêm entre si.

Como processo cambiante e nômade, a busca por sexo na cidade, revela os corpos dentro das esferas específicas que compõem a rede – pensando-a em suas estratificações internas – revela o fluxo de significados atribuídos ao corpo, no interior dessas células. Neste sentido, enxergo o corpo não apenas como produto da cultura, mas como um produto a ser consumido e a consumir. A rede do sexo é permeada por relações de consumo – que não apenas o monetário –, que têm o corpo como capital mais urgente nas negociações que se estabelecem em seu interior.

forma de manifestação desse corpo. Assim, corpos “completos” seriam quentes o suficiente para “expelirem” os órgãos sexuais completamente (corpo masculino) ou se encontrariam frios mantendo-os em seu interior (corpos femininos).

1.2.1 Como é que tá hoje?

É bastante comum que ao chegar ao cinema, ou em outros locais pensados para sexo, e após os cumprimentos iniciais se pergunte como está o local: “E aê! Tá bom hoje?”; “Como é que tá? Tem muita gente?”; “E aí? Tá valendo a pena hoje?”. Essa pergunta, e as suas respostas, dizem mais que simplesmente situar o/a recém-chegado/a sobre a quantidade de público presente no local. Quase sempre o que se esconde por trás de tais diálogos é uma forma de qualificar o público presente: “Uai, até que tá bom!”; “Tá! Tem muito homem hoje”; “Tá não! Só tem bicha!”.

As colocações dizem muito sobre a forma como os corpos e práticas são consumidos dentro dos ambientes para sexo na cidade. Há uma espécie de tabela de classificação onde se articulam comportamentos e características responsáveis de atribuição de valores a quem frequenta estes espaços: raça, etnia, classe, geração, gênero, peso, altura, genital, etc., são pontos que se agrupam para determinar quem vale mais ou menos em seus interiores.

Os lastros dessa mercantilização de corpos pode ser percebido em trabalhos como o de Braz (2010) sobre locais de sexo na cidade de São Paulo, quando ele diz que os frequentadores do “circuito GLS ‘popular’, são chamados de ‘bicha quá-quá’, ‘bichas poc-poc’, ‘bichas um real’, por aqueles que frequentam outros circuitos” (ibid., p 195). Esta forma de determinação de frequentadores das partes menos “nobres” da rede com adjetivos¹⁶ de desqualificação indica que há, na rede, uma forma de qualificar os indivíduos transformando-os em mais ou menos interessantes de acordo com uma série de predicados por eles operados.

Ao visitar mercado *erótico*, Gregori (2010) também dá dicas que há certas características bastante evidenciadas no tipo desejável que é consumido e que se encontra mais disponível nas prateleiras dos *sex shops* visitados pela autora em São Paulo:

Parte-se da noção de que, em um comércio dessa natureza, seja adequado encontrar materiais que acentuem - nas cores, nos formatos, nos objetos - certas violações ao instituído. Esse conjunto de elementos simbólicos é variável histórica, social e geograficamente. Contudo, encontramos no mercado pornográfico um universo restrito de signos, muitos dos quais convencionados em relação a um estilo particular. Melhor dizendo: o comércio de objetos e acessórios sexuais corresponde a um estilo formado por convenções que, ainda que possam sofrer variações, nada têm de muito criativas. Muito couro preto, ligas de meia vermelhas, rendas artificiais, dildos⁴⁶ de tamanhos variados - com certa ênfase no tamanho avantajado -,

¹⁶ Bichas *quá-quá*, *poc-poc* e *um real*, são termos ênicos que compõem um tipo de código linguístico bastante utilizado por gays, lésbicas, bissexuais, travesti e transexuais, conhecido como *bajubá* ou *pajubá*.

imagens de corpos femininos com predominância do tipo ariano e loiro (preferencialmente, um loiro artificial) e seios firmes e enormes. Os corpos masculinos são dotados, predominantemente, de músculos, com particular ênfase a órgãos sexuais imensos (ibid., p. 57)

Pensando o consumo na era dos produtos culturais que se desenvolve no século XX, Lipovetsky (2007) evidencia como a felicidade consumista construída com o auxílio do aparato midiático criou novas necessidades e novos locais de prazer. Há, em suas análises, um ponto que me parece fundamental para entender a relação de consumo atual e a atuação da mídia neste sistema: a apropriação do discurso sobre o bem-estar.

A partir da noção de bem-estar, cria-se uma série de enunciados sobre os mais diferentes produtos para se alcançar tal estado. São fármacos, cosméticos, alimentação, esportes, lazeres, etc. Todos estes discursos se ligam direta ou indiretamente ao corpo que, ao passo que consome também se transforma em objeto de consumo. O investimento no corpo é também a transformação deste em algo desejável.

Bem-estar significa preocupar-se consigo. É um discurso que utiliza noções de limpeza, higiene e beleza. Logo, ao incorporar recursos sob o manto do bem-estar o que se faz é a manutenção de ideais sobre desejo e prazer uma vez que tais procedimentos objetivam a aproximação com o que se constrói como economicamente viável, inclusive, nos terrenos do sexo.

Os corpos vendidos na pornografia evidenciam ideais, não apenas de beleza, mas que se encontrem e mantenham-se aptos a desempenharem as mais diversas práticas da forma o mais vigorosa possível, capazes de manterem a excitação por um longo tempo e de seduzirem a partir do menor esforço.

No terreno das práticas, a pornografia oferece desde o que se convencionou como “normal” até práticas fronteiriças e desviantes consumidas sob o rótulo de *bizarro*. Os caminhos do sexo da cidade, assim como seus produtos, oferece uma série de possibilidades aos seus transeuntes cujo acesso depende de seus desempenhos dentro da trama. Braz (2009) cita uma conversa com um interlocutor em um clube, durante sua pesquisa, na qual este [interlocutor] o compara a “um senhor de cabelos brancos, meio ‘acima do peso’” (op.cit., p.224), como forma de deixá-lo mais a vontade em se colocar nu naquele local – ainda que o estranhamento do autor se devesse ao fato de estar pesquisando nu.

O corpo é um poder simbólico (Bourdieu, 2009) dentro dos jogos de prazer das cidades e, nas palavras de Lipovetsky (2007, p.153. Grifos meus): “Nesse jardim das delícias, o bem-estar tornou-se Deus, o consumo, seu templo, *o corpo, seu livro sagrado*”. Na religião

do prazer, as orações se inscrevem nos corpos e é neles que se busca o necessário para o êxtase.

1.3 LEITURAS E PRAZERES

Afinal, como a pornografia vai mediar o corpo e a sexualidade? Para responder a esta questão, cerco-me de leituras que transitam, assim como eu, pela cidade, por espaços, como a literatura, a filosofia, a antropologia, a comunicação e outros locais que a proposta dos estudos culturais me possibilita visitar e costurar para elaborar a análise de meu objeto (ESCOSTEGUY, 2010; JONHSON, 2010; SHULMAN, 2010).

A partir do *Santa Maria*, Ribeiro (2009) remonta a história das salas de projeção da cidade de Goiânia e, por conseguinte, a história da própria cidade, de seus fluxos e sua reorganização. Do abandono da zona central da cidade como destino de diversão e sua dispersão para áreas mais afastadas e da apropriação das antigas salas de cinema do centro - hoje transformadas em igrejas evangélicas, comércio, cinemas pornô ou mesmo abandonadas e esquecidas pela população goianiense.

Aliás, o destino dos antigos cinemas dos centros das capitais brasileiras parece não fugir a essa lógica. Em São Luís, capital do Maranhão, por exemplo, o *Cine Roxy* localizado em uma esquina na Rua do Egito, foi até recentemente o único cinema pornô da cidade. Localizado na antiga zona do baixo meretrício - e o que é mais curioso, atrás da matriz da cidade -, ele foi um dos primeiros cinemas da capital insular. Sempre despertou curiosidade e sobre ele sempre recaiu a fama de cinema frequentado por *bichas* e *travestis*. Relegado a sina de marginal, o *Roxy*, funcionava em um prédio que compõe o patrimônio artístico da capital maranhense. Recentemente, foi comprado pela prefeitura de São Luís e será reformado para dar lugar a um Cine-Teatro.

Próximo dali na Rua Grande, principal rua de comércio popular de São Luís, esquina com a Rua do Passeio, o *Cine Passeio* foi transformado, ainda na primeira década dos anos 2000, em uma sapataria. Quanto aos outros antigos cinemas, sequer se sabe a localização exata ou mesmo o nome. Será que o poder municipal ao reconduzir o *Roxy* a um local privilegiado tentará apagar seu passado pornô? Será que a higienização pela qual passará irá varrer para debaixo do tapete a história de gerações de frequentadores que ali entravam e aproveitavam as delícias daquela sala? Este devir do *Roxy* é algo que precisa ser acompanhado.

Em *No Escurinho do Cinema: cenas de um público implícito*, Vale (2000) faz a etnografia de uma sala de exibição pornográfica no centro de Fortaleza, capital cearense. O autor retrata cenas do centro da cidade e da malha humana que compunha tal cinema para compreender os processos de sociabilidade de uma cidade que cresce e foge de seu centro, transformando-o em gueto em nome da pretensa modernidade. Neste trabalho, Vale passa por diversas fases desta sala, de sua posição de sala familiar e cinema *cult* até sua apropriação como sala de projeção pornô, expondo assim a transformação da cidade de Fortaleza e seu crescimento impulsionador de novas formas de socialização, sociabilidade e novos locais de busca por diversão - que se afastam dos centros da cidade e que oferecem cadeias de cinemas com várias salas, novos recursos, outros produtos, segmentadas por gêneros e com acesso mais caro que o cinema *Jangada*.

Ao percorrer os corredores escuros de um cinema pornô, mergulha-se em um universo investigativo que se encontra diretamente ligado às formas de urbanização das cidades, entretanto, estas não são foco de meu trabalho. Contudo, quem tiver maior interesse pelo processo de urbanização a partir das salas pornôs encontrará respostas nos dois trabalhos citados.

Ainda traçando um panorama dos cinemas pornôs pelo Brasil, as práticas sexuais manifestadas em um cinema no centro do Rio de Janeiro conduzem Capucho (1999), entre poesias e relatos pessoais, a (d)escrever de forma lírica sobre personagens que frequentavam, em sua época, o *Cinema Orly*. *Cinema Orly* (Op.cit.) são as memórias do autor que retrata a vida e a efervescência desta sala. Ao falar de si, o autor fala e marca os outros que, com ele, compartilhavam aquele espaço.

No trabalho de Capucho (op. cit.), é possível observar a fuga aos limites tão bem delimitados do que se pretende como sexualidade estática. Há outras possibilidades, outras interpretações, outros arranjos, novas formulações de gênero, outras possibilidades de corpo; não se trata apenas do que é reconhecido oficialmente. No universo descrito pelo autor há: *bichas*, *boys*¹⁷, *travestis*, *michês*¹⁸, *pintosas*¹⁹, *machos*, *homens*, *gayzinhos*²⁰ e uma série de

¹⁷ É um termo usado para se referir a homens que se enquadram em um padrão de masculinidade hegemônica. Se liga a características de jovialidade, a ser ativo na transa e é também utilizado para descrever quem exerce o ofício de garoto de programa.

¹⁸ Sinônimo para garoto de programa.

¹⁹ Refere-se ao gay afeminado, mas, não se resume a apenas características de gênero. Pintosa indica também uma pretensa passividade no coito. Ser pintosa significa, também, causar, dar pinta, escrachar nos trejeitos e deboches. As pintosas causam incômodo por se situarem no entre lugares.

²⁰ Termo utilizado para se referir as travestis que estão iniciando seu processo de montagem/transformação e ainda não dispõem de recursos – materiais e simbólicos – que as façam “passar” com maior desempenho por mulheres “de verdade”. O termo também pode ser pensado como forma de chacota lançada a alguém.

outros personagens que podem, aparentemente, ser um só, mas que não são. As personagens descritas pelo autor e citadas acima se encontram aos montes pelos caminhos do sexo em Goiânia, sempre andando e ocupando diversos lugares. São nômades em busca de algum prazer durante o dia ou à noite.

Estes trabalhos discutem as possibilidades encontradas pelos pesquisadores nos cinemas pornô relatados. São trabalhos de campo – exceção ao de Capucho - cuja sexualidade é a condutora das relações estabelecidas entre seus frequentadores. Quase exclusivamente território masculino²¹.

Os três trabalhos citados trazem um elemento que descaracterizam estes locais como exclusivamente masculinos: a travesti. Assim o feminino também é *habitué*, mas, deslocado de seu suposto local original: o corpo biológico. O sexo com pessoas travestis é marcado como socialmente ilegítimo, menor, vulgar. O corpo e o gênero de travestis, e transgêneros de forma geral, sofrem a violência de serem “desmascarados” por não coadunar com o biológico. Estas mulheres que *se fazem* são elementos da rotina do *Santa Maria*. Em etnografia sobre as travestis de São Luís, a antropóloga Juciana Sampaio (2009) descreve as travestis como pessoas que “além de atravessarem as ‘sagradas’ fronteiras dos gêneros, podem permanecer nelas, e mais ainda, deslocá-las se entendermos que falar em uma fronteira é assumir a fixidez dos lugares masculino/feminino” (ibid., p, 12).

Pelúcio (2007), ao visitar a *pista* para uma etnografia sobre travestis em São Carlos, São Paulo, oferece um riquíssimo material para pensar os corpos como construções materiais e simbólicas, além de proporcionar reflexões sobre a atuação do pesquisador de práticas sexuais em relação ao seu objeto. Foi a partir da leitura de seu trabalho que atentei para a necessidade de trazer a discussão sobre a atuação do meu corpo como ferramenta em minha pesquisa – algo que será discutido à frente.

Ao passear pelos clubes de sexo masculinos da cidade de São Paulo, Braz (2010), anteriormente citado, discute a importância do corpo e da *performatividade* de gênero (no caso a masculina) como capital simbólico na economia das trocas sexuais que se realizam nestes ambientes. Sua reflexão como *ser estabelecido em campo* e não meramente um

²¹ Quase exclusivamente porque alguns cinemas pornô oferecem shows de sexo ao vivo, strip-tease e outros, performados por mulheres. O *Cine Apollo*, no centro de Goiânia, é um cinema que oferece este tipo de entretenimento. Além da existência de cinemas pornô com shows protagonizados por mulheres, no *Santa*, por exemplo, há frequência, ainda que ínfima e quase nula de mulheres em situações bastante pontuais. Durante o tempo em que o frequentei, em três ocasiões presenciei a presença de mulheres – algo que será apresentado mais à frente. Fora esses casos isolados em que mulheres ocupam o cinema, a presença de travestis também colabora para a desestabilização destes locais como unicamente masculinos.

pesquisador em observação também serve como aporte para a discussão sobre meu corpo em campo.

A minha atuação em campo e o uso que faço do meu corpo no processo de recolhimento de dados sempre foi uma das minhas preocupações. Como me manter afastado de um objeto que, além de requerer minha proximidade, ainda pode vir a me colocar na zona de desejo dos outros? E como transitar em um local onde, muitas vezes, fui confrontado pelo meu próprio desejo? Achei em Pocahy (2011), respostas que considero mais sofisticadas e que mais *causaram*²², no meio dos estudos sobre sexualidade no país, nos últimos tempos. Pesquisando em ambientes de sociabilidades entre homens mais velhos e/ou corporeidades definidas por ele como abjetas, o autor não se furtou ao se colocar como personagem das cenas que se desenrolavam nos seus locais de pesquisa. Sua metodologia é uma das quais me apropriado para pensar a minha e a forma como eu me coloco na pesquisa.

Uma das autoras mais caras a este trabalho é sem dúvidas Díaz-Benítez (2009) que também investe em etnografia para refletir sobre o sexo no país. Em seus estudos sobre práticas “dissidentes”, a autora dialoga com prazeres que não são considerados próprios, ou melhor, não são considerados satisfatórios para figurarem no espectro da sexualidade normativa e busca traçar um panorama do sexo considerado impróprio a partir dos seus locais de produção e ou prática. Seu trabalho sobre os bastidores do pornô no Brasil é uma das principais fontes teóricas nesta pesquisa. A partir da autora, penso o pornô como uma rede integrada de produtos culturais de sexo e que, como rede, abarca diversos locais de produção e consumo destes bens.

Outro importante aporte é a pesquisa de Leite Jr. (2006) sobre pornografia “bizarra”. Neste trabalho, o autor faz uma genealogia pornográfica e demonstra como a pornografia é um campo de contestação e subversão social de suas bases primárias, como crítica política, até o seu estágio atual, enquanto indústria que se ramifica em diversos segmentos, a pornografia sempre figurou no espaço público como local de manifestação do indesejável ou proibido, desestabilizando normas e colocando em cena elementos que “deveriam” permanecer escondidos.

Destaco também o trabalho de Abreu (1996) sobre pornografia como um grande aliado durante minha pesquisa. O retrato da pornografia no Brasil e no mundo e as implicações da relação entre pornografia e consumo foram fundamentais em minha pesquisa.

²² Causar significa abalar, mexer, gerar barulho, impacto.

Como venho discutindo, o prazer pornô não se encontra apenas nos produtos culturais disponibilizados pela indústria pornográfica. O tesão e gozo do pornô se encontra em outros locais que não apenas aqueles caracterizados por disponibilizar pornografia manufaturada a seus frequentadores, ele encontra-se também em outros palcos pela cidade, legitimando corpos, práticas e experiências. O prazer pornográfico encarna diversas formas e, como demonstra Gregori (2010), ocupa um lugar de ambivalência, pois desestabiliza de um lado as normas regulatórias do sexo sem que consiga, de fato, ultrapassar determinadas continuidades próprias da matriz sexual.

Não dá para falar em pornografia no país sem citar o trabalho pioneiro de Moraes e Lapeiz (1985), duas autoras que, desde a década de 1980, são referências para quem envereda pela pornografia como objeto de estudo no país. A discussão proposta pelas autoras vai além da tentativa de definição do que vem a ser pornô. A leitura de *O que é pornografia* (op. cit.) leva o leitor a perceber pornografia como um fluxo de implicações sociais e não apenas como um produto da indústria de bens culturais. Pornografia, segundo as autoras, encontra-se no ponto onde não a deixamos, mas, onde os outros apontam as nossas práticas.

Ainda que a busca por sexo pela cidade, seja na virtualidade ou por/entre suas ruas e avenidas, se configure como uma possibilidade transgressora há determinados pontos não ultrapassados que barram seus maiores efeitos políticos e sociais. A busca pela felicidade imediata é o que sugere Lipovetsky (2007), ao analisar as formas de consumo nas atuais sociedades mediadas por discursos midiáticos de consumo, que transformam em produto e desejo tudo o que podem alcançar: inclusive o corpo e o sexo. Duas esferas que se encontram, atualmente, absurdamente atravessadas de discursos construídos pela indústria cultural e que se espera que desempenhem práticas de acordo com os padrões impostos como essenciais para a formação de sujeitos que importem socialmente.

Esses sujeitos que importam são sujeitos que “fabricam” em seus corpos *performances* consideradas ideais dentro do universo sustentado por discursos de ordem médica e religiosa, por exemplo. Que falam em continuidades e de uma pretensa natureza humana, que determinaria as condutas dos indivíduos, não permitindo perturbações e desordem à matriz heterossexual de produção de sujeitos. Tal perspectiva é resultado dos estudos sobre as identidades de gênero da autora estadunidense Judith Butler (2008). A autora segue a linha dos estudos feministas, principalmente a vertente originada no fim dos anos de 1980, que problematiza a construção dos gêneros de bases biológicas e o aloca nos limites do discurso. Para Butler, os sujeitos são resultados de uma tecnologia discursiva que não aceita falhas e descarta aqueles e aquelas cujas performatividades não se enquadrem nos limites do sistema,

nas fronteiras da abjeção (op.cit.), um local de não humanos, mas, de produção de sujeitos políticos e de subjetividades.

Os locais que percorri em Goiânia poderiam ser encarados como locais de produção dessas abjeções descritas pela autora. São ambientes em que muitas vezes a sujeira não é apenas um dado simbólico ou onde a deformação não se faz unicamente na fisicalidade. Meu campo incorpora outros sujeitos, outras sexualidades e outros corpos muitas vezes marcados e diminuídos em outros instantes e outras localizações espaciais.

Como demonstra Louro (2004, 2007), os corpos demarcam os sujeitos e os fazem históricos e sociais. Coloca-os em relação ao outro e determina suas interlocuções. É sobre o corpo que atua a cultura, ao mesmo tempo em que esse corpo constrói a cultura. A construção cultural do corpo é a própria construção da cultura. Um processo cíclico, interminável e de retroalimentação.

Le Breton (2003, 2010) e suas considerações sobre a forma de pensar corpo para além de suas fronteiras materiais, mas como um projeto social e político, resultado da “soma de partes destacáveis à disposição de um indivíduo apreendido em uma manipulação de si e para quem justamente o corpo é a peça principal da afirmação pessoal” (ibid., p.28), colocam o corpo como parte integrante das subjetividades políticas, articulando em sua superfície processos discursivos, tecnologias, aprendizados e práticas que significaram o sujeito dentro de suas relações.

É fato que nesta rede que me propus a estudar os sujeitos são seus corpos e as práticas que desempenham. Suas inteligibilidades se dão nos interiores desses locais a partir de suas performatividades. Ainda que escapem as amarras identitárias ao assumirem outras possibilidades que não as normativas, há, mesmo que latente, uma chama de organização nestes locais. Ainda, nestes ambientes de fuga e “descontrole” das normas, percebe-se os tentáculos do poder e de sua força atuando sobre os corpos. Para Foucault (2007), o controle dos corpos é sintoma de uma sociedade normatizante que busca dominar os sujeitos a partir da domesticação de suas experiências e sensações. O bio-poder, é a tentativa de se adestrar os sujeitos e suas condutas infligindo sobre o corpo os discursos de normalização social.

A transgressão aos contornos erigidos para os sujeitos levaria a morte segundo Bataille (1987), entretanto, essa morte não pode ser tomada como extermínio físico, mas, como aponta Gregori (2010), pensada em termos de dissolução das identidades sociais. O sentido aqui é o da morte do sujeito normativo e estável.

A sexualidade, como uma das barreiras da construção dos sujeitos, configura-se como um desses terrenos cujas interdições levariam a dissolução dos indivíduos, ao que se observa ter sido um dos locais que o autor [Bataille] buscou para desenvolver seu pensamento.

É interessante notar como o sexo se liga as fronteiras da constituição dos indivíduos e como é uma das categorias utilizadas para bonificação e punição social. Rubin (1989) é pioneira na análise das sexualidades fronteiriças e a partir de suas ideias é que se cria o campo de estudos das sexualidades “dissidentes”. A autora trabalha com a ideia de um “círculo mágico”, cujas sexualidades e práticas que se encontrem mais ao centro seriam as ideais e consideradas “boas” e as periféricas seriam as más e, por isso, precisariam ser eliminadas.

Entre os prazeres considerados impróprios estariam aqueles que são produzidos longe da formatação monogâmica, a partir de trocas monetárias, inférteis, em público, ao público, que não envolvam relações pré-estabelecidas. A pornografia é umas manifestações da sexualidade que, segundo a autora, se colocaria a margem do que seria uma prática viável. Assim,

El sexo malo es el homosexual, promiscuo, no procreador, comercial o el situado fuera del matrimonio. Será la masturbación, las orgías, el encuentro sexual esporádico, el cruce de fronteras generacionales y el realizado en "público" o al menos en los arbustos o en las baños públicos. Utilizará la pornografía, los objetos fetichistas, los juguetes sexuales o roles distintos a los tradicionales. (RUBIN, 1989, p. 21)

Temos, pois, um panorama de fiscalização do sexo e suas práticas geridas por discursos que, como pontua a autora, encontram na mídia um suporte e uma aliada na disseminação dos usos corretos para o sexo.

1.4 TRILHAS DO SEXO: transitando na rede

Pesquisas cujos focos estão no sexo ou, mais exatamente, em locais onde se pratica sexo não são novidades no país, entretanto, ainda é restrita a produção de material a partir do ingresso a esses locais. Ao explorar o sexo consumido em Goiânia, busco pensar a pornografia não apenas em sua face produtora de entretenimento, mas, como local de produção de sentidos sobre corpos e sexualidades, a partir de meu ingresso nos locais de consumo de sexo na cidade.

A própria pornografia, como indústria de produção de bens de consumo ou os seus produtos, ainda se caracteriza como tema que gera desconfiança e desconforto em alguns

espaços acadêmicos. A proposta que trago em meu trabalho, a observação participante, parece, em alguma medida, potencializar o estranhamento sobre o tema.

Trabalhar a temática não é tarefa fácil. Envolve muita negociação, disputa por limites e higienizações como forma, talvez, de justificar e legitimar a pornografia como objeto de interesse científico. Se o caminho percorrido é longo em estudos sobre os aspectos gerais do pornô, ele se torna árduo em pesquisas que focam na sua produção antes de virar produto – filmes, revistas, etc., e em seus locais de consumo/reprodução.

Partir para o campo e estar onde o pornô é feito, consumido, utilizado como porta para intercursos sexuais no meio da tarde em uma capital como Goiânia, é uma tarefa que exige - além de muito jogo de cintura para lidar com a burocracia e a *performatividade* exigidas pela academia - um suporte metodológico que, antes de se mostrar receita, direções, instruções e passos prontos, aponte *direções possíveis* de serem exploradas.

Talvez por isso a minha aproximação dos estudos culturais, já que estes buscam perceber os movimentos no interior da cultura, não a partir de um local ou uma única disciplina, mas a partir da convergência das áreas de conhecimento, pensando a crítica e análise como um processo interdisciplinar ou nas palavras de Johnson (2010) antidisciplinares.

Isto me faz recorrer à pesquisa exploratória – a partir de observações participantes -, para refletir sobre o meu objeto de estudo, pois enxergo que a observação me trará melhores resultados que uma simples análise fílmica, por exemplo. Este tipo de abordagem, apesar de crescente, ainda não se faz característico no cenário de pesquisas sobre o tema no país.

[...] o método de observação direta em espaços de interação sexual ainda não constitui um campo de estudos consolidados e as pesquisas nacionais sobre pornografia não têm explorado nem essa metodologia nem as análises que ela possibilita. Tal metodologia não é um território fácil, e os desafios decorrem não somente das dificuldades de o pesquisador ser aceito *in loco* por aqueles que interagem sexualmente, mas pelas próprias vicissitudes do “estar aí” (DÍAZ-BENÍTEZ, 2010, p. 22. Grifo da autora.).

O “estar aí” parece ser o local onde são gerados os incômodos, as desconfianças, os constrangimentos e os questionamentos a quem se propõe pesquisar o tema por tal abordagem. Parece haver uma necessidade implícita sobre aspectos relativos à experiência do/a pesquisador/a ao que tange a sua sexualidade. Essa “espécie” de incômodo, ou curiosidade, percebo como fruto de uma visão academicista positivista, baseada na ideia de

distanciamento entre pesquisador e objeto – distância que se dilui a medida que o pesquisador se integra ao campo. Peruzzo (2005, p. 129) aponta os limites e a problemática desta visão.

Portanto, a pretendida neutralidade científica é uma falácia. Primeiro, porque mesmo que o conhecimento objetivo não está imune a distorções como aquelas provenientes das situações artificiais criadas para a pesquisa, como por exemplo, nos experimentos, e dos instrumentos utilizados para coleta de dados. Um questionário pode conter perguntas incompreensíveis, o que gera respostas duvidosas. [...]. Em outro nível, as críticas feitas às pesquisas de cunho positivista apontam tratar-se de um tipo de pesquisa preocupada em atingir apenas a aparência dos fenômenos sociais (Op. cit.).

Atualmente, de volta ao cenário das pesquisas em comunicação - principalmente sob a forma de pesquisa de recepção - a observação aparece em estudos da área nos anos de 1980, utilizada principalmente para análise de audiência de produtos televisivos (op.cit.).

É interessante notar que apesar de pouco usual atualmente, as observações participantes foram por diversas vezes utilizadas no início das pesquisas sobre Estudos Culturais, como método para analisar a relação entre atores e atrizes sociais e os novos produtos culturais (ESCOSTEGUY, 2010). Peruzzo (2005) aponta o declínio do método nos anos de 1990, no campo da Comunicação, como desdobramento da crise dos paradigmas marxistas. Entretanto, atualmente o método encontra-se, atualmente, ocupando um local de destaque nas pesquisas de comunicação sob a forma de estudos de recepção.

As pesquisas que envolvem observações diretas em comunicação vieram para ir além das pesquisas “sobre as manipulações da mídia e seu poder de influência, cujos estudos se ancoravam nos referências teóricos da teoria crítica de tradição frankfurtiana” (ibid., p.130), ou seja, da tradição de estudos europeia de desgosto e desconfiança sobre os efeitos dos meios de comunicação, que caracteriza a visão desta escola.

A observação participante também é responsável por inserir novos temas à área de pesquisa em comunicação como aponta Travancas (2005). Para a autora, este recurso provoca um deslocamento do olhar de quem pesquisa para questões mais sutis e análises mais elaboradas sobre a sociedade e, no campo da comunicação, lança-se

[...] em busca de significados. Mais particularmente do significado do mundo da comunicação de massa e da indústria cultural com tudo que lhe envolve e diz respeito. Seus produtos, seus produtores, seus receptores, suas mensagens, lembrando que não é mais possível pensar e estudar nossas sociedades contemporâneas de maneira dicotômica em relação ao universo da comunicação de massa, como se ainda fosse possível separá-los. Nossas sociedades hoje se

caracterizam e se definem como sociedades de comunicação de massa, de informação e entretenimento em escala industrial e destinados a um amplo público (ibid., p. 100).

Ao escolher o método exploratório como caminho para condução de minha pesquisa, levo em consideração que a ocupação da cidade para o sexo é esparramada, fluida, perpassada por negociações, impedimentos e consentimentos dinâmicos e andantes, por esta razão, a observação participante me parece o caminho mais viável para me deter sobre o tema. Ainda que o campo de pesquisas em comunicação seja “dominado” por estudos de recepção, esta abordagem não preenche minhas expectativas em relação ao tema estudado, pois parece não assimilar a complexidade que envolve o processo de busca por prazer nas cidades.

Ao decidir pela observação participante, levo em consideração que adentrar os locais de consumo de sexo na cidade me possibilitou uma visão muito mais ampla do fenômeno e análises muito mais significativas que as adquiridas a partir de estudos com grupos focais ou análise de discurso da audiência de pornografia na cidade.

Entretanto, a observação é um dos passos dentro do meu universo metodológico. Além das observações também me cerquei de leituras que embasassem minhas análises e até me orientassem em campo, assim como para contextualizar meu objeto e meu campo de pesquisa.

Durante a pesquisa, construí um caderno de campo, onde guardo as impressões das visitas que fiz, inicialmente ao *Santa Maria*, mas que com o tempo também recebeu dados de minhas andanças por outros espaços. Neste caderno, também estão contidas as descrições dos locais e de cenas que presenciei ao longo de quase dois anos de observações. Também, algumas reflexões e questionamentos.

Os apontamentos deste diário serão essenciais para a construção do texto deste trabalho e alguns de seus trechos serão disponibilizados sempre que achar necessário ilustrar alguma análise ou situação apontada por leituras que compõe a base teórica desta pesquisa.

Entendo que a entrevista em profundidade me proporcionaria mais dados e um riquíssimo material a ser analisado, entretanto, o uso de entrevistas em profundidade, após análise, me pareceu um recurso deveras complicado de ser aplicado em meu trabalho 1) porque, ainda que garantisse total e absoluto anonimato aos/às interlocutoras, a dinâmica de alguns locais inibe uma maior aproximação entre quem os frequenta, tornando a comunicação circunscrita ao corpo e seus movimentos, 2) a rotatividade de atores e atrizes sociais nestes locais é bastante fluida, 3) a garantia de observações mais “tranquilas” e dados mais espontâneos a partir de coletas informais e 4) o fato de circular por diversos espaços da rede. Cabe resaltar que, durante muito tempo, a minha identidade de pesquisador foi desconhecida e

só no meio do ano passado (2011) algumas pessoas, com as quais tive mais afinidades, passaram conhecer este meu “segredo”.

Outro instrumento – talvez o mais curioso e diria até controverso – que utilizo em minha metodologia, é o meu corpo.

1.4.1 Experimentando em campo (OU meu corpo que não é invisível)

Estudar sexo é algo que parece despertar a curiosidade geral e esta [curiosidade] não recai apenas no objeto pesquisado, mas se encontra também em quem pesquisa: “*Tu transas no cinema?*”; “*E aí, como é que lá? Tu aproveitas pra dar umas?*”; “*Rola muita pegação lá?*”; “*Diz aê, você aproveita tua pesquisa, né?*” são algumas perguntas lançadas a mim quando descobrem o que estudo. Há, quase sempre, certo interesse malicioso para descobrirem até *onde fui/vou* durante a pesquisa.

Transar ou não transar - ou “você transa ou não?” - , eis a questão (?). Esta é uma pergunta que “persegue” quem se propõe a discorrer sobre o assunto²³, e este é um ponto sobre o qual não há consenso. De forma geral, há os que apontam que intercursos sexuais são necessários para o entendimento da dinâmica dentro do grupo/local pesquisado. Do outro lado, encontra-se quem defende que tal possibilidade colocaria em risco a objetividade da pesquisa, comprometendo seu resultado final. O que se percebe é que ambos os grupos que apoiam tais ideias tratam o tema a partir da obrigatoriedade de se fazer ou não sexo. Uma terceira via, e esta parece ser a mais sensata, deixa decisão de transar nas mãos de quem se propõe a tal trabalho.

Dos trabalhos que compõem minha base teórica, há três que levam a refletir sobre essa questão de forma mais crítica: Díaz-Benítez (2009), Braz (2010) e Pocahy (2011). A autora e os autores discutem suas inserções em um campo permeado pelo desejo e as interpelações geradas por suas entradas nestes locais. Braz e Díaz-Benítez, falam das suas impressões nas primeiras vezes em seus locais de pesquisa e o desconforto causado em determinadas situações²⁴ ocorridas em campo.

²³ Nota: Em alguns eventos observei perguntas como estas lançadas a autores de trabalhos que tratam de sexo a partir de etnografia. É muito curioso notar nestes espaços o burburinho causado por tais pesquisas. Muitas vezes, o público parece estar mais interessado em saber do comportamento sexual do/a pesquisador/a em campos que se estruturam em torno do sexo. Tal interesse me parece muita mais “fofoquinha acadêmica” do que uma real disponibilidade a se pensar novos parâmetros e alcances das pesquisas e das interações entre pesquisador –grupo em campo.

²⁴ Uma situação bastante exemplar desta relação se encontra na página 23 do livro de Díaz-Benítez (2010), quando ela relata uma entrevista feita momentos antes do início de uma filmagem com um ator “nu, de formas exuberantes e rosto sensual” (op.cit.), que para manter a ereção se masturbava enquanto concedia a entrevista. A

Braz (2010) dedica parte de seu trabalho a refletir sobre o tema e traz, em um de seus trechos de diários de campo, uma frase que me chama bastante atenção: “Queria passar incólume, o mais neutro possível. Mas minha nudez não lhes era invisível” (ibid., p. 45) e, ao analisar tal situação, diz: “A despeito de minha própria vontade, eu não era invisível nos clubes e minha inserção esteve permeada de expectativas criadas sobre mim quando estive em campo.” (op.cit.). Essas expectativas às quais o autor se refere parecem fazer parte de um panorama mais amplo que envolve não apenas o desejo dos outros sobre ele, mas, a própria expectativa sobre o comportamento dele em relação aos desejos disponíveis nos clubes.

Ao se ver diante de tal cenário, o autor utiliza a experiência como ferramenta metodológica de sua pesquisa. Ao invés de buscar um distanciamento, toma a sua corporeidade como ferramenta metodológica, utilizando-a como porta de entrada e canal de aproximação com seus interlocutores, sem que isso o tenha levado a experimentações em campo.

[...] penso que é possível construir interpretações antropológicas de situações erótico-sexuais praticando-se sexo ou não. Muito embora seja possível e legítimo aproveitar-se de possíveis experiências sexuais na construção da narrativa etnográfica, não é necessário “praticar” o sexo para etnografá-lo. E a minha participação em campo incluía uma gama enorme de possibilidades de engajamento, trocas e diálogos para além da prática sexual. (BRAZ, 2012, no prelo)

Utilizar o corpo como ferramenta não só é possível como me parece um recurso dos mais importantes em pesquisas como a minha. Veja bem, não estou afirmando com isto que transar seja importante, em absoluto, reforço que a decisão sobre transar em campo, e a forma como esta situação será conduzida na materialidade da pesquisa, é algo que diz respeito única e exclusivamente a quem pesquisa, entretanto, recusar as possibilidades que o corpo oferece me parece equivocado. A exigência de neutralidade, nestes ambientes, é uma utopia acadêmica que cai por terra logo de início. Não há, até onde eu pude constatar, possibilidade de sustentação de uma pesquisa em locais de sexo em que o pesquisador ou pesquisadora anule seu corpo, na tentativa de sustentação de um distanciamento metodológico, para que seu trabalho não se torne “comprometido”, pois, nestes ambientes, as negociações são constantes e o corpo é elemento primordial nelas.

autora relata que inicialmente foi um choque estar em uma situação onde o mínimo sinal poderia deslocá-la do local de pesquisadora séria – como, por exemplo, baixar o olhar para o “instrumento” do ator. De fato, o pênis do ator neste momento é o seu instrumento de trabalho e a masturbação se revelava parte de sua rotina trabalhista. Era preciso zelar pelo seu *material de trabalho* e por isso o ator recorreu à masturbação para que, no momento do “ação”, não prejudicasse seu desempenho em frente as câmeras. A autora completa: “Ele se masturbava porque isso fazia parte de sua rotina, e eu entrevistava porque isso fazia parte da metodologia antropológica. Ambos os comportamentos enquadravam-se perfeitamente nos roteiros de nossas profissões.” (op. cit.).

A forma como meu corpo, em alguma medida, conduziu minha pesquisa não é uma situação que possa ser ignorada. Minhas relações na rede de sexo em Goiânia eram possíveis, ou não, a partir da forma como eu era percebido e desejado. Mesmo em situações que não me despertavam o mínimo de tesão, meu corpo não era ausente. Toques, carícias, gracejos e propostas que recebi em campo foram possíveis a partir da forma como eu era lido por quem frequentava os locais que percorri durante a pesquisa.

A partir das leituras que faziam sobre mim, eu era “construído” dentro destes locais. Assim, eu assumia diversas posições de acordo com minhas reações às aproximações que eram/são empreendidas. Braz (2010) evidencia tal dinâmica em suas relações com interlocutores e de que forma era reelaborado por eles e assumia posições situacionais dentro dos clubes.

A forma de lidar com o sexo e com o corpo também fez parte das preocupações de Díaz-Benítez (2009) em sua pesquisa. No caso do trabalho da autora, há uma especificidade que torna ainda mais interessante a forma como se articulam as relações com essas questões: o sexo no pornô é profissional. Logo, nudez e sexo são ingredientes da rotina do mundo pornô e de sua prática profissional. A princípio, a autora revela certo constrangimento diante de algumas situações em que afloravam emoções diversas. Com o tempo, ela começa a utilizar essas sensações em proveito de suas análises, inclusive para interpretar as cenas que acompanhava, “da mesma forma que os filmes de comédia me fazem rir e os dramas, às vezes, me fazem chorar” (ibid., p.24).

Por que descartar minhas emoções durante a pesquisa se posso utilizá-las em meu processo de produção? Esta questão foi muito presente em minha pesquisa. Durante um tempo tentei observar o maior número possível de intercursos, sem ter muito critério de escolha – geralmente eram os que aconteciam mais próximo de onde me encontrava. Entretanto, depois de um tempo pude perceber que aqueles que não me despertavam interesse ou me excitavam foram sendo eliminados de minha rotina, até quase ao ponto de só observar o que de fato me dava prazer.

Como falei anteriormente, minhas primeiras experiências em campo também não foram confortáveis, pois ocupava um lugar ambivalente de pesquisador e alguém cujos desejos eram ativados em campo. A questão que me causava incômodo não foi não saber como lidar com meu desejo, mas, de alguma forma, sentir que essa decisão tornava-se normativa-metodológica e não mais pessoal.

Neste sentido, o trabalho de Pocahy (2011) é provocativo e bastante audacioso dentro do campo de estudos em sexualidade no Brasil. O autor não apenas enxerga o corpo como

uma ferramenta que possibilita o trânsito nos ambientes pesquisados, mas, utiliza o corpo para o sexo dentro de seu campo e torna isto público em seu trabalho.

Parece-me estranho que trabalhos que propõem a discussão da disciplina e do biopoder (Foucault, 2007), estejam eles próprios submetidos a certa domesticação. Pensando em termos foucaultianos, tomo a academia como centro nevrálgico para a emanção de discursos de controle sobre o corpo, ao submeter seus pesquisadores e pesquisadoras ao celibato a partir de convenções éticas que parecem se aplicar com maior rigor ao comportamento sexual nos ambientes de pesquisa.

Pergunto-me se estudasse telenovelas, por exemplo, ao invés de práticas sexuais em ambiente públicos comerciais ou não, se seria tão questionado sobre meu comportamento durante a pesquisa. Se para pesquisar novela tenho que assisti-la, e isso não parece causar estranhamento e muito menos deslegitimações, então, porque nos terrenos do sexo tenho que refrear meus desejos e prazeres?

O que torna o sexo tão perigoso para ser camuflado, escondido, perseguido e vigiado durante as pesquisas? Hoje, após quase dois anos de estudos, me sinto mais confortável em dialogar a partir do meu próprio prazer em campo. Aqui, percebo as amarras invisíveis do poder no controle dos prazeres. Mesmo minha reflexão construindo-se a partir da crítica a essas forças de dominação do sexo e constituindo-se como uma ferramenta política na luta pela legitimação de práticas vistas com desconfiança²⁵, ao menos, em termos acadêmicos, a minha conduta de pesquisa também incorre(ria) em desconfiança sobre o meu trabalho - fazendo com que meu prazer fosse inviável e invisível em campo.

Claro que tal percepção é resultado dessa teia de poder que controla a aparição do prazer. Assim, durante muito tempo me pareceu que, ao publicizar meu desejo, estaria colocando em xeque meu trabalho, quando, na verdade, ao esconder que reagia no campo, o que estava em jogo era manter-me em um local seguro e sem instabilidades, onde não tivesse que ser chamado a responder sobre meu comportamento enquanto pesquisador. Resumindo, minha preocupação, hoje, me parece um sintoma do controle social que busca no sexo/prazer as justificativas para deslegitimar experiências pessoais. O dispositivo da sexualidade atua como poder regente das condutas que seriam próprias e arranjadas em campo para que tais pesquisas se encontrem aptas a não receberem julgamentos negativos em ambientes de produção acadêmica. O discurso positivista nada mais é, neste caso, que uma ferramenta de

²⁵ A possibilidade de atuar política e academicamente foi o que me levou a uma aproximação com os Estudos Culturais, pois, neste campo, atuação política e metodológica agem em conjunto na análise dos fatos sociais nos quais se debruçam suas pesquisas. (C.f: ESCOSTEGUY, 2010; JHONSON, 2010; SHULMAN, 2010).

controle. “De um polo a outro dessa tecnologia do sexo, escalona-se toda uma série de táticas diversas que combinam, em proporções variadas, o objetivo da disciplina do corpo e da regulação de populações.” (FOUCAULT, 2007, p. 159).

O corpo, as práticas e as sensações de quem pesquisa se encontram submetidos a uma série de exigências que se camuflam em termos éticos e metodológicos, definidos a partir de conselhos que regulam as pesquisas nas Instituições de Ensino Superior.

O que estas três pesquisas (DÍAZ-BENÍTEZ, 2009; BRAZ, 2010; POCAHY, 2011) revelam é que, no limite, não se trata apenas do prazer do outro, mas, do prazer do próprio pesquisador de práticas sexuais. Estamos inseridos/as em contextos que nos colocam, em algumas situações, diante de nossos próprios prazeres. Talvez, a pergunta que devesse ser feita não é: “E vocês transam?”, mas antes: “Como vocês utilizam seus prazeres nas suas pesquisas?”, ou mesmo: “O que é prazer?”. A reflexão sobre as possibilidades encontradas, e alcançadas em campo, a respeito do meu prazer precisam ser consideradas e incorporadas ao meu trabalho como forma de pensar os efeitos decorrentes de um sistema de aprisionamento.

Adentrei a escuridão de labirintos dos prazeres. E neles me perdi e me reencontrei outro e com outros, Apenas a umidade do rastro líquido/vaporoso do pensamento foucaultiano me dava alguma certeza de onde eu estava e o que estava fazendo (de mim e desta tese). Tentei, do modo mais respeitoso possível, o que nos propôs Foucault: a história dos problemas de nosso tempo, pensando sempre nos riscos do presente. E veio deste rastro molhado a coragem para enfrentar de frente, e não poucas vezes um, as armadilhas do dispositivo da sexualidade na pesquisa (POCAHY, 2007, p159).

Em termos políticos, desconsiderar o prazer na pesquisa é, em alguma medida, ir de encontro aos propósitos desta. Como fazer a crítica ao sistema, quando não considero questionar a atuação deste sistema sobre minha prática?

Este é um assunto que está longe de se esgotar e que vem tomando corpo e gerando discussões em espaços importantes para as pesquisas sobre sexualidade no país. Fazendo parte das conversas entre quem pesquisa o assunto.

Quarta-feira, 29 de junho de 2011

Fim de tarde no carro com Matilda e Andrea a caminho de casa.

Após a qualificação de Andrea, era óbvio que o assunto girasse em torno de academia, qualificações, banca, dissertações, teses. Indubitavelmente, ao falarmos sobre a qualificação de Túlio que aconteceu, também, hoje à tarde, o assunto principal foi sexo em campo. Andrea, Túlio, eu e outros/as amigos/as nos ocupamos muito sobre o tema, a respeito do qual, nós três, temos opinião parecida. Não seria a primeira vez que Andrea e eu conversaríamos sobre o assunto com um/a professor/a, mas, especificamente com a Matilda eu nunca tinha falado detidamente.

Foi interessante observá-la justificar seu posicionamento contrário a prática de sexo em locais de pesquisa. Seus argumentos foram bastante contundentes. Essa conversa recordou-me uma que tive com o Renan, amigo do Rio, sobre o mesmo tema durante o ENUDS em Campinas – inclusive dei esse exemplo para as duas -, para ele [Renan] os etnógrafos (prefiro este termo a antropólogos. Não sou um e faço etnografia, porra!!), em alguma medida, têm medo de exporem possíveis jogos eróticos em campo por receio de estarem “dissecando” a si mesmos como fazem com os outros. Também me lembrei da Renata, que no mesmo encontro, ao responder se transava em campo, assumiu que participava de algumas cenas BDSM (este é um ponto de sua pesquisa), mas, não com interlocutores, nas casas em que pesquisava ou com frequentadores dos locais pesquisados. Sempre pensei muito sobre esta questão e tendo a concordar com o Beto, professor amigo meu, que sempre se mostrou contra as obrigatoriedades. Se quer transar, ok! Se não, beleza! Mas, a opção sempre deve ser do pesquisador.

Transar ou não; expor este assunto no trabalho ou não, deve sempre ser uma decisão de quem pesquisa. Porém, é algo que tá sempre posto. O que me parece é que a questão é sempre resumida ao ato de trepar, de ter contato com outro/a: penetração, oral, vaginal, anal, masturbação; ou mesmo uma aproximação mais íntima, como um beijo, por exemplo.

Mas a questão não deve e nem pode ser resumida a isto. É mais ampla! Trata-se de desejo; de gozo; de sensações no corpo que nem precisam do outro para serem experimentadas. Trata-se de prazer que não se liga necessariamente a ter alguém para se obter.

(Diário de Campo)

Ao apresentar tal questão não espero esgotá-la, entretanto, sua inserção no tópico que trata do método utilizado por esta pesquisa tem por objetivo promover uma reflexão sobre os limites de atuação de pesquisadores/as de sexualidade e a relação que estes mantêm com os grupos interlocutores e locais de pesquisa. Limites éticos e burocráticos se impõem constantemente no decorrer da pesquisa e precisam ser repensados para que não se tornem empecilhos para o desenvolvimento de um trabalho que vá, verdadeiramente, contribuir para o avanço do campo em questão.

Outro “obstáculo” que se coloca/é colocado é a tal objetividade requerida aos estudos para que a estes sejam conferidos cientificidade. Se, fora da academia, o tom é de provocação a quem envereda pelo tema, nos limites acadêmicos há, quase sempre, quem lembre que é preciso manter distância do objeto para que se tenha uma leitura crítica do fenômeno a ser estudado. “*Anule-se*” é o conselho.

Apresento tal cena não como reclamação, mas, como elemento construtivo de minha pesquisa. Dialogar e negociar meu campo foi muitas vezes tenso! Talvez, por se encontrar a pornografia inserida em uma rede poluída (RUBIN, 1989; DÍAZ-BENÍTEZ, 2010), o questionamento é se não seria minha pesquisa também “suja”?

Manter-se invisível em espaços onde a escuridão é, muitas vezes, elemento primordial e constituinte de suas razões de ser, parece, aparentemente, uma tarefa fácil. Bastaria acomodar-me em uma poltrona com vista privilegiada e lá passar três, quatro horas em observação, sem contato. Este seria um caminho possível? Talvez, entretanto, as dinâmicas dos espaços os tornam fluidos e esparramados. A circulação não se restringe a um ambiente nestes locais. Mesmo no cinema, onde se deu a maior parte de minha rotina de observações, eu circulava, e circulava muito. E não seria equivocado dizer que passei muito mais tempo caminhando que parado ou sentado.

E ao circular se percebe o corpo. Um corpo que se encontra inserido em um espaço. É possível que se refute investidas, que se controle o desejo “ali dentro”, mas não se pode negar um corpo sobre o qual estão sendo tecidos significados. E sobre o meu eram construídos sentidos. É o corpo o responsável em pôr quem pesquisa na cena. É a partir dele que, muitas vezes, se estabelecem os primeiros contatos com possíveis interlocutores e o canal de ligação entre quem pesquisa e quem faz parte do cenário pesquisado.

Este é um aprendizado que se faz a cada observação. As idas ao campo vão revelando muito mais que aspectos socioculturais, revelam também pistas a serem seguidas. O quebra-cabeça metodológico vai se formando aos poucos. De julho de 2010 a janeiro de 2012, visitei rotineiramente o *Santa Maria* e alguns outros locais de sexo espalhados pela cidade. Durante

este tempo, pude aprender como agir, os códigos e traquejos para circular por esses locais de forma incólume, mas não estranha. E, para que pudesse me inserir na rede, lancei mão de meu corpo sempre que necessário. Vejo que em minha pesquisa meu corpo e meu prazer foram não apenas recursos materiais, mas capital simbólico (BOURDIEU, 2009) nas negociações que me vi envolvido em campo.

Durante minha rotina, eu aprendi de que forma caminhar, quais roupas usar - de forma a capitalizar mais atenção -, como modular a voz, como me aproximar, a utilizar o olhar, quais partes do corpo tocar, como me aproximar de transas em cursos, como sair de situações de perigo iminente, como perceber que não era desejado. Fui acumulando, ao longo dos meses que participei da efervescência orgástica de Goiânia, recursos que me possibilitaram caminhar de forma segura por becos, saunas, ruas, parques, banheiros públicos, cinemas e outros locais que a cidade oferece a quem a habita para a experimentação de sexo.

2 INDO À CAÇA: CONSUMO, CORPOS E SEXUALIDADES NOS CAMINHOS DO SEXO NA CIDADE

“uma lógica discursiva da sexualidade, um discurso do sexo como valor” (BAUDRILLARD, 1996, p.163).

Uma rápida volta pelo centro da cidade revela o quanto a pornografia é elemento construtor do cenário urbano. Partindo da premissa de Moraes e Lapeiz (1985) de que pornografia é um *estar* podemos encontrá-la sob as mais variadas formas e no mais diversos locais. Tomo o centro como referência, mas, toda a cidade é composta por aspectos pornográficos. Dos bairros mais populares aos condomínios de luxo e suas mansões, encontramos rastros pornô, ainda que em pequenos detalhes.

Não *ser* torna a pornografia difusa e que depende de alguém para que possa se materializar. A pornografia está nas bancas de jornal em forma de revistas e produtos audiovisuais, nas prateleiras dos *sex shopp*, nos pôsteres que anunciam shows em algumas boates. Estes são locais onde encontramos pornografia em sua face mais evidente, mas a pornografia não pode ser pensada apenas como produtos finalizados e sob este rótulo.

A pornografia deve ser compreendida para além dos limites da indústria cultural e ser vista em seus aspectos sociais, precisa ser pensada, antes de tudo como juízo de valor que é construído sobre o comportamento do outro (op.cit.). Assim podemos pensar que a pornografia se encontra nas piadas de duplo sentido, na ousadia de certos gracejos, na virada de cabeça acompanhada de uma patolada²⁶ quando se esbarra alguém que desperte interesse, na publicidade, na música ou em um amasso em meio a uma parada de ônibus, por exemplo.

Não interessa a esta pesquisa a busca por uma definição fixa para o que se diz pornografia. Entretanto, utilizo-me das ideias de alguns autores e autoras para pensá-la neste trabalho. A começar pelas já citadas Elaine Moraes e Sandra Lapeiz (op.cit.) que pensam pornografia como um devir, uma possibilidade que depende da visão e dos conceitos de outrem sobre as minhas possibilidades.

[...] a pornografia só pode ser definida a partir do que lhe é exterior e nunca de um espaço que lhe é próprio. Se nos pusermos a lembrar de tudo o que já ouvimos classificado como pornográfico, veremos que a pornografia é sempre evocada para qualificar *os outros*, e nunca *a gente*. Ou seja: a exemplo da felicidade – estranha coincidência? – ela

²⁶ É o movimento de levar a mão ao pênis e acariciá-lo de forma a deixá-lo evidenciado. Pode ser traduzido como expressão de desejo e prazer.

sempre esta onde a pomos, e nós nunca a pomos onde estamos (ibid., p. 10).

Considerar pornografia como valor é importante para entender certas configurações nos locais de sexo da cidade. Pensar que pornográfico é aquilo que vemos com ressalva e vulgar é imprescindível para as análises sobre a forma que se consume sexo nos locais percorridos. Esta questão se estende para além dos limites valorativos e alcança os terrenos das autorizações e legitimidades tanto do consumo de produtos, quanto do tipo de sexo a ser consumido. Quanto mais afastado de características convencionadas nobres, mais próximo dos terrenos pornográficos se encontra o tipo de sexo acessado em determinados locais e bens.

Ao ter seu valor diminuído a pornografia “cria” outra categoria que alavanca o sexo, o prazer e seus consumos a um patamar de permissão deslocado deste suposto local desprivilegiado que ocupa: o *erótico*.

Ainda seguindo os passos de Moraes e Lapeiz (op.cit.), pornografia é um discurso cujo eixo central é o sexo. Ela [pornografia] carrega em seus produtos, portanto, concepções acerca da sexualidade. A problemática encontra-se, supostamente, na forma como essas sexualidades são mostradas ocasionando neste momento uma pretensa cisão entre pornografia e erotismo. Grosso modo erotismo corresponderia à parte sofisticada do sexo enquanto o pornográfico seria o terreno das fealdades e sujeira.

Há diversas articulações para justificar tal distinção. Há quem advogue que a diferença se encontra em um jogo de mostra e esconde no qual a pornografia é a parte que mostra e o erotismo insinua – e aí considera-se que a pornografia *coloca* em cena elementos do *fora* de cena (MORAES E LAPEIZ, 1985; LEITE JR., 2006; DÍAZ-BENÍTEZ, 2010); uma possível ligação com o ideal de amor romântico também é acessada para tal distinção e, neste caso, cabe aos limites pornôs a sexualidade “vazia” de emoções (C.f. NIN, 2009); a ocupação ou não do local artístico também é uma das distinções utilizadas para justificar esta diferença (SONTAG, 2004; LEITE JR, 2006) e a etnologia das palavras também são admitidas neste debate que visa estabelecer as possíveis diferenças entre as duas esferas – pornografia, significa escritos sobre prostitutas enquanto erótico deriva de Eros deus grego do desejo (MORAES E LAPEIZ, 1985).

O erotismo teria como característica o ideal do amor romântico e, por isso, seria mais palatável. Isso o faz ser absorvido sem constrangimento, pois, seria o sexo no erótico algo dentro do *script*, um ato feito dentro das condições adequadas de uma relação considerada ideal.

Esta discussão é regida por discursos moralistas sobre o sexo e as direções tomadas sempre levam a pornografia ao polo desprestigiado nos terrenos dos prazeres. Costumo analisar tal binarismo da seguinte maneira: erotismo é aquilo que é tido como adequado para ser visto na sala de casa de forma aberta e compartilhada enquanto pornografia é o que deve ser levado para o quarto e experimentado em segredo.

Temos assim um quadro onde em um lado se encontram produções que podem ser consumidas na sala de estar, locais públicos e compartilhadas de forma livre, sem sanções ou grandes constrangimentos [eróticas]. De outro estão aquelas cujo acesso deve ser feito em particular, longe do alcance das vistas ao redor, um consumo que requer locais específicos, produtos específicos, vendidos em locais estratégicos e policiados [pornô]. Mais uma vez é traçada a fronteira entre pornografia e erotismo. Mas, o que será que há por trás de tal esforço de fronteirização?

Esta questão não pode ser compreendida unicamente como uma tentativa ingênua de delimitação de termos linguísticos. É preciso analisar tal empreitada como uma disputa de poder e controle dos domínios do prazer. O que se estabelece, pois, é a domesticação do sexo, a submissão dos corpos, a vigilância das práticas e a tentativa de ajuizamento das condutas sexuais.

O erotismo, tido como o “bom rapaz, direitinho” (TOM ZÉ, 1968), supostamente emana uma aura de delicadeza na forma como conduz suas relações, por outro lado, a pornografia é o disparate, a fuga, o efêmero e o esvaziamento de sentimentos. Entretanto, como mensurar tais valores visto que, sensações, encontram-se no campo subjetivo? Ao que parece a tentativa de fronteirizar estes limites [pornô x erótico] é equivocada, pois demanda generalizações sobre os olhares alheios e as construções individuais que cada ator/atriz social faz sobre o sexo.

Os discursos sobre o sexo como construções sócio-históricas encontram-se em constante fluxo modificando acepções e revendo valores, o que torna essa separação ainda mais problemática. Tomemos como exemplo o filme *O Império dos Sentidos*²⁷ (1976) que atualmente é considerado um filme *cult*, de arte, figurando no circuito de filmes “elegantes”. O filme nasceu marcado como pornô o que comprometeu sua exibição em alguns locais –

²⁷ Produção franco-japonesa com direção de Nagisa Oshima, baseado na vida de Sada Abe, que em 1936 durante um jogo sexual que envolvia asfixiamento provocou a morte de seu amante, Kichizo Ishida, e, em seguida, extirpou-lhe os órgãos genitais. Após cumprir sua pena Sada tornou uma espécie de estrela no Japão, participando de espetáculos sobre o caso. A prática que levou Ishida a morte foi a hipoxifilia ou asfixia erótica que é a obtenção de gozo a partir da privação de oxigênio por meio de garrotes, estrangulamento, ataduras, compressão torácica.

inclusive uma das cenas do filme é até hoje alvo de controvérsia por mostrar a protagonista tocando as genitálias de duas crianças que brincam peladas em uma espécie de sala.

*Calígula*²⁸ (1979) é outro exemplo de filme pornográfico, inclusive sendo financiado pela *Penthouse*²⁹, que atualmente figura como um filme clássico mesmo com suas cenas repletas de orgias e mais variadas práticas mostradas sem cortes ou anteparos de edição. Continuam, ainda hoje, os mesmos corpos sendo expostos nas películas. Os pênis e vaginas são os mesmo, não aumentaram ou diminuíram. O que mudou foi a forma como estes filmes passaram a ser percebidos/recebidos. Antes tidos como pornográficos agora são filmes de arte ou eróticos.

As raízes para tal dicotomia talvez possam ser explicadas pela própria formação da indústria pornográfica. Como aponta Leite Jr. (2006) a pornografia nasce como produto para as massas e seu início enquanto negócio se liga diretamente as inovações no campo da imprensa e da popularização das técnicas de reprodução e impressão (PELÚCIO, 2007).

Apesar de seu significado recente - datando do fim do século XIX -, de excitação como fim que se encerra em si mesmo (LEITE JR., 2006), é o processo de desenvolvimento da imprensa no século XVI que possibilita a formação de um embrião do que se tornaria no fim do século XIX a indústria pornô. As técnicas desenvolvidas nos idos de XVI promoveram a abertura para a comercialização de conteúdo de cunho sexual para as camadas sociais populares que passa a incorporar conteúdos antes disponibilizados apenas as altas rodas nos círculos menos abastados da população, o que ocasiona uma “conseqüente preocupação social com as “terríveis conseqüências” do conhecimento – religioso, político ou sexual -, fora das mãos de uma elite culta” (ibid., p.45).

Essa entrada *em cena* do pornô encontra-se ligadas às críticas sociais e políticas lançadas às elites do período. Vista com ressalvas pelos poderosos a comercialização de conteúdo sexual às massas era vista como perigosa, pois: “é o erotismo “das massas” e estas são sempre vistas com receio” (ibid., p. 38).

Esta constatação aloca a discussão sobre a separação do conteúdo sexual em duas esferas- pornô e erótica -, em um plano de disputas simbólicas pela legitimação do sexo ao “constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e crer, de confirmar ou transformar a visão de mundo” (BOURDIEU, 2007, p. 14).

²⁸ Direção de Tinto, conta a história do imperador romano Calígula.

²⁹ Revista masculina estadunidense, fundada em 1965 por Bob Guccione.

A pornografia nasce³⁰ marcada como menor por constituir-se como fonte de entretenimento das camadas populares, mas, também se torna “ultrajante” por fazer uso do sexo como forma de desmascaramento dos desmandes das elites. Logo no início de *Os 120 dias de Sodoma ou A escola de libertinagem* (2008) Sade expõe a nobreza em sua urgência por privilégios e poder.

Nesta obra o Marquês faz uma crítica contundente aos hábitos das elites francesas e seu sentimento de impunidade. Ao retratar a estória das quatro personagens do livro, Sade nos remete a própria elite francesa da época e ao fato de que esta se encontrava confortável para cometer seus crimes e vontades a guisa da lei e suas sanções. O livro não é apenas um compêndio de práticas “desajustadas”, mas, antes um retrato da vida de quem estava no comando à época. A pornografia nasce como ferramenta política.

Tendo um caráter extremamente anticlerical e corrosivo contra a suposta devassidão dos inimigos políticos, a incompetência dos nobres, a corrupção dos juízes e a hipocrisia daqueles que detinham qualquer forma de poder, estes elementos que irão formar mais tarde a chamada pornografia, vão unir-se cedo à filosofia e ao racionalismo. Por toda a Europa de cultura humanista, até meados do século XIX, a produção obscena terá adeptos entre os grandes pensadores de cada época. Sua meta será o abalo das estruturas sociais através do prazer sexual. Da mesma maneira, as hipóteses sobre o “perigo” por ela representada, se baseiam nos ataques recebidos. Não era apenas o gozo dos sentidos que o material “erótico” reclamava, mas também uma outra organização social, subvertendo e ridicularizando as relações de poder existentes (LEITE JR., 2006, p. 47) .

Vista como maldita, comercializada para as camadas populares e canal de ataques políticos ideológicos, podemos entender porque a pornografia, ainda hoje, carrega o estigma de prazer menor, sujo e vulgar. Logo, o distanciamento proposto pela dicotomia *pornô x erótico* encontra-se atravessado por uma disputa de verdades e ajuizamento da sexualidade.

A pornografia e o erotismo transitam sempre em terreno marcado pelas contradições, um território não determinado, uma fronteira entre situações opostas, a tensão entre polaridades. Ao se instalarem, o fazem sempre como uma transgressão das interdições que também são, por sua vez, parte de um conjunto de contradições. Essa impossibilidade de traçar limites precisos entre o erótico e o pornográfico é, a meu ver, sinal de sensatez e um bom ponto de

³⁰ Para uma visão mais ampla sobre o surgimento da indústria pornográfica sugiro a leitura de Abreu (1996) e Leite Jr. (2006). Por não fazer parte das intenções desta pesquisa sugiro, também, a leitura de Díaz-Benítez (2010) para um panorama da indústria pornográfica no Brasil. E para uma discussão entre pornografia e literatura ver Sontag (2004)

partida, tendo em vista as contradições, o jogo semântico que cerca o uso social dessas palavras, a forma dialética como a história tem tratado do assunto (ABREU, 1996, p. 11).

Há em meio a esta discussão elementos de ordem econômica que vão indicar o encaixe dos produtos culturais em um destes dois polos. Erotismo e pornografia são formas de falar da mesma coisa, mas, em contextos sociais e mercadológicos diferenciados. Entendo tal dicotomia como arbitrária e que só encontra bases em discursos de conformação e disciplina do prazer. Como aponta Foucault (2007, p.65): “[...] que o sexo não tenha sido somente objeto de sensação e de prazer, de lei ou interdição, mas também de verdade e falsidade a verdade do sexo tenha-se tornado coisa essencial, útil ou perigosa, preciosa ou temida; em suma que o sexo tenha sido constituído em objeto de verdade”. O distanciamento, neste caso, torna-se essencial para o campo das legitimações do consumo de produtos que tenham o sexo como força motriz.

A distinção entre obras eróticas e obras pornográficas, hoje, pode também atravessar a problemática questão de distinguir cultura de massa de cultura erudita. Sob o rotulo de erótico estão abrigadas aquelas obras que abordam assuntos relativos à sexualidade com teor “nobre”, “humano”, “artístico”, problematizando-os com “dignidade” estética, e de pornográfico, as de caráter “grosseiro e vulgar”, que tratam do sexo pelo sexo, produzidas em série com o objetivo evidente de comercialização e de falar somente aos instintos. De toda maneira a despeito de qualquer distinção entre os produtos, a emergência da representação pornográfica como um “problema” social contemporâneo e sem precedente diz respeito à cultura de massa. Principalmente dos anos 60 em diante, quando se estrutura mais firmemente a produção massiva de publicações, filmes e vídeos dirigidos a um público amplo e (in)discriminada, “democratizando” o obsceno (ABREU, 1996, p. 40-41).

Em resumo: se o que se pode gastar é apenas R\$ 3, 99 (valor hipotético) em uma revistinha de banca, de uma editora pequena, impressa em papel barato, sem tratamento e sem design, então, este tipo de produto é pornográfico. Por outro lado o luxo e o preço das edições da Taschen³¹ - algumas podendo alcançar o valor de \$ 1000 -, tornam seus produtos eróticos e seus consumidores refinados, por exemplo. “Os pensadores aristocráticos ou elitistas exprimiram todo o desprezo que lhes inspira uma cultura “vulgar” que faz triunfar as mais mediócras paixões” (LIPOVETSKY, 2007, p. 157).

³¹ Editora alemã de livros de arte, fundada em 1980 por Benedict Taschen. Tem uma linha de *sexy books* conforme descrição em seu site oficial: www.taschen.com. Apesar, de tal exemplo marcar de forma acentuada a questão monetária, esta relação não se resume ao poder e capital de compra.

Desta maneira, não se pode pensar que tais discussões a respeito da diferença entre pornô e erótico estejam enquadradas em uma zona neutra, ao contrário, tal cenário revela a proposta de uma sociedade que vê no sexo um dos seus centros de poder mais eficazes. Neste sistema o mercado do sexo é visto com desconfiança – ainda que alcance cifras altíssimas (LEITE JR., 2006; LIPOVETSKY, 2007; DÍAZ-BENÍTEZ, 2010) -, o paradoxo reside na cena de uma sociedade onde a “Sexualidade é algo massivamente presente em nossa cultura, mas quase sempre sujeito a limitações” (ABREU, 1996, p 38). O sexo é então conduzido e reconduzido a diferentes locais e conceitos a partir de suas aproximações e distanciamentos com as normas de regulamentação e de sua apresentação.

Tal questão é extensa e complexa e não pretendo, e nem é possível, esgotá-la neste trabalho. Assumo nesta pesquisa, a partir do que apresentei que pornografia e erotismo são sinônimos de tratamento dado ao sexo e sua apresentação social cuja diferenciação reside no terreno das disputas por posições hierárquicas.

Assim, percebe-se o quanto os conceitos de “erotismo” e “pornografia”, ou “sexualidade” “sadia” e “perversa”, são criações de grupos estabelecidos em certas estruturas de poder que manejam estes ideais a fim de manterem estas posições, valorizando suas diferenças frente a grupos que possam ameaçá-los não apenas na hierarquia social, mas também na coesão de seus valores (LEITE JR., 2006, p. 36-37).

A valorização de determinados produtos/bens/práticas/locais em detrimento a outros e a configuração de um mercado cujo sexo é cerne entre dois polos valorativos em oposição, revela as ondas de disputas sobre a sexualidade e os poderes que a tomam como campo de disputas acirradas na produção de verdades (FOUCAULT, 2007). O sexo coreografado (DÍAZ-BENÍTEZ, 2010) não responde apenas aos anseios de prazeres e desejos, mas, a uma ordem que instaura socialmente os limites do aceitável e condizente das experiências privadas e as negociações que se articulam entorno da sexualidade como capital de negociação na construção dos sujeitos.

Tal divisão não revela apenas os meandros de uma política de higienização da sexualidade. Para além da questão da dominação simbólica (BOURDIEU, 2009) tal dicotomia apresenta, também, a legitimação de corpos e seus usos no interior da cultura.

2.1 O ROÇAR DE CORPOS QUE SE ESBARRAM

Quais corpos importam nos caminhos onde se busca por sexo? Esta é uma pergunta a qual não me atrevo a dar respostas definitivas. Os percursos oferecidos para a obtenção de gozo são diversos e o desejo, ao que pude perceber cambiante. Entretanto, ainda que qualquer tentativa de elaboração de uma resposta possa resvalar em equívocos, pode-se pensar que os corpos que transitam nesses locais atendem a determinadas expectativas - o que significa que a inserção destes em momentos/locais determinados é precedida por uma série de autorizações que os constroem como inteligíveis dentro de determinados contextos.

É fato que corpos que se aproximem do que é tido como socialmente belo – que equivale a formatação de homem desejável dentro dos parâmetros heteronormativos; branco, alto, masculino, “sarado”, etc. -, possam ser observáveis como os que atraem mais olhares e interesses, não posso desconsiderar que há outras marcações que se imbricam para formar indivíduos que capitalizem maiores recursos dentro da rede do sexo.

Como já evidenciado anteriormente, buscar sexo na cidade é uma atividade que demanda fluidez de caminhos e possibilidades. Não há linha reta ou caminhos sempre asfaltados e sem curvas. Ao contrário, o sexo na cidade pressupõe a entrada e saída de ruelas e becos estreitos e escuros; das primeiras horas do dia até as horas onde a claridade é provida por lâmpadas fluorescentes ou incandescentes – isto quando há luz! A diversidade de locais também amplia o escopo de possibilidades de corpos que passam a ser desejados em cada lugar.

Os locais que andei nos últimos dois anos me mostram que há margem para a instabilidade corporal, ainda que haja forte influência normativa. É possível perceber a reprodução de discursos sobre determinados corpos e ao mesmo tempo a ruptura com o padrão determinante. Quando penso meus caminhos como pornográficos – ou eróticos, já que tal barreira não se sustenta em meu trabalho -, penso a rede do sexo como o local que abarca possibilidades que extrapolam as formas de contenção do corpo e dos seus usos – ainda que tal superação não se realize de forma paroxística.

Pensar corporeidade nestes locais é pensar em corpos significados que são absorvidos (?) em um processo de hierarquização e valoração que os conota dentro de um sistema instável e situacional. Instável porque a circulação em seus interiores é constante, o que faz com que a ocupação, muitas vezes, seja transitória. Situacional porque a instabilidade na ocupação leva ao deslocamento de significados que são atribuídos aos sujeitos que se colocam nos locais da rede.

Há determinados locais cujas marcações são mais evidenciadas - o que não implica que estas se coadunem com as expectativas sociais de sujeitos desejados. Percebo que há variação constante nos caminhos, mas determinadas características podem ser pensadas como elementos que deflagram maior interesse. Masculinidade, atividade (pensada aqui nos termos de quem penetra, *come*) e tamanho do membro, são atributos que tornam alguém mais cobiçado na rede.

Há outra questão que acredito ser importante uma reflexão, mesmo que mínima, dentro deste universo de possibilidades valorativas: a raça. A questão racial na rede do sexo se liga a uma série de pressupostos e ao imaginário social sobre a sexualidade, principalmente, de homens negros. A ideia de uma hipervirilidade, potência e proporções anatômicas fazem com que homens negros se tornem bastantes requeridos. Entretanto, tal requisição, não implica que as relações étnico raciais se configurem sem tensão, ou mesmo que se organizem de forma menos tensa fora destes locais.

Alguns discursos que colhi durante a pesquisa sugerem que a masculinidade dos homens negros que nela circulam esta ligada, na maioria das vezes, a questão sexual. A sexualização destes corpos é perpassada pela racialização dos mesmos. Assim, discursos como: “Preto bom!”; “Negão gostoso!”; “Nossa, como aquele negão tem a mala³²boa”; “Dei pra um negão com o pau enorme!”. Há uma insistência no “negão”, “no preto” e na performance deste.

A associação entre raça/virilidade/masculinidade foi apontada por Braz (2010) como uma das características ressaltadas por seus interlocutores como sinônimo de um intercuro satisfatório, porém, a questão racial no interior da rede é muito mais complexa e a sexualização dos sujeitos negros expõe uma série de construções discursivas a respeito de suas subjetividades e de suas legitimações enquanto sujeitos, ao que parece *para* o sexo. O depoimento de um interlocutor de Braz (*ibid.*, p. 197) sobre os motivos que o levavam a não frequentar determinado clube de sexo pode evidenciar a tensão dentro da rede em relação a cor/raça: “Com poder aquisitivo mais baixo. E que se percebe? Entra o pessoal de cor... mulato ou pardo, negro, tal, por estar nesse tipo de... de segmento”.

É interessante notar por essa fala o local ambivalente que ocupam os homens que se identificam/são identificados na raça negra, pois, há, como demonstram outros informantes do

³² Faz referência ao “pacote” que alguns “carregam” no meio das pernas e ao volume que fazem por baixo de suas roupas. Também é sinônimo para pau – o termo *pau* compreende de forma mais firme o significado de mala, pois, é um termo que escapa ao escopo de possibilidades biológicas/reprodutoras do órgão masculino denotado no discurso médico.

autor, um imaginário sobre os negros que não necessariamente aloca tais homens em uma posição superior fora das tramas do sexo.

A questão racial também é um tema abordado por Díaz-Benítez (2010) e a autora aponta para que no cenário pornô brasileiro gay haja uma tendência a branquitude e quase nulidade de sexo inter-racial ou protagonizado entre atores negros. Quando de sua aparição os atores que protagonizam tais filmes “possuem feições mais próximas às do mulato do que do negro” (ibid., p.57). O uso de “mulato” pode ser entendido, neste caso, como uma tentativa de distanciamento de “padrões estéticos” negros.

Um dado importante sobre a rede que frequentei principalmente nos locais de prostituição, é que nos casos de michetagem³³ há predominância de homens que eu identifico [reforço que tal dado parte da minha percepção de raça/cor] como negros, enquanto na travesti a maioria das meninas é branca³⁴ ou próximas de um ideal de branquitude.

Se os homens negros são vistos dentro desta trama como “bons para o sexo”, homens brancos, a partir de minhas andanças, poderiam ser entendidos como: “*Que cara lindo!*”. A associação neste caso é em relação à beleza, a estética e plástica, aos traços entendidos como finos e delicados. A dinâmica que se estabelece com homens brancos dentro da rede perpassa outros fatores e a virilidade/potência nestes casos não é fator preponderante. Certa vez, em uma sauna, pude escutar o seguinte fragmento de conversa: “*Negão só pra fuder. Pra namorar é homem branco!*”.

A este respeito lembro-me de uma conversa que tive tempos antes com um amigo na mesma sauna. Estávamos no bar tomando uma cerveja e conversando sobre os caras que mais fazem “sucesso” no local e este foi um dado que ele levantou; “Repara uma coisa’, disse-me, ‘Tá vendo esse aí que acabou de chegar?’ assenti. ‘Então, ele é tipo o *princepezinho*: branco, alto, jovem e com cara de rico. Percebe como foi ele chegar e já captar a atenção da maioria da sauna?’” (Diário de Campo). E de fato foi o que aconteceu, naquela tarde ele [o cara sobre o qual conversávamos] pareceu ter se transformado no *troféu*. Aquele a quem todos voltavam seus olhares.

Nesta rede ser/parecer/passar por jovem também é algo que agrega pontos aos seus frequentadores. A preocupação com jovialidade pode ser entendida como uma característica

³³ Como também é conhecida a prostituição masculina.

³⁴ A falta de dados sobre prostituição feminina não incorre em displicência metodológica ou que esta tenha sido deixada de lado no trabalho de forma arbitrária. Os locais da rede de sexo percorridos para esta pesquisa são ocupados para intercursos que se realizam principalmente entre homens e em alguns casos entre homens e travestis. Assim, a ocorrência de mulheres é quase nula. Tal panorama se aplica a todo trabalho. Entretanto, em três ocasiões pude constatar a presença de mulheres no *Santa Maria* e estas serão relatadas mais a frente. Para uma visão sobre a prostituição feminina na cidade de Goiânia recomendo a leitura do trabalho de Rogério Araújo *Prostituição: artes e manhas do ofício* (2006).

da atual sociedade e se estrutura a partir, principalmente, de discursos que a ligam a saúde e bom desempenho do corpo (LYPOVETSKY, 2007; BRAZ, 2010).

Ser entendido como jovem nestes locais é dispor de elementos de ordem física e simbólica que aos serem associados localizam os sujeitos, ao menos em tese, numa faixa geracional mais jovem. Pessoas com menos marcas de expressão, com rostos que se aproximam de uma “cara de menino/a”, com um corpo mais atlético e que utilizem adereços compreendidos como modismos entre jovens – *piercings*, tatuagens, roupas mais despojadas, etc.-, se aproximam deste ideal de juventude requerido na rede. Muitas aproximações que empreendi durante a pesquisa foram possibilitadas por carregar no corpo algumas destas tais características de jovialidade.

Diversas vezes me foram lançadas frases como: “*E aí, gosta dum coroa gostoso?*”; “*O que um menino como você faz aqui?*”; “*Todo gostosinho com essas coisas na orelha [meus alargadores]*”; “*Vem aqui com o papai, vem*” ou “*Isso meu menino gostoso*”.

Entre os que exercem a michetagem em uma das saunas da cidade este fator [juventude] é bastante acentuado. Rostos e corpos entendidos como jovens aliados a outros fatores³⁵ parecem sugerir os que são mais aptos a desempenhar o sexo e os tornam mais requisitados.

Outro fator que se torna preponderante na busca do sexo é o corpo formatado dentro dos padrões considerados adequados. Corpos esculturais, sarados, definidos, sem excesso de peso, *pancinha* ou barriga mais saliente - que são características associadas ao desleixo -, são, na maioria das vezes, mais requisitados. De acordo com Lypovetsky (2006) a partir do emprego de discursos sobre o bem estar a sociedade passa a combater o que considera excessivo, logo, o controle sobre os comportamentos se torna também uma forma de manutenção do corpo para que os indivíduos não sejam considerados descuidados de si.

Ao passo que se exerce estes controles sobre os comportamentos (LYPOVETSKY, 2006; FOUCAULT, 2007) é criada toda uma estrutura de mercado entorno dos cuidados pessoais (LYPOVETSKY, 2006).

Esta indústria dos cuidados conta com um arsenal de produtos – de fármacos a cirurgias plásticas -, e tem a mídia como canal de propagação de seus discursos a partir de enunciados como saúde, higiene, beleza e bem estar.

³⁵ Entre os boys é comum o uso de tatuagens, *piercings*, bonés, colares e outros acessórios que podem ser inseridos dentro de um campo de significados atribuídos a pessoas mais jovens. Apesar de ser uma profissão dominada por símbolos de juventude e beleza hegemônica, há em alguns lugares em Goiânia espaço para outras formatações que fogem a esses padrões. Na sauna ..., por exemplo, há alguns boys cuja corporeidade escapa ao esquema *jovem/sarado*. É fato, que a presença de tais michês é ínfima se comparada a daqueles cujas corporeidades se conformam ao padrão dominante, entretanto, é preciso evidenciar essas possibilidades.

[...] um Narciso menos despreocupado que vigilante, menos maravilhado com sua beleza que apreensivo com sua aparência e sua saúde, menos fechado em si mesmo que atento às informações e aos riscos sanitários. Narciso já não se perde na contemplação de sua imagem, consulta médicos e especialistas, adota estratégias de prevenção, muda sua alimentação, renuncia ao tabaco, protege-se do sol, pratica atividades de recuperação da forma, corrige sua aparência física (ibid., p. 240).

Não se trata apenas de beleza plástica, o que vemos hoje é o apelo a urgência de que se adote uma série de medidas protetivas em relação a si e cuja manifestação é no corpo. A beleza precisa ser acompanhada de atividades que demonstrem o cuidado e esmero consigo.

Mas, não basta ter “o” corpo. Este precisa carregar em meio à suas pernas um dote que posso ser visto como viril, potente e sempre pronto a desempenhar o sexo sem hesitação. A máxima de que “tamanho não é documento” parece não se aplicar nos locais de pegação da cidade. Ainda que na prática [literalmente] um pau mais avantajado não desempenhe um papel tão bom quanto um de proporções mais modestas, é inegável que ter uma *neca*³⁶ *babado* é um belo cartão de visitas.

Se descobrisse, após apalpar o pau do bofe, que o mastro era pequeno, era um graveto, imediatamente me levantava e ia à procura de outro ideal. Não deve ser por acaso que o adjetivo grande tornou-se sinônimo de ótimo, de melhor. Se você quer se referir a um excelente escultor, um extraordinário cozinheiro, você diz: grande escultor, grande cozinheiro. A palavra grande não se refere apenas ao tamanho. Além do tamanho, a palavra grande significa o valor, a importância, a quantidade maior de força que uma coisa possui. O mesmo vale para a palavra maior. Por isso eu gostava dos paus maiores. Um pau grande, sugerindo maior quantidade de força, parece ser mais viril e masculino que um pau pequeno (CAPUCHO, 1999, p. 48).

Homens que possuem o pacote mais evidenciado são, sem dúvidas, os mais disputados para o sexo. É interessante notar que a pornografia é o palco para os exageros (LEITE JR., 2006; DÍAZ-BENÍTEZ, 2010). O local das performances exageradas e dos corpos de alto desempenho. (BRETON, 2003, 2010; LYPOVETSKY, 2007)

O pênis precisa ser grande, grosso e capaz de ejaculações fartas e fortes; os orifícios no pornô devem se alargar até onde houver resistência; as vaginas precisam ser escancaradas

³⁶ Forma de se referir a pênis. Usado principalmente no meio LGBT. *Neca babado*, significa que tal *neca* possui proporções avantajadas em comprimento e circunferência – grande e grossa. A expressão também pode corresponder a alguém que mesmo não possuindo um pinto tão grande consegue empreender intercursos de forma considerada satisfatória. Também pode aparecer sobre a forma de *neca de bem*. Sua expressão antônima é *neca mati*, que corresponde a paus de pequenas proporções.

e capazes de aguentar a introdução de pênis e outros objetos largos e grandes - muitas vezes a introdução de mais de um elemento-, precisam ser penetradas com força, e terem suas anatomias externas e internas reveladas; os ânus precisam, assim, como as vaginas suportarem penetrações vigorosas, serem expostos, abertos; as bocas precisam distender-se o máximo possível, penetradas; as línguas têm que ser ágeis, colocadas para fora e serem vistas enquanto percorrem o corpo do parceiro ou parceira de cena; a boca deve ser capaz de se abrir e quase devorar a genitália do/a outro/a, capaz de engolir um pênis até a base na chamada *garganta profunda*³⁷ ou se acoplar a vagina ou ânus da/o parceiro/a.

As habilidades exageradas do corpo são características bastantes presentes e requisitadas em alguns locais onde se busca por prazer. Os classificados de sexo nos jornais, por exemplo, trazem descrições que fazem referência a dotes com proporções exageradas – ainda que exagero seja algo bastante difuso -, a uma pretensa sexualidade insaciável, de longa duração e que atua em diversas práticas. Tal exagero também pode ser encontrado nos recados deixados nas portas de alguns banheiros públicos da cidade.

Apesar de serem diversificados, alguns enunciados se repetem e geralmente são associados aos usos de determinadas partes do corpo - sua redução a pedaços específicos e suas potencialidades (BAUDRILLARD, 1996; BRETON, 2003, 2010; GREGORI, 2010). São bem comuns anúncios³⁸ como: “*Boquinha gulosa*”; “*Mamo até o talo*”; “*A fim de rola grande e grossa*”; “*Enfio até o talo em bundão gostoso*”; “*Pau cabeçudo*”; “*A fim de ser mamado por uma boca quente e gulosa*”, e uma série de outros exemplos que reforçam desempenhos espetaculares de bocas, bundas e paus. Há, inclusive, uma imagem que muito se repete em algumas destas portas: a de uma régua, muitas vezes em forma de pênis precedida por: “*Coloque aqui o tamanho do seu pau*”.

³⁷ Técnica ou prática que consiste em engolir, literalmente, o pênis do parceiro ou parceira. É a introdução do pênis em toda sua extensão (da glândula a base acima do saco escrotal) até a garganta. Há modalidades de *garganta profunda*: a mais simples consiste na introdução completa ou da maior parte do pênis do parceiro/a enquanto este/a se mantém passivo; a mais agressiva consiste na introdução ritmada do pênis de forma rápida e repetitiva provocando saliva e em alguns casos ocasionando vômitos. É uma técnica de sexo oral muito utilizada em filmes pornôs. O termo se refere ao filme *Deep Throat* de 1972. Escrito e dirigido por Gerard Damiano e estrelado por Linda Lovelace, é um dos filmes mais lucrativos da indústria pornô mundial e considerado *cult* nos dias atuais.

³⁸ Analogicamente é possível pensar as portas de determinados banheiros públicos como os classificados sexuais dos jornais. Há uma certa organização – ainda que desorganizada e não formulada -, na disposição dos recados nas portas. Ainda que alguns se sobreponham, de maneira geral, é possível identificá-los de forma eficiente. Alguns anúncios convertem-se em *chats* onde os ocupantes do banheiros vão deixando perguntas, respondendo a outras e recebendo respostas as suas próprias perguntas - o que pode indicar que há uma certa frequência de determinados sujeitos em determinados banheiros. De forma geral os recados fazem menção ao tamanho dos membros, a atuação da pessoa no sexo – se é ativo, passivo, versátil -, a bunda (se é redonda, carnuda) e ao tipo de prática a que se propõe a pessoas: sexo oral, anal, masturbação, etc. Também, é possível encontrar o horário que determinadas pessoas frequentam os banheiros e descrições acompanhadas de telefones cujos números indicam se tratem de celulares.

Um local importante para se pensar os exageros - e onde talvez estes exageros sejam necessários para se fazer desejado para o sexo - são os *chats* na internet. É comum que as pessoas que busquem por sexo na internet o façam a partir de comunidades específicas e de acordo com seus prazeres³⁹ ou utilizando salas⁴⁰ disponibilizadas por grandes portais na rede, principalmente, as que correspondem as suas cidades.

Nestes chats as pessoas são identificadas por meio de nicknames (apelidos) que, de forma ampla, correspondem as suas corporeidades. Assim emergem nicks⁴¹ que fazem referencia a: gênero; sexo; raça/cor; tamanho do pinto; que se referem a bunda; as orientações sexuais; qual tipo de parceiro se busca; idade; localização na cidade; tipo de práticas que deseja consumir; papel que desempenha durante a transa, entre outros. Ao que corresponde às proporções genitais nota-se que há um número grande de homens que se apresentam com proporções que estão acima do que se considera um tamanho normal – ou comercial como conhecido na rede -, que corresponde a extensões maiores que 18 centímetros. Os corpos no chat⁴² apelam para prováveis potencialidade dos corpos “reais” de quem busca por sexo nestes locais.

As probabilidades na rede do sexo ainda que se liguem, de forma mais efetiva, as características descritas não se limitam a estas. As possibilidades encontradas nos locais são as mais diversas, o que faz com que outras formatações corpóreas emerjam nestes ambientes como locais de prazer.

³⁹ Há na internet uma infinidade de redes sociais para atender as mais diversas práticas, prazeres e desejos. Há comunidades específicas para quem procura por ursos/*bears* – ainda que no Brasil ursos sejam correspondentes a *bears*, opto por manter as duas nomenclaturas, pois, tenho observado que a comunidade ursina no país incorpora outras corporeidades e mantém outra relação com a masculinidade o que há torna mais ampla que a *bear* -, por coroas (mulheres ou homens), garotos e garotas de programa, práticas fetichistas e outras.

⁴⁰ Salas correspondem a espaços dentro do chat com um número x de vagas e que podem, ou não, ser separadas por categorias como: raça, gênero e geração, por exemplo, ou por outras especificidades que vão de música a práticas sexuais específicas.

⁴¹ Forma reduzida de nickname.

⁴² Penso alguns nicknames como formas de corpos - mesmo se tratando de corpos recortados e reduzidos a partes específicas. E, ainda que não disponibilizem tantas informações quanto as contidas em um avatar – uma imagem utilizada para que a pessoa seja identificada na internet; a grosso modo é a “fotinho” que utilizamos em nossos perfis nas redes sociais, por exemplo -, há ali uma imagem de corpo e uma ideia de sujeito inteligível, pois, se a descrição dos nicks não correspondessem a uma noção de corporeidade os frequentadores de chat, possivelmente, não obteriam êxito em suas caçadas em ambiente virtual já que não seriam lidos/percebidos pelos outros como alguém que desperte interesse.

2.1.1 **Corpos errantes (?) que desejam e são desejados**

Mesmo que se encontre submetido aos pressupostos heteronormativos, o prazer encontra fissuras e pontos de fuga no sistema que ampliam de forma considerável seus locais de busca por gozo⁴³. Assim, os caminhos que levam ao sexo são ocupados por outros sujeitos que provam e provocam prazeres fora do espectro arranjado como mais economicamente viável. Há neste percurso corporeidades que não se conformam as curvas e as definições forjadas em academias e outros locais de práticas que esculpam o corpo; corpos que se caracterizam por serem peludos; corpos fora do padrão de magreza ou que se caracterizam pela magreza que não aquela do que se identifica como sarado/a; corpos que são feitos a base de ingestão de hormônios e aplicação de outras substâncias - em locais que não os consultórios médicos e das prateleiras das farmácias; corpos perfurados e tatuados; corpos que borram as barreiras do gênero binários; que se encontram em processo de envelhecimento ou envelhecidos e não utilizam de táticas para retardar ou mascarar este processo.

São corporeidades que apesar de vistas com desdém e desconfiança transitam nestes locais, provocando tensão, e atenção - da mesma forma que os corpos que ocupam as posições “superiores” no sistema heteronormativo -, despertando sensações diversas em diversos corpos. Nos caminhos do sexo estes “errantes” transitam lado a lado aos corpos significados positivamente. Eles se esbarram, se afastam, entram em conflito, mas, também, se tocam, se acariciam e se divertem juntos, se permitindo experimentar prazeres um no outro.

Seus modos talvez sejam irreconhecíveis, transgressivos, distintos do padrão que se conhece. Seu lugar transitório nem sempre é confortável. Mas esse pode ser também, em alguma medida, um lugar privilegiado que lhe permite ver (e incita outros a ver), de modo inédito, arranjos, práticas e destinos sociais aparentemente universais, estáveis e indiscutíveis (LOURO, 2004, p.24).

Alguns locais da rede tornam-se, portanto, palco para o protagonismo de certos corpos entendidos como ininteligíveis por não se arranjam de acordo com as continuidades ou por se encontrarem dissociados dos parâmetros considerados adequados, mas, que ainda assim fazem sentido e são procurados para o prazer. Considerando a rede do sexo como local de

⁴³ A coletânea de artigos *Prazeres Dissidentes*, organizada por Díaz-Benítez e Fígari (2009) reúne uma série de trabalhos que tratam sobre estes locais de fuga das amarras heteronormativas e apresentam prazeres que se deslocam do que é considerado socialmente aceito e adequado no campo da sexualidade. São estudos que versam sobre travestilidades, sexo intergeracional, incesto, prostituição, entre outros temas “espinhosos” para os limites do sexo heteronormativo, expondo suas fissuras, denunciando suas fronteiras e desestabilizando seus comportamentos naturalizados.

consumo de outros – e onde somos consumidos -, e pensando-a a partir de uma lógica de consumo simbólico, o capital é então o corpo, suas práticas e os prazeres que este proporciona, o que insere outras possibilidades no jogo além das heteronormativas.

Ao analisar os limites da revolução sexual na atualidade Lypovetsky (2010) pinta um cenário paradoxal onde ao mesmo tempo em que todos são livres e convocados a viver sua sexualidade de maneira livre encontram-se subordinados aos prazeres dos outros e ainda que a revolução, em termos políticos, buscasse a liberação completa a sociedade individualista acaba por sufocar esta revolução impedindo-a de implodir completamente as barreiras, pois o prazer individual se liga a busca de prazer do outro.

Em parte devo concordar com o autor, entretanto, e ainda que ele assinale uma cultura de indivíduos autônomos, entendo que essa cultura de indivíduos autônomos é resultado de um momento histórico e social maior que interfere na formação dos significados que cada um/a dá ao seu prazer, Por mais que estejamos ligados ao prazer do outro e que, em alguma medida pese a previsão de que não haverá o ultrapassar paroxístico das fronteiras, é evidente que outros tipos são convocados a assumirem seus locais na teia dos prazeres, pois nela estão inseridos/as pessoas que buscam por prazeres que serão gozados em seus corpos.

Os locais que ocupei na rede, ainda que apresentassem formatações que respondam a exigências hegemônicas, também se encontram ocupados por agentes que desestabilizam tais paradigmas: travestis, homens mais velhos, michês, pintosas, pessoas gordas ou acima do peso “ideal”, pessoas com alguma deficiência física, buscam, dão e recebem prazer nestes locais.

Ao apresentar tais personagens não busco reforçar um suposto local de marginalidade por eles ocupados, ao contrário, coloco-os enquanto sujeitos legítimos nas tramas do sexo na cidade e, ainda que assumam contornos de abjeção, entendo que no caso da rede apresentada a ocupação do local abjeto é situacional. Há nós que são feitos e desfeitos deslocando os sujeitos de forma ininterrupta em seu interior.

Não foram poucas as vezes que presenciei encontros entre sujeitos que se encontravam ocupando locais diferentes nos terrenos da abjeção x hegemonia. Tais encontros, em sua maioria, geravam incomodo, desconfiança e comentários: “*Olha lá, aquele bonitinho com aquela mariconda⁴⁴!*”; “*Aquele ali só tá com aquele outro por acué⁴⁵!*”. Tais arranjos em

⁴⁴ Forma jocosa e debochada de se referir a gays mais velhos. Bastante utilizado entre travestis que se prostituem para se referir a clientes mais velhos – ainda que estes clientes algumas vezes não se identifiquem enquanto gays. O termo também contém a informação de que tais atores ao buscarem por sexo, supostamente, assumem a posição passiva na relação e, de alguma, forma aloca a quem se refere na esfera feminina - o que talvez seja reflexo e reforço da continuidade passividade/feminino. O termo, em alguma medida, reforça a máxima do meio

alguns locais caracterizam infrações e por isto causam tanto alvoroço. O que não significa que alguém que tenha manifestado reações negativas em vista de tal intercuro se interdite completamente ao outro abjeto.

Por outro lado, em certos locais da rede a principal ocupação é feita por pessoas que fogem aos formatos mais hegemônicos de corporeidade. Uma das saunas da cidade caracteriza-se pela grande procura de homens mais velhos. A sauna em questão é também a única que permite a entrada de garotos de programa em suas dependências que são identificados pelo uso de toalhas azuis e/ou pelo cordão de suas chaves em vermelho.

Sobre tal ambiente são gerados uma série de discursos objetivando justificar uma possível relação entre a frequência de homens mais velhos e a presença de boys. De forma geral, tais discursos justificam as relações dos homens mais velhos neste espaço, quase sempre, como resultado de mediações monetárias.

Goiânia, 08 de outubro de 2011

Decidi ir a sauna ...!

Diferente do que ocorre durante a semana hoje a casa estava cheia. As mesas que se encontram na área do bar e as do mezanino estavam todas ocupadas por grupos de amigos. Muitos destes grupos eram formando exclusivamente por homens mais velhos. Esta é uma característica desta sauna, a maior parte de seu público é composta por homens mais velhos.

Quando comecei a frequentar saunas um dos meus maiores receios era a obrigatoriedade de nudez nestes ambientes. Como não me encaixo em muitos padrões a nudez coletiva da sauna sempre depôs contra a minha ida a tais ambientes fazendo, inclusive, com que eu me tornasse frequentador há apenas poucos meses.

A primeira vez que fui a sauna ... isto me chamou bastante atenção. Apesar de já estar acostumado com coroas frequentando o Santa Maria, não pude conter a surpresa ao vê-los tão despídos como na sauna – no Santa, apesar das inúmeras vezes que vi caras mais velhos em algum tipo de situação sexual a revelação de seus corpos é, quase sempre, parcial. Além do escuro da sala de projeção, dificilmente se tira toda roupa quando se transa com alguém no cinema.

gay de que *bicha velha só fode se pagar*. Aqui há duas implicações de deslegitimação: o prazer em idade mais avançada e a prostituição enquanto prazer menor por envolver negociação financeira – que tornaria o sexo nestes casos puramente profissional e sem emoção.

⁴⁵ Do bajubá: significa dinheiro.

Apesar do estranhamento passado um tempo pude perceber que eles [os coroas] circulavam bem à vontade pela sauna. Assim como os mais velhos, outro “grupo” que circula bastante livre pelo local são os boys.

Com suas toalhas azuis, corpos trabalhados – há alguns mais magrinhos e até um gordinho, mas, são exceções – e suas aparências jovens, andam pra cá e pra lá muitas vezes exibindo seus paus marcando sob às tolhas ou mesmo mostrando-os pela fenda formada na lateral do corpo pelo enrolar da toalha.

A frequência de homens mais velhos e michês é responsável por marcar a sauna ... de forma menor. É possível perceber discursos na rede que a desqualificam por ser um local de “mariconas”. Quanto aos michês o problema não é exatamente sua presença, mas, uma suposição de que eles só se interessam pelas mariconas!

Algo que já tinha notado antes, mas que hoje pude perceber sob outra perspectiva é que, de fato, a maioria dos boys se aproxima de clientes mais velhos. Mas, diferente de alguns discursos a aproximação entre esses dois grupos não se resume a uma relação de sexo comercial. É notável que algumas interações que acontecem no ambiente são aproximações que não envolvem negócio. Hoje muitos boys se encontravam às mesas com grupos de conhecidos, como seus conhecidos, dividindo bebida, risadas e conversas. Sem que houvesse ganhos financeiros ao michê.

Aliás, esses ganhos envolvidos na prostituição, são bastante relativos. Observando a relação entre clientes e boys na sauna hoje, há muito mais que dinheiro e gozo nestes envolvimentos. Há, em alguma medida, cumplicidade entre as partes, logo, os discursos que deslegitimam tais envolvimentos são perpassados também por certa inveja. Ainda que haja ganhos financeiros os boys preferem se aproximar de homens mais velhos e não dos mais novos.

Um cara numa mesa próxima a que me encontrava comentou com um amigo que não entendia como um “boy magia”⁴⁶ como aquele pode tá dando mole praquela maricona?!”. Ri e continuei a tomar minha cerveja.

(Diário de Campo)

As falas colhidas em campo revelam que o incômodo não reside apenas na maior aproximação entre coroas e boys, mas, no fato de que os mais novos se sentem afrontados

⁴⁶ Refere-se a homens de forma geral, lidos como jovens, bonitos e gostosos. O termo pode ser entendido também como “cara perfeito”. Tal atribuição é sempre feita a partir dos atributos físicos da pessoa.

enquanto sujeitos que se consideram mais legítimos para o sexo. Vejo que tal produção de discursos também é um reflexo do ideal de beleza.

Muitas vezes a fala “*Nossa, ele é tão lindo pra ser boy!*” apareceu em cena, o que sugere que a beleza não pode, ou não deve, ser desperdiçada no ramo da prostituição ou que não deve ser desperdiçada com determinados agentes. Tal enunciado também indica que as belezas de alguns boys os levariam a alcançar outros horizontes mais “sérios” que não a prostituição, ligando beleza a ganhos sociais e financeiros.

O que eu me pergunto é: mas não é a troca que eles já fazem? Qual a diferença entre seguir uma carreira “normal” e “decente” a partir de seus atributos estéticos e a prostituição? Os ganhos que eles obtêm no mercado do sexo também são em decorrência da beleza, o que os diminuem são o fato de serem feitos dentro de uma rede poluída na qual assumem um papel ativo em sua manutenção e por exercerem o ofício de prostituição.

Os discursos sobre as relações intergeracionais onde um boy é um vértice revela um processo de higienização dentro da rede que tem como foco corpos que não se encontrem inserido dentro de um padrão de beleza considerado ideal. Neste caso o dinheiro agiria como desculpa e autorização para concretização de tais intercursos, pois, tais corpos supostamente não seriam locais de busca por prazeres legítimos.

As relações que se estabelecem entre boys e clientes devem ser pensadas para além da simples troca dinheiro x gozo uma vez que há outras possibilidades inseridas neste jogo que deslocam os sentidos da relação puramente comercial. As análises de Pocahy (2011), resguardados os aspectos singulares da cena de Porto Alegre, apontam para a diluição de uma relação rígida entre clientes x boys considerando outras nuances que não envolvem transações financeiras e nem a exigência de sexo para que os envolvidos tenham ganhos.

[...] a presença, a conversa, a simples presença dos garotos já significam para muitos clientes o que conta e o que pode ou não ser “tarifado”, já que muitos rapazes usufruem deste espaço também como forma de lazer (“curtir a noite”, e se possível ganhando alguma coisa), entre a possibilidade de um trabalho (programa) e outro. Esses discursos de carência ou de necessidade de pagar para transar são “torcidos” em cena. E alguns fantasmas morais entram em ação, perdendo força aqui. A relação intergeracional masculina no plano da prostituição é sequestrada de alguns de seus significados desqualificantes (ibid., 2011, p.104).

Entretanto, a busca por corpos que não coadunam com o estabelecido como padrão dentro da rede encontra legitimidade. No *Santa Maria*, por exemplo, a preferência é por homens mais velhos e grande parte dos intercursos se dão no sentido intergeracional.

Outro corpo “controverso” que ocupa a rede deslocando os limites do socialmente aceitável é o corpo travesti. Segundo Pelúcio

Ainda que cautelosamente, creio que posso afirmar que as travestis são pessoas que se entendem como homens que gostam de se relacionar sexual e afetivamente com outros homens, mas que para tanto procuram inserir em seus corpos símbolos do que é socialmente tido como próprio do feminino. Não desejam, porém, extirpar sua genitália, com a qual, geralmente, convivem sem grandes conflitos (ibid., 2007, p. 37).

As travestis realizam uma série de procedimentos que objetivam a construção de um corpo que possa ser compreendido dentro do universo de significações atribuído ao gênero feminino. São modificações que realizam não apenas a mudança corporal, mas, também, operam gênero ao borrarem os contornos biológicos de significação corpórea. Entretanto, como apontam alguns autores (BENEDETTI, 2005; PELÚCIO, 2007; SAMPAIO, 2009) a performatividade de gênero das travestis não se encontra formatada dentro de um único universo de significados.

Assim como o corpo é resultado de processos culturais (BRETON, 2003, 2010), o mesmo ocorre ao gênero (BUTLER, 2008; BENTO, 2006). Logo, a atribuição de significados femininos na fabricação de suas corporeidades encontra-se imbricada em cenas culturais e arranjos sociais acerca de feminilidade e masculinidade tornando fluída a incorporação de elementos que as façam inteligíveis como portadoras de feminilidade.

O gênero das travestis se pauta pelo feminino. Um feminino tipicamente travesti, sempre negociado, reconstruído, ressignificado, fluído. Um feminino que se quer evidentemente, mas também confuso e borrado, às vezes apenas esboçado. O feminino das travestis é um constante jogo de estímulos e respostas entre o contexto específico de determinada situação e os sentimentos e concepções da travesti a respeito dos domínios do gênero. É o feminino travesti (BENEDETTI, 2005, p. 96).

A construção dos corpos travestis não se baseia – ainda que pesquisadores como Benedetti (2005) e Pelúcio (2007) apontem a problemática de se estabelecer contornos rígidos para a travestilidade, mas o façam a partir de lógicas do próprio grupo (BENEDETTI, 2005) - na formulação de um gênero estável que as equiparariam às mulheres “de verdade”, mas, um feminino que atenda seus anseios dentro de suas próprias expectativas de gênero.

Tal cenário me leva a seguinte reflexão: se o gênero é resultado de expectativas culturais ficcionais sobre masculino e feminino, logo, os sujeitos sociais, travestis ou não,

operariam gênero para serem inteligíveis dentro da ordem binária masculino x feminino, então porque o feminino travesti acarreta perdas, é diminuído e precisa ser desmascarado?

Tal questão não é tão simples e não tenho pretensão encerrá-la ou mesmo defini-la, mas, me parece que a resposta se encontra no campo das legitimações e nos “saberes” sobre o corpo. Aqueles e aquelas que operam elaborações que se baseiam no corpo e em sua biologia como contornos definidores sobre masculino ou feminino têm seus procedimentos de gênero legitimados a partir da suposta naturalidade dos comportamentos entendidos para cada polo deste binário, enquanto, quem parte para construções desgenitalizadas têm suas experiências de gênero desprestigiadas e tomadas socialmente como uma elaboração mentirosa da feminilidade ou masculinidade.

De fato, quem se encontra em uma ordem de gênero conformada as formatações do corpo sexuado – corpo pênis → masculino → homem; corpo vagina → feminino → mulher -, se encontra autorizado/a a utilizar ferramentas para operacionalizar seus gêneros sem que tais movimentos sejam vistos como artífices, pois, supostamente, estariam agindo de acordo com a natureza de seus corpos biológicos.

Mas, apesar de se encontrarem na zona dos corpos ilegítimos as travestis são personagens que compõem a rede habitando, de forma mais contundente, determinados cenários e sendo excluídas de forma disfarçada de alguns outros⁴⁷. Percebi que a frequência de travestis em determinados locais é um dos pontos ressaltados para que estes sejam vistos e categorizados como espaços menores, ligados à violência e a prostituição. Ainda que estejamos falando de uma rede onde o sexo é condição *sine qua non*, certas práticas e sujeitos são “desaconselhados”, desprestigiados e geram desconfiança.

Por outro lado há uma imensa fatia que urge por corpos, sujeitos e práticas que não se conformam aos moldes propostos pela heteronormatividade, deslocando sentidos e reorganizando categorias. Foi principalmente por estes trajetos que caminhei na construção de minha pesquisa.

Encerrada em uma lógica de consumo a rede pornô se estrutura para atender aos mais diversos prazeres. Assim, nesta cultura de transformação de tudo em produto consumível

⁴⁷ As travestis são parte integrante do *Santa Maria* ocupando-o, principalmente, como espaço de *função* – forma como também é conhecida o exercício da prostituição. Termo êmico. Tem como sinônimo batalha, pista, ponto -, em alternativa a pista – em seu sentido denotativo. Também são frequentadoras assíduas de algumas boates gays de Goiânia, inclusive, a que oferecia *dark room* até recentemente onde ocupavam o local [dark room] ativamente para prática de sexo. Elas também utilizam algumas avenidas e parques da cidade como pontos de prostituição. Na sauna . . . , a que conta com garotos de programa, suas entradas não se encontram barradas, entretanto, o valor de entrada cobrado a elas é elevado em relação aos clientes homens. Enquanto os frequentadores homens pagam R\$ 20, os boys um valor abaixo deste, por volta de R\$10, as travestis precisam de R\$50 para ter acesso às dependências do local.

(LYPOVETSKY, 2007) corpos e sexualidades são tomados como produtos disponíveis a quem interessar possa. Corpo, práticas e sexualidades tornam-se capital simbólico e o sexo um negócio onde não está em jogo apenas os ganhos monetários.

2.2 CONSUMINDO PRAZERES E DESMANCHANDO FRONTEIRAS

Sair em busca de sexo nas metrópoles, ou cidades de forma geral, descortina uma cena que às vezes passa despercebida na correria do dia a dia. Entre lojas de eletrodomésticos e artigos para bebês se encontram *sex shoppys*, com vitrines expondo artigos de vestiário e *sex toys*⁴⁸, escolas dividem a calçada com cinemas pornô e terrenos próximos a igrejas são utilizados para a prática sexual durante o dia, noite ou madrugada. Hotéis no centro de Goiânia servem como ponto para encontros casuais e algumas igrejas evangélicas já foram templos de orgias pornográficas em um passado onde seus prédios serviam para a reprodução de películas pornô⁴⁹.

Nas avenidas da cidade *outdoors* trazem publicidades que apelam à sexualidade para vender os mais variados tipos de produtos. Os corpos das publicidades se expõem convidado quem passa pela cidade ao consumo. Lypovetsky (2007) aponta que o pornô não se encontra mais apenas em seus suportes mais evidente mais invade a cidade e os meios de informação e gera novos espaços para a experimentação sexual.

⁴⁸ Brinquedos sexuais. Os *sex toys* incluem um série de produtos entre vibradores, dildos – objetos de formato fálco utilizados para penetração -, jogos para “apimentar” o sexo, entre outros. Gregori (2010) oferece uma ampla visão sobre os *toys* ao se dirigir à *sex shoppys* em seu trabalho de pós-doutoramento.

⁴⁹ Ribeiro (2009) trata da questão da transformação de antigas salas pornô em igrejas evangélicas. Em artigo publicado no site A Capa, em 09 de maio de 2012, Tiago Duque, aponta para a transformação de um cinema pornô na cidade de Campina, São Paulo, ter sido transformado em igreja evangélica recentemente (disponível em <<http://acapa.virgula.uol.com.br/colunas/disparatada-cinema-porno-fecha-e-vira-igreja-evangelica-em-campinas/10/104/16348>. >). Recentemente, em São Luís, o *Cine Roxy* passou por um processo de “revitalização” e transformado em um centro cultural. Acompanhando a questão pelos meios de comunicação eletrônicos do estado, percebi que durante toda a divulgação do “novo” espaço, a mídia, o poder público e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) fez qualquer tipo de menção ao fato de que durante décadas o *Roxy* abrigou um cinema pornô. Entretanto, é possível perceber por alguma falas que tais instituições não desconsideraram a história mais recente da sala. Falando sem dizer, foram elaborados discursos de abandono e descaso com o espaço que se via em processo de deteriorização e que em nada lembrava seus tempos áureos. O que se encontra por trás destes enunciados é a problemática que envolve a ocupação de um prédio histórico pela pornografia o que se configuraria como uma mancha para a cidade. Entretanto, como pontuam Ribeiro (op. cit.) e Vale (2000) a apropriação do centro pela pornografia é algo que se faz presente na realidade das capitais nacionais. Analiso que tal “esquecimento” dos órgãos envolvidos na restauração do cinema em São Luís parte do fato que ao assumir a pornografia como parte integrante da sala é assumir também que o poder público não deu conta de fazer a transição do centro – como espaço de habitação, lazer e serviços públicos básicos -, para outras partes da cidade deixando-o sem manutenção e por isso tenha sido apropriado para outras atividades, incluindo a pornografia, que se configuram como manchas para a administração local. De acordo com autoras como Rubin (1989) e Díaz-Benítez (2010) a pornografia se liga a aspectos classificados como sujos e perigosos. O discurso público e oficial foi pautado em um processo, ao que me parece, tem por objetivo a gentrificação do centro da capital maranhense.

É fato que o sexo é dos produtos mais caros a indústria cultural. Músicas, filmes, novelas, séries, livros, jogos eletrônicos, publicidade, são espaços midiáticos que se apropriaram do sexo em suas linhas de produção.

Com o desenvolvimento da indústria cultural, a pornografia se traduz em produtos, de acordo com princípios de produção em massa. A representação transgressiva da sexualidade ganha formatos e padrões, tornando-se mercadoria, cuja circulação se faz influente na estruturação da sexualidade nas chamadas sociedades de consumo (ABREU, 1996, p. 39).

Ainda que atue sem que seus efeitos sejam percebidos, os discursos midiáticos agem sobre a realidade influenciando as experiências pessoais e interferindo nas relações sociais. O que a mídia diz sobre o sexo, ou a forma como ele aparece em seus múltiplos suportes, perde a imobilidade e a localização temporal e ao transpor a barreira espaço-temporal passa a fazer parte do processo de significados dos sujeitos contribuindo nos processos de significação sobre as suas próprias sexualidades.

A mídia atualmente se configura como local privilegiado de mediação social (DOWNING, 2002; MARQUES, 2005; LYPOVETSKY, 2007) e desponta como local de produção de discursos de poder e controle social como proposto por Foucault (2009). Na sociedade do hiperconsumo (LYPOVETSKY, 2007) o grande supermercado midiático oferece aos seus consumidores discursos que pautam a construção de suas subjetividades moldando seus gostos, seus olhares e até mesmo o tesão.

Defenderei que o desenvolvimento de diferentes meios de comunicação de massa não deve ser visto como um mero suplemento às relações sociais preexistentes, como se fosse, a introdução de canais neutros que difundem bens simbólicos dentro da sociedade, mas que deixam as relações sociais intactas. Pelo contrário, o surgimento dos meios técnicos possui um impacto fundamental nas maneiras como as pessoas agem e interagem umas com as outras (THOMPSON, 2002, p. 296).

Os alcances da mídia sobre o corpo podem ser percebidos na forma como significamos os nossos próprios: cortes de cabelos, roupas e dietas que entram e saem de moda, são exemplos bobos, mas eficazes, para termos dimensão do processo de midiatização no qual estamos inseridos. O corpo, talvez, seja a grande mídia na atualidade.

Em geral a fabricação de bens culturais tem como interesse a ratificação de discursos hegemônicos (DOWNING, 2002), entretanto, como aponta Foucault (2009) a produção discursiva é intensa e a partir de várias vias, assim, há pontos de fuga e desestabilização no

processo midiático. Ainda que atue na perspectiva de legitimação dos processos de continuidades corporais (BUTLER, 2008) a mediação midiática, em si, traz elementos de denúncia a estes pressupostos.

Há outros agentes e outros locais – e até mesmo outras mídias (DOWNING, 2002) -, produzindo significados sobre o corpo e a sexualidade. Os locais que compõem meu trabalho – e alguns corpos que compõem estes locais -, são exemplos de rupturas destes discursos estabilizadores, pois, contêm em seus interiores possibilidades que modificam, reinterpretam e dão novos significados as experiências e as práticas sexuais neles produzidas.

A produção de sentidos nestes locais de consumo se afasta dos pressupostos normativos e abrem espaço para o protagonismo de outros sexos, corpos e sexualidades que não se encontram presos às amarras conceituais estabelecidas. Como já evidenciei anteriormente o grande público dos locais que frequentei para a pesquisa é o masculino – e em menor escala as travestis -, assim, é possível imaginar que a grande parte das cenas que presenciei se realizaram entre homens o que levaria a conclusão óbvia que meu campo se encontra dentro dos terrenos da homossexualidade masculina. Será mesmo?

A sociedade esta sempre correndo atrás de identidades fixas para que suas personagens possam ser compreendidas e lidas de forma inteligível (HALL, 2006; SILVA, 2008; LOURO, 2007), entretanto, compreendendo identidade a partir de trabalhos de autores dos estudos culturais, como Hall (2006) e Silva (2008) entendo esta como um processo fluido, difuso e situacional em que os sujeitos são chamados a assumirem posições dentro de contextos relacionais mutáveis e, inclusive, conflituosos (WOODWARD, 2008).

Meu campo é, aparentemente, local de práticas que alojaria os sujeitos dentro de uma identidade homossexual, mas, o que é uma identidade homossexual? Seria possível pensar os sujeitos a partir de suas práticas e assim definir suas sexualidades? A sexualidade tomada por seus pressupostos biológicos reduz os sujeitos a uma pretensa essência interior responsável por definir suas sexualidades. Todavia, essa essencialização da sexualidade ignora os processos sócios culturais envolvidos na construção da sexualidade dos sujeitos.

O “essencialismo” é o ponto de vista que tenta explicar as propriedades de um todo complexo por referencia a uma suposta verdade ou essência interior. Essa abordagem reduz a complexidade do mundo à suposta simplicidade imaginada de suas partes constituintes e procura explicar os indivíduos como produtos automáticos de impulsos internos (WEEKS, 2007, p.43).

Tomando os sujeitos por suas práticas as pretensas identidades sexuais operam uma colagem entre corpo/sexo/gênero/desejos/práticas (BUTLER, 2008) não dando conta de sujeitos que fogem a esse espectro.

Esses fugitivos sexuais desorganizam os sentidos atribuídos às sexualidades e deslocam seus limites, implodem suas barreiras e escancaram as limitações do sistema normativo. Pensar em sujeitos em meu campo implica em desconstruir os discursos de atribuição de conceitos a partir de sexualidades normativas, como a homossexualidade, por exemplo. É compreender possibilidades de gozo desconexas de marcos regulatórios já que estes, não se sustentam no interior de uma cena onde os sujeitos atuam em práticas que não se encontram, necessariamente coadunadas às identidades as quais se ligam.

Desta forma, penso os sujeitos da rede do sexo em Goiânia a partir de uma perspectiva *queer*, já que eles produzem suas sexualidades a partir de práticas desalinhadas. Não se trata, todavia, da formação de sujeitos *queer* uma vez que o *queer* propõe os devaneios para além das fronteiras conceituais. O que os sujeitos de minha pesquisa colocam em questão é alcance das experiências e do prazer, assumindo o entre lugares a partir do não assumir lugar nenhum. Os sujeitos do meu campo são *bichas*, *viadinhos*, *mariconas*, *coroas*, *gays*, *travas*, *travecos*, *passivas* e uma série de outras personagens que fazem sentido dentro dos locais que frequentei, mas que não os/as acorrentam a esses sentidos, inclusive, dentro da rede.

Durante minhas visitas frases equivalentes a “*Com aquela ali eu não fico não. É bicha!*”; “*Olha, lá! Tá beijando a boca da outra bicha*”; “*Eu gosto é de homem, de bofe!*”, foram pronunciadas a exaustão. E o que elas dizem? Dizem que ser *bicha* e *bofe* são possibilidades que não se encontram submetidas à forma como se transa nestes ambientes. São configurações que se baseiam em outros significados e remodelam subjetividades.

É importante salientar que muitas vezes tais enunciados eram proferidos por *bichas* que, todavia, não achavam interessante parceiros que fossem vistos como tal. Este é apenas um dos muitos exemplos que borram os pressupostos normativos na rede pornô. Há movimentos contínuos de reordenamento dos sujeitos em seus caminhos.

Os deslocamentos iniciam no momento em que se ingressa nos locais. A partir de suas entradas nos ambientes os indivíduos se esfacelam, o que me leva a pensar em Bataille (1987) e na morte a partir da transgressão erótica. De fato, os sujeitos estáveis morrem na rede e em seus lugares surgem outros em um processo contínuo de morte e renascimento a partir das interpretações de um sujeito sobre o outro.

Se vemos nos interditos essenciais a recusa que opõe o ser à natureza encarada como um excesso de energia viva e como uma orgia da destruição, não podemos mais diferenciar a morte da sexualidade. A sexualidade e a morte são apenas os momentos intensos de uma festa que a natureza celebra com a multidão inesgotável dos seres, uma e outra tendo o sentido do desperdício ilimitado que a natureza executa contra o desejo de durar que é próprio de cada ser (BATAILLE, 1987, p. 41).

A multiplicidade de sujeitos que se reconstroem na rede ignora qualquer tentativa de barrar seus fluxos e seus prazeres. São sujeitos cambiantes cujas práticas desafiam os modelos normativos não apenas por se encontrarem em trânsito contínuo, mas, por estarem associados/as a uma rede de prazeres que é vista como degradada, incorreta, inconformada, subversiva, desviante e seguindo as indicações e pistas de Louro (2004) possivelmente *queer*.

Os prazeres obtidos no interior da rede também se encontram esparramados e em várias vias: sexo oral, masturbação, *voyeurismo*⁵⁰, sexo penetrativo⁵¹ ou na troca de carinhos entre os/as envolvidos/as na ação. Contudo

⁵⁰ É a excitação a partir da observação do sexo alheio. Penso em mim no campo como um *voyeur*, pois muito do que observei como já relatei - principalmente nos momentos finais de observação -, foram cenas que estavam imbricadas com meu próprio desejo e prazer. Práticas e corpos que chamam minha atenção e despertam meu interesse foram as que mais observei em campo.

⁵¹ Sexo penetrativo neste caso deve ser entendido como intercursos que se realizam com a introdução de acessórios, dedos, mãos, pênis ou outras partes do corpo nos orifícios anal, vaginal ou outro – como a uretra, por exemplo - do parceiro ou parceira. A utilização desta expressão é uma tentativa de busca pela não limitação da prática penetrativa exclusivamente a intercursos anais/vaginais e com a utilização compulsória do pênis. Seu uso se deve ainda, ao fato de que a penetração nos ambientes da rede não se efetua exclusivamente em uma única direção. Pode, por exemplo, ser uma prática compartilhada entre dois homens que se apresentem como heterossexuais na presença, ou não, de mulheres, heterossexuais ou não, no momento do ato sem que isto acarrete prejuízos as suas masculinidades/heterossexualidades – ainda que eu esteja inclinado a acreditar que no limite tal situação em alguma medida represente uma desvalorização do sujeito passivo, pois, sendo o ânus masculino “interditado” ao prazer sua violação representa uma desestabilidade capaz de gerar desconfiança sobre a figura do penetrado -, ou ainda se estas não se estabeleçam como frequentadoras de determinados locais. A presença de mulheres em determinadas partes da rede é praticamente nula e em outras completamente inexistente. No caso do *Santa* pude observar raríssimas vezes a presença de mulheres - presenças que possibilitaram uma reconfiguração do cinema em a forma como alguns frequentadores passaram a circular em seu interior. Sobre esta questão irei me deter no terceiro capítulo.

Ainda no campo das possibilidades penetrativas, duas mulheres podem manter intercursos penetrativos com a utilização de acessórios ou partes do corpo. Outra configuração possível é a mulher assumir o papel de penetradora do ânus de homens ou de travestis – prática que não foi observada, mas que foi comentada por pessoas que acessam a rede (inclusive mulheres). O único local da rede que eu frequentei no qual mulheres eram presença constante na cena, foi a boate que disponibilizava *dark room*. Nesta boate a presença de mulheres é considerável e quando o *dark* ainda fazia parte do ambiente elas também o frequentavam – mesmo que em menor quantidade que a de homens. Muitas vezes, a permanência de mulheres em alguns locais só é possível se estas assumem algum vínculo empregatício com o local - isto parece coloca-las em um local que, em alguma medida, as deixam fora dos jogos dos prazeres.

E por sua vez as travestis que podem desempenhar o polo penetrado ou penetrador quando da prática sexual com homens, mulheres e/ou outra travesti - apesar dessa última possibilidade não ter sido presenciada uma única vez durante as visitas ou mesmo comentada na rede. Sobre relações travesti/travesti há o material de Pelúcio (2006; 2007), segundo a autora travestis em tais relações são classificadas de “lésbichas” de acordo com as suas informantes – o que, talvez, precise ser tomado como pontual e localizado.

A experiência de consumação sexual entre homens não está isenta de produzir arranjos normativos de corpos mais possíveis do que outros, sobretudo porque se situa no interior de subculturas que se banham com as identidades gays. E não é somente a trama ativo/passivo, efeminado/bofe/macho que está em jogo. O corpo em sua aparência dita ‘disforme’ é uma engrenagem importante no dispositivo da sexualidade (POCAHY, 20011, p. 69)

Não se trata de referendar um padrão. Como explicitiei anteriormente há, em alguma medida, caracteres que quando articulados tornam os indivíduos mais valorizados em determinados contextos na rede, contudo, tais características não se configuram como padrão único de desejo. A mobilidade de prazeres (re)configura a rede de forma que há outras negociações e outras possibilidades de consumação e ganhos que não necessariamente resultam ou se ligam ao sexo.

Pensando mercado a partir de Gregori (2010, p. 78) como “uma lógica, cuja operação implica a produção de diferenças a partir da oferta de produtos” compreendo que tais diferenças são produzidas e produtoras de locais dentro da rede goiana. É a partir da diferenciação de sujeitos que se formam os locais onde se consome sexo na cidade.

A rede dos prazeres é aberta a quem tiver o mínimo de interesse em aproveitar as maravilhas do sexo, são vias expressas paralelas às rotinas “comuns” da cidade. Quase um mundo paralelo, povoados por manifestações consideradas espúrias, prazeres “vergonhosos”, desejos perversos e inconformidades, formando-se à surdina, ou para ser mais justo, digo que seu aparecimento se encontra eclipsado, em um armário nos termos de Sedgwick (2004). Encontra-se ali meio escondido, meio ignorado, porém, não totalmente encoberto. Palco de manifestações descritas nos termos de Rubin (1989),

La mayoría de los sistemas de enjuiciamiento sexual -ya sean religiosos, psicológicos, feministas o socialistas- intentan determinar a qué lado de la línea está cada acto sexual concreto. Sólo se les concede complejidad moral a los actos sexuales situados en el "lado bueno". Por ejemplo los encuentros heterosexuales pueden ser sublimes o desagradables, libres o forzados, curativos o destructivos, románticos o mercenarios. Mientras no viole otras reglas, se le concede a la heterosexualidad la plena riqueza de la experiencia humana. Por el contrario todos los actos sexuales del lado malo son contemplados como repulsivos y carentes de cualquier matiz emocional. Cuanto más separado esté el acto de la frontera más regularmente se le muestra como una experiencia mala (ibid., p. 22).

A utilização das categorias: homem, mulher e travesti, apesar de não darem conta das potencialidades e possibilidades alcançadas pelos atores e atrizes sociais, por encerrar estas experiências a locais fixos e assegurar a hierarquia pautada pelo gênero, é utilizada neste trabalho como marcos de entendimento de subjetividades.

A busca por sexo na cidade encontra-se nestes terrenos malditos descritos por Rubin para as sexualidades que se afastam do ideal normativo, entretanto, não é possível reduzir tais locais apenas a uma aura subversiva. Os deslocamentos internos da rede não se dão apenas na medida em que articulam outros prazeres e sujeitos eles atuam também reconfigurando centros e margens reposicionando os sujeitos a partir de suas atribuições nos locais que frequentam, alternando margens e reconduzindo fronteiras.

2.3 ASSIM EU NÃO GOSTO! (OU TÁ PENSANDO QUE É BAGUNÇA?!)

Há subversão? Sim. Sob vários aspectos a rede é subversiva: do ponto de vista da sexualidade casual; da diversidade de parceiros; do sexo em negociação financeira; dos tipos de corpos; de algumas práticas. Entretanto, há também certa organização e controle interno impedindo que tudo seja ou possa ser experimentado. *“Há uma organização no lugar que foge a todas as expectativas que eu tinha. Nem tudo é feito em qualquer lugar e nem se faz de tudo”* (Diário de campo, 10 de julho de 2010). Esse trecho específico do diário de campo corresponde a minha primeira visita ao *Santa*, mas, é algo que se aplica a todos os locais que andei.

Nem mesmo os ambientes que possam ser tomados como mais sujos – em sentido simbólico e material - e indisciplinados escapam a organização - como os *dark rooms*, por exemplo. Há uma etiqueta para que se possa circular nos ambientes que também não é estática e varia de acordo com o local.

Entretanto, o silêncio é algo que sempre está posto em jogo. Não que ele seja algo manifesto por completo, há locais, como saunas, por exemplo, onde conversas, risos e falas altas compõem o ambiente, mas, mesmo ali certos espaços são dominados pelo silêncio.

Goiânia, 07 de junho de 2012

Uma sauna com amigos . . .

Hoje fui à outra sauna com Túlio, Key e Orion. Diferente da sauna . . . a outra sauna não conta com boys e é um tanto menos efusiva por isso. Por ser feriado estava lotada. A área do bar, suas mesas e os assentos que ficam em volta do balcão ficaram ocupados durante todo tempo de nossa permanência no local.

Assim como a parte “social” da sauna – que eu compreendo como espaços aonde o envolvimento permaneça no flerte, carícias e/ou toques mais contidos e mais palatáveis.

Compreende o bar, a área para fumantes, a sala de TV e a área com espreguiçadeiras. Na sauna ... seriam os mesmo espaços guardadas as singularidades de cada sauna e ambientes que há em uma e não em outra -, a área de cima, que é onde ocorre a pegação, também fervia!

Os corredores onde se encontram as cabines e o dark estavam amontoados de clientes. Geralmente em dias úteis estes espaços lotam em um horário com o sol quase se pondo, diferente de hoje que, inclusive, encontrava-se com suas janelas tendo sido fechadas. A sauna estava mais barulhenta que de costume, parecia que era sábado ou domingo. Eram risos, conversas altas, maior consumo de bebida e a música estava mais alta.

Enquanto no térreo se ocupavam os fornos e se consumia cerveja, no piso superior achar uma cabine vazia estava difícil. Até mesmo entrar no dark hoje foi um exercício de paciência. O corredor estreito era ocupado dos lados por clientes com o pau pra fora a espera de uma oportunidade de sexo. O ambiente estava ótimo pra diversão!

Entretanto, alguma coisa estava fora do lugar. Mesmo que o riso, a zuada e a descontração façam parte da sauna – e nos dias de maior frequência isto se potencialize -, havia um grupo de bichas aparentando ter no máximo seus 20 e poucos anos que estavam desestabilizando a rotina.

Elas eram digamos . . . efusivas demais! Andavam em bando, falando alto pelos corredores superiores, tocando nas pessoas e fazendo piadas a respeito do tamanho do pau de um e de outro. Entravam no dark room e começavam a conversar e esbarrar nos outros de propósito, a bater nas portas das cabines ocupadas. Enfim, estavam dando close⁵² muito errado. Isso começou a gerar impaciência na sauna. Meus amigos e eu chegamos a comentar que tal comportamento era chato e incomodava.

De fato, a coisa incomodou tanto que chegou ao ponto de gerar reclamações com os funcionários da sauna. O que proporcionou uma cena no mínimo inusitada. Os funcionários da sauna geralmente frequentam os ambientes para deixá-los em ordem e limpos, passando regularmente nas cabines, sala de vídeo, sala de televisão, área de fumantes e sala de espreguiçadeiras, porém, sem que entrem no dark room. Afinal, essa manutenção é feita geralmente durante a ausência de clientes nestes locais – com exceção da área de fumantes que é limpa mesmo com clientes.

⁵² Dar close, do bajubá: significa dar pinta, provocar, se mostrar, se colocar na cena de forma a chamar atenção. No entanto, *dar close* pode assumir diversos significados. É um termo básico utilizado em diversas situações, por exemplo: Quando alguém diz que deu *close* em alguém, isto pode ser entendido com repreensão pública ou não – apesar que o *close* é quase sempre público. Quando alguém fala que uma bicha fica dando *close* na rua, quer dizer que a bicha gosta de chamar atenção. Pode também assumir o significado de interjeição: “Que *close*!” e alguns mais dependendo da situação e do contexto em que for colocado.

Estava no corredor das cabines quando Melônio, funcionário da casa, desce os três degraus que dão acesso as cabines e dark entre no dark room. Depois de alguns segundos as luzes do local se acendem e ouço uma bronca ao que as bichas zuadentas começam a sair do dark de cabeças baixas e procurarem outros locais da sauna.

A coisa foi muito rápida. Em menos de minutos Melônio entrou no dark, acendeu as luzes, deu bronca e retirou as bichas debaixo de baixo de esculhambação para em seguida desligar as luzes e voltar para o térreo. Ele ainda procurou as bichas pela sala de TV e vídeo, mas deixou de mão e seguiu. Algum cliente havia reclamado do comportamento delas!

Mesmo demorando tão pouco toda a ação de Melônio, o frenesi causado foi grande, ao acender as luzes e dar bronca na galera que estava incomodando, muitas pessoas deixaram o dark – algumas possivelmente pararam seus atendimentos⁵³ em andamento -, mas, assim que as luzes foram desligadas os que haviam saído retornaram ao dark.

Depois disso as bichas não mais apareceram por ali, ou se apareceram, trataram de ficarem na delas. E a sauna voltou ao seu estado rotineiro.

(Diário de Campo)

O silêncio não é algo que faça parte de todos os ambientes, ao contrário, descontração, conversa e brincadeiras fazem parte desses ambientes, porém, há lugares específicos para tais comportamentos. O *dark room* mesmo na boate, por exemplo, é um local onde a descrição e a fala reduzida são características requeridas. Quem se coloca nestes locais com muito barulho acaba gerando incômodo.

Silêncio nestes locais, principalmente nas áreas onde se faz sexo, é uma forma de pacto. É como se a fala revelasse um segredo muito caro à maioria que se encontra ali. É preciso entender os códigos que se estabelecem. Não é preciso o uso de palavras. Toques, movimentos, olhares, aproximações, essas são as formas de conversa em muitos locais. As palavras, quando usadas, parecem quase obrigadas a serem sussurradas.

[...] se eu andava pelos corredores o que andava era um corpo incendiado. Alimentavam meu fogo homens que vislumbrava nos cantos mais escuros do cinema, no banheiro ou na penumbra das poltronas com seus olhares sensuais, luminosos, molhados. Com seus paus crescidos, guardados ou à mostra numa perna de short levantada, numa braguilha aberta, numa bermuda arriada até os joelhos, sensuais, luminosos, molhados. (CAPUCHO, 1999, p.46)

⁵³ Atender, do bajubá: significa iniciar um intercuro sexual.

Mesmo estes locais onde o sexo poderia ser experimentado de forma mais livre, e os indivíduos mais errantes, não se encontram livres de controles. A diversão subversiva também cria suas subversões e barreiras e há movimentos que geram grande tensão. Há entorno da rede uma aura de permissividade que não é tão permissiva assim.

Com o tempo pude perceber durante minhas idas a saunas, banheiros, parques, cinemas e outros locais em que o acesso à rede é garantido, que a eficácia no estabelecimento de relações depende da forma como cada um se coloca em cada local. Apesar de efervescentes os caminhos do sexo mantêm tonalidades de descrição em seu interior.

Para sua manutenção e, arrisco-me a afirmar, sua própria existência. De alguma maneira mesmo em locais que são notadamente reconhecidos como pontos de pegação, mesmo ali onde seus administradores têm conhecimento do que se passa em seus interiores – tratando-se obviamente de locais *apropriados* -, há uma espécie de lei silenciosa que dissimula e encobre os atos praticados. O consumo se dá de forma camuflada. Afinal, pagar um boquete⁵⁴ em um banheiro público, por exemplo, seria uma tarefa difícil de ser executada em meio a muito *close*!

A rede do sexo na cidade é assim: fluída, escura, suja, concentrada, higiênica, barata, cara, enfim, ambivalente. Cheia de lugares instigantes e curiosos. Locais que oferecem sexo, sem dúvidas, mas que não se resumem a ele. Os caminhos do prazer oferecem mais que sexo e guardam muitas surpresas.

Acompanham-me em um passeio por parte deste percurso?

⁵⁴ Sexo oral, felação.

3 ENTRE GEMIDOS E SUSSUROS: NOTAS SOBRE O CAMPO

Nós podemos fazer tudo que quisermos e eu te levarei à todos os lugares que você quer ir (eu te levarei, eu te levarei). Eu serei sua fantasia e tudo que você quiser encontrará em mim. Se você jogar meu jogo . . . (Holler, Spice Girls, tradução minha)

Cinemas pornôns, parques, terminais de ônibus, banheiros públicos, saunas *gays*, *dark rooms*, *sex shopp*s e ruas do centro de Goiânia formam o principal cenário que percorri durante esta pesquisa. Alguns mais frequentados que outros por questões metodológicas, intencionalmente ou mesmo por fazerem parte de meus roteiros de circulação pela cidade o que tornava minha presença ali obrigatória para me locomover.

Há outros espaços que compõem a trama dos prazeres: motéis, pequenas hospedarias no centro, locais de *batalha*⁵⁵ - para travestis, mulheres e homens -, bordéis, casas/clubes para a prática de *swing*⁵⁶, festas privês, espaço virtual e outros que ambientes que não são contemplados em meu estudo, mas, que estão disponíveis aos montes na capital de Goiás.

Os espaços que frequentei são voltados para o público masculino – exceção à boate que tinha *dark room* e, ainda assim, a frequência de mulheres é inferior a de homens e travestis.

⁵⁵ Forma de se referir a locais onde se manifesta a prostituição. *Ir pra batalha*, significa ir se prostituir. Corresponde a *pista*, *bater porta*, *fazer ponto*, *atender*. Os locais de prostituição em Goiânia se encontram pela cidade inteira ocupando avenidas em diversos bairros, áreas públicas, etc. Algumas conversas que travei com pessoas durante a pesquisa sugerem que há um certo “loteamento” da prostituição em Goiânia, com espaços demarcados para cada tipo de programa que se queira praticar: travesti, mulher ou homens. Há também profissionais que atendem exclusivamente a partir de sites ou chats.

⁵⁶ É a famosa *troca de casais*. Entretanto, as práticas do *swing* não são executadas exclusivamente entre casais. De forma geral pode ser entendido pelo empreendimento de sexo com outro(s) casal (is) ou entre casal(is) e pessoa (s) solteira(s) de acordo com a vontade dos envolvidos/as. As casas de *swing* variam em relação a seu acesso. Há casas que só aceitam a entrada de pessoas convidadas por frequentadores do clube que já estejam participando de suas festas por um determinado período de tempo; outras permitem a entrada mediante pagamento; algumas permitem a entrada de pessoas desacompanhadas; em algumas somente é liberada a entrada de mulheres solteiras e os homens devem obrigatoriamente estar acompanhados; outras só aceitam casais “reais”, ou seja, não admitem casais “formados” unicamente com fim de frequentar o espaço. De forma geral a entrada nestes locais é vedada a profissionais do sexo. Outra regra importante dos ambientes é o não registro das atividades ocorridas em seus interiores. Uma visita aos sites das casas de Goiânia revela que entre os adeptos do *swing* a bissexualidade feminina ou práticas entre mulheres é bem vinda ao passo que trocas entre homens não fazem parte das estratégias de promoção das casas. Aliás, o contato entre homens no *swing* é bastante velado e visto com desconfiança o que me leva a crer que a prática reforça, em alguma medida, a ideia de que a possibilidade de transar com duas mulheres é algo muito recorrente no imaginário masculino e que a experimentação entre mulheres é muito mais aceita, buscada/incentivada e, até mesmo, vista como “natural” que às práticas conduzidas entre homens. Há uma manifesta preocupação com o bom comportamento dos frequentadores dos locais em todas as casas que sempre alertam para a moderação e a boa educação em seus interiores. A regra básica do *swing* é a de *Não é não!* No site de uma das casa há uma frase que resume bem esta regra “Onde tudo é permitido, porém nada é obrigatório” em fontes maiúsculas o que significa que esta é a regra que conduz as relações nestes lugares. Esta visão se aproxima muito da visão dos adeptos de práticas de BDSM - sigla para Bondage e Disciplina (BD); Dominação e Submissão (DS); Sadismo e Masoquismo (SD). São práticas em que os participantes participam de cenas em que humilhação, violência física e psicológica e técnicas de amarração fazem parte da busca por prazer -, cuja primeira regra é o consento entre as partes.

A partir de agora conduzo a um passeio mais detalhado por estes lugares que transitei durante minha pesquisa. Traçarei caminhos e apresentarei algumas questões levantadas em campo. Desenharei cenários e esboçarei horizontes sobre as experiências que podem ser vividas nestes caminhos sinuosos que Goiânia oferece. O principal local desta pesquisa é o Cine *Santa Maria*. Contudo, outros locais irão aparecer e se intercruzar para que eu possa costurar um painel da cena do sexo na cidade.

Baseado em alguns aspectos entendo o *Santa*⁵⁷ como um cinema pornô heterossexual ou, que ao menos assim pretende ser identificado. O principal ponto que percebo para tal situação é a forma de apresentação dos filmes que estão em cartaz na sala. No mural de entrada, que fica em uma parede ao lado da bilheteria, os cartazes que anunciam os filmes são todos de filmes heterossexuais e protagonizados pelas atrizes dos filmes. Em poses que valorizam principalmente seus peitos e bundas, e algumas cenas de penetração devidamente tarjadas em pontos estratégicos (genitais). Essa valorização da atriz na publicidade do filme é uma característica da indústria pornô apontada por Díaz-Benítez (2010).

Em momento algum durante minha rotina de visitas houve qualquer menção no mural de que há uma saleta nos fundos da sala de projeção onde são reproduzidos filmes de temática travesti, gay e bissexual. Vejo isto como uma forma de camuflagem e até mesmo autorização daquele espaço como um local de entretenimento. O fato de não se colocar enquanto cinema gay é uma tentativa de não afastar o público quer seja este “heterossexual” ou gay que não deseja se expor ao entrar no local.

Isto me leva novamente a pensar no silêncio.

Goiânia, madrugada, quase amanhecer, de 07 de fevereiro de 2012.

O pós- ENUDS⁵⁸ é sempre cansativo.

Acabei dormindo o dia todo e pra variar acordei à noitinha e perdi o sono. Aproveitei pra botar o papo em dia com Andrea, já que quase não podemos nos ver depois de minha volta das férias. Andrea frequenta assiduamente alguns dos locais da cidade, principalmente em seu centro. Contava-lhe sobre as maravilhas que foram os dias no ENUDS e o que

⁵⁷ Alguns frequentadores utilizam *Tia* ou *Tia Maria* como código para se referirem ao *Santa* em contexto em que há pessoas que não podem, devem ou interessa saber que os interlocutores frequentam o cinema.

⁵⁸ Encontro Nacional de Diversidade Sexual. Sua 10ª edição se realizará no mês de novembro de 2012 na cidade de Seropédica, Rio de Janeiro. O encontro nasceu da articulação de estudantes de diversas universidades brasileiras a partir da necessidade de se discutir homofobia, diversidade sexual e atuação política e militante dentro das academias a partir de outro olhar que não apenas de pesquisas e estudos, mas, a partir da articulação de grupos de militância acadêmica.

aprontei por lá. Depois de relatar minhas peripécias em terras soteropolitanas, foi a sua vez de me contar o que andou aprontando nos dias que estive fora.

Contou-me sobre suas idas ao centro e seus atendes na sua cidade natal durante as férias. Nossas conversas sempre rendem boas risadas, algumas coisas que acontecem nos locais de pegação nos fazem realmente cair na gargalhada – o que me lembra muito a discussão do Jorge Leite (2006), sobre a relação entre pornografia e erotismo. Conversamos sobre muitas coisas. Em determinado momento Andrea começou a reclamar do comportamento de algumas bichas em determinados locais: “Eu não suporto essas bichas closeiras! Elas atrapalham a gente!”. É verdade! Muito close atrapalha demais fazer alguma coisa. Afasta as pessoas dos locais e sempre rende caras feias contra quem se mostra muito efusivo(a).

É fato! Quem é muito afobado nos locais quase sempre sai chupando dedo ao invés de outra coisa. Não rola ficar dando mancada em determinados locais e quando há alguém que começa a evidenciar muito suas vontades nos espaços gera um clima de tensão – principalmente em locais de grande concentração de pessoas que não os buscam para sexo, como os banheiros públicos, por exemplo.

Mesmo onde a coisa “come” solta há uma indicação de que silêncio é fundamental. Não se trata de ficar mudo e estático durante a transa. Sussurros e gemidos são bem vindos e fazem parte do jogo.

Mas, conversas desnecessárias, altas, piadas, risos e outros barulhos que não se ligam ao sexo se fazem extremamente desagradáveis nos locais – sejam estes pagos ou não.

(Diário de Campo)

Discrição é fundamental. Minha conversa com *Andrea* e o campo do dia 07 de junho de 2012, evidenciam este aspecto nos locais da rede. Quanto ao *Santa* o silenciamento eu vejo que atua em três direções a 1) que se refere a forma como os frequentadores se portam em seu interior e 2) ao não se revelar abertamente como local de pegação *gay* continua em atividade de forma menos constrangedora e 3), em alguma medida, não coloca seus clientes em posição de assumirem-se enquanto gays ou mesmo os “denuncia” como integrantes de jogos sexuais entre homens ou com travestis. Vale (2000) aponta o silêncio como um ingrediente nos jogos do cinemão sendo requerido por uns e descartado por outros.

O cinema em meu ponto de vista não se “assume” *gay*⁵⁹, pois, muitos de seus frequentadores também não assumem este local o que os levaria a terem suas orientações questionadas caso fossem abordados por conhecidos (as) em alguma situação que os ligassem ao local. São muitas às vezes durante a tarde que vários frequentadores saem à área aberta para falarem ao celular. Essa área é o espaço onde o fumo é permitido e, muitas vezes, enquanto fumava tive a oportunidade de presenciar várias dessas ligações.

Eram homens que falavam com suas companheiras, colegas de trabalho, estudos, ou familiares e dissimulavam estarem em outros locais, em outros afazeres, inventando narrativas para terem faltado o trabalho ou por estarem atrasados para seus compromissos pós-horário de serviço. Isto novamente remete a questão do comportamento no local. Muito barulho ou algazarra delatariam estes homens em casos como esses.

Mesmo em ambientes que se colocam como locais *gays* – como é o caso da sauna . . . e da outra sauna -, a frequência de clientes que mantém arranjos heterossexuais é acentuada. O mesmo ocorre nos banheiros públicos onde muitos dos homens que se colocam em busca de sexo se apresentam como heterossexuais - veado é sempre o outro.

3.1 NÃO. EU NÃO DOU, NÃO CHUPO E NÃO BEIJO. NÃO SOU VIADO NÃO, CARA!

Ainda que tais locais se apresente como *gays* ou heteros – ou como locais de público diversificado -, fica impossível pensar seus frequentadores como portadores de uma sexualidade estanque ou que, mesmo com esforços para assumir determinados locais a partir da articulação de discursos, possam ser compreendidos dentro de padrões normativos. O título deste tópico foi algo que eu escutei de alguém no cinemão ao questioná-lo se era *gay*.

Muitos frequentadores dos locais, como já explicitiei, vivem contornos do espectro heterossexual em suas vidas fora dos locais de pegação e mesmo no interior destes locais alguns exibem símbolos que os desassocia da homossexualidade. São conversas telefônicas

⁵⁹ Diferente do *Santa* o outro cinema localizado no centro e visto como cinema de público mais jovens é caracterizado por ser mostrar abertamente como local de reprodução de filmes de temática *gay*. Há ainda um terceiro cinema no centro - este ainda mais caracterizado como heterossexual. Neste terceiro cinema há shows de strip-tease feminina, gatinha molhada – quando as meninas sobem ao palco de camisas brancas e são molhadas – e show de sexo ao vivo entre alguma menina que esteja fazendo show e um integrante da plateia. Há outro cinema no estilo do terceiro cinema do centro. Há ainda mais um cinema - inaugurado por volta de junho/julho de 2012 - que ao que consta possui labirinto e *glory hole* (buraco da glória) – é um buraco feito da parede onde se coloca o pênis para ser chupado/masturbado por quem se encontra do outro lado de forma anônima. E também há outros dois que se assemelham aos moldes do terceiro cinema do centro sobre os quais também não possuo muitas informações.

em um tom de voz às vezes acima do necessário, alianças de casamento – óbvio que nem toda aliança significa um enlace heterossexual, mas, nos locais da rede a maioria dos “aliançados” expõem outras formas de se colocar enquanto heterossexuais – e principalmente discursos sobre serem homens de verdade.

Goiânia, 13 de novembro de 2011

A sauna tava boa!

Aproveitei o dia pra ir tomar sauna. Fui à sauna . . .

Assim que cheguei paguei, troquei minhas roupas pela toalha e descii para o formo a vapor. Domingo sempre dá publico o que significa também maior frequência de boys. Assim que cheguei ao formo e dois deles encontravam-se no local. Depois de uns minutos na sauna, eles começaram a empreender uma conversa bastante interessante.

Eles falavam sobre suas relações amorosas e da forma como as conduzem. O mais novo deles – e menos interessante, diga-se de passagem -, bradava sobre suas duas namoradas e da forma como elas o paparicavam. Neste instante o formo se encontrava cheio de clientes. Ele também fala como uma delas estava se tornando ‘chata demais’ pelo ciúme em excesso, mas, que ainda assim daria uma chance a ela. O outro, mais velho, com aparência mais séria também falava de suas conquistas mais sempre deixando margem ao entendimento de que não possuía relações estáveis. A conversa acabou entrando nos terrenos do sexo, ao que eles fizeram questão de frisar suas proezas e suas condições de homens de verdade. Sim eles davam conta de manter vários relacionamentos e o sexo neles de forma satisfatória.

Aquela conversa me pareceu uma conversa de machos em meio a bichas. De forma alguma aquela conversação era neutra ou casual. O que aqueles dois boys estavam fazendo era reforçando suas masculinidades, seus pretensos papéis de penetradores, seus locais homens. Eles estavam se vendendo como homens de verdade.

(Diário de Campo)

O que os dois michês estavam travando era um exercício de poder dentro do forno. Eles eram os machos, os ativos, os que *comem*, enquanto, todos nós outros que ali estávamos, assumiríamos o local da passividade, dos violados, dos que *dão*. Este discurso revela que eles são o tipo de homem que as bichas buscam para transar nestes locais.

De fato, a forma como eles se colocaram nesta conversa se encontra de acordo com algumas falas de frequentadores sobre *homens de verdade* - que seriam os homens mais interessantes e disputados na rede. Esses *homens de verdade* vivem uma masculinidade padrão, ostentam símbolos e atitudes atribuídas a homens, gostam de mulher, mas não se importam em transar com outros homens e o principal: fazem o papel de ativo.

Assumir o papel ativo na transa é a principal característica de um *homem de verdade*. Ser ativo implica, em alguma medida, dentro desses ambientes e da formulação do conceito de homem ideal que haja certo distanciamento entre eles e os seus parceiros passivos. Assim, apenas um beijo, por exemplo, trocado durante um intercurso é necessário para que este lugar deixe de ser ocupado.

Passei por algumas experiências do tipo em campo. Muitas vezes fui interpelado por caras sobre o que *curto*⁶⁰, muitos deles diante de minhas respostas me dispensavam com a justificativa de que algumas coisas que eu curto eles não fariam por não serem *viados*. “*De boa cara! Eu não sou viado, não!*”. Eu era o *viado*. Não eles. Logo, eu supostamente poderia me submeter a certas coisas, enquanto eles precisariam manter intactos certos locais – o ânus, por exemplo -, para não ocuparem este local desprivilegiado.

Beijar na boca é algo arriscado dentro da rede. Pude perceber que beijar na boca revela um tipo de intimidade que não pode, supostamente, existir entre dois homens em determinados contextos de sexo. Beijar significa ultrapassar a barreira entre ser um homem e ser uma bicha. Duas bichas podem se beijar, mas, um homem não pode beijar uma bicha. Pode tocá-la, se deixar masturbar, ser chupado, *come-la*, mas, beijar não!

Goiânia, 21 de maio de 2011

Beijo na boca também é visto com desconfiança e muitas vezes com desconforto. Primeiro que beijar na boca é quase sinônimo de “viado”, segundo, pelo que já pude observar, principalmente no corredor onde funcionava o dark room, alguns caras ficam bem desconfortáveis quando o parceiro tenta beijá-los. Será porque beijar representa intimidade ou porque beijar é taxado como coisa de “bicha”?

(Diário de campo)

⁶⁰ Quando alguém chega em você perguntando o que você *curte* o interesse é em saber suas preferências durante o sexo: que tipo de sexo topa ou não fazer; qual papel assume na transa, fantasias e outras singularidades que dão uma dimensão do que poderá acontecer caso se confirme o interesse recíproco. Muitas vezes, em alguns locais também é comum apontar/pegar partes do corpo/pessoas como forma de confirmar o interesse pelo que se mostra.

Também não pode aceitar carícias anais ou chupar outro. O menor traço de passividade apaga qualquer possibilidade de alguém ser identificado como um homem de verdade dentro da rede.

Essas buscas por barreiras e alocações, foi algo bastante presente nos meus momentos nos locais que frequentei - ainda que tais ambientes não ocupem o *hall* de identificações/identidades normatizadas socialmente há uma tentativa de atribuição de características como forma de domesticá-las e determiná-las nestes espaços.

Goiânia, 30 de setembro de 2010

Mais uma tarde no Santa Maria . . .

Hoje estava razoavelmente cheio. Apareceram umas travestis que eu ainda não tinha visto por lá. Eram novinhas. Algumas, pude perceber, estavam iniciando seu processo de montagem e ainda não conseguiram administrar recursos para dissimular suas características ‘masculinas’.

É comum que as travestis se juntem algumas vezes e formem um grupo para bater papo na parte de fumantes do cinema. Hoje não foi diferente. Fumando um cigarro pude escutar uma conversa do grupo que debatia, naquele momento, quem das novas eram de fato travestis. Uma delas fez a pergunta “Tu é uma travesti” a todas as outras o que a maioria respondeu que sim e uma ou outra respondeu “ainda não”.

Ao fim da sabatina, ela apontou para alguns que disseram que são travestis e disse: “Vocês não são travestis!” ao que algumas rebateram: “Sou sim, querida!”. Neste instante a travesti que iniciou esta conversa novamente disse que não e apontou e a si mesma: “Nem eu sou! Eu sou um gay montado, um gay ‘perucado’⁶¹. Um gayzinho. Mas, não sou travesti não, colega”. E aí começou a listar algumas características que a faziam não ser uma travesti ‘de verdade’: não ter peito, usar peruca, não se vestir de mulher 24 horas, não tomar hormônio e mais algumas.

Essa não era a primeira vez que ouvia algo do tipo. Dias atrás perguntei pra Leandra sobre uma bicha que tinha aparecido por lá cheia de dedos. E a chamei de travesti. Leandra me corrigiu e disse que a bicha em questão não era travesti, só tinha o cabelo comprido, mas, não tinha peito e se ela cortasse os cabelos ia ficar parecida como qualquer gay, pois, o que faz uma travesti é o peito.

(Diário de Campo)

⁶¹ É uma forma que me parece, em alguma medida, desmascarar e desprestigiar a montagem de algum. Perucado significa usar peruca.

Há o despedaçar das identidades para a construção de outras a partir de padrões que são elencados pelo próprio grupo. Se fora dali aquelas pessoas seriam identificadas como travestis, para as travestis do cinema elas não passavam de *gayzinhos* à época. Benedetti (2005) e Pelúcio (2007) apontam que muitas interlocutoras em seus campos pontuaram o silicone como característica importante para a construção da identidade travesti, pois, é quando a travesti se sente “toda feita” (BENEDETTI, 2005, p.86).

Há, nesses espaços, tentativas de cercar as experiências em conceitos e identidades delimitadas, entretanto, tal empreendimento se mostra ineficaz devido ao grande número de possibilidades encontradas em seus trajetos internos. É interessante pensar que essa busca por determinar as aparições não se liga diretamente a um processo de reconhecimento e legitimação de possibilidades socialmente aceitas, mas, de criação e ocupação de outros locais como o da *bicha*, do *sapatão*, do *traveco*, do *coroa* e de outras aparições que desviam das normatividades.

Encaro o cinema pornô, e a rede em geral, como produtores de “experiências” *queers* não apenas por corroerem o sistema de identidades forjadas a partir das práticas sexuais, mas, por se apresentarem como locais de resistência. Vale (2000) diz que o pornô assume um papel de resistência nos tempos de crises da indústria cinematográfica, eu analiso que esta resistência não tange apenas ao mercado cinematográfico, mas, a encaro também pela ocupação dos locais onde se consome sexo na cidade. Ao buscar por sexo em locais desautorizados para tal finalidade esta movimentação se constitui como uma prática denunciativa dos processos de domesticação do prazer, portanto, transforma-se em política.

Entendo que tal movimento não ultrapassa completamente as cercanias das estabilidades – mesmo porque quebra algumas ao passo que constroe outras -, e percebo que, mesmo com um fundo político, buscar sexo nas vias da cidade não é uma atuação política deliberada entre os sujeitos envolvidos nesses jogos.

Apesar de subversiva a rede não rompe completamente com o sistema continuado. O que não significa que não cause transtornos ao sistema normativo como é bastante pontuado por Pocahy (2011). “O baile das contradições se reinventa. A vida apresenta a possibilidade de escapar de certas normas, mas não esta isenta de novos arranjos normativos” (ibid., p.107). Mesmo onde o sexo poderia ser experimentado de forma mais livre, as amarras invisíveis do controle podem ser sentidas.

Estou inclinado a concordar com a afirmação de Lypovetsky (2007, p. 245): “Orgia de representações, ordem regulada dos costumes: é assim que, para além das escaladas pornôs,

prossegue o processo de civilização do Eros. Nem orgíaco nem puritano, o modelo é de um hedonismo temperado, pouco excessivo.”.

Mesmo percebendo o problema na generalização do autor, ao menos nos caminhos que andei por Goiânia, o sexo, mesmo com toda a subversão envolvida na rede, se encontra, em alguma medida, ajuizado e conformado a determinados padrões. A diversão subversiva também cria suas subversões e barreiras.

3.2 LÁ TAMBÉM SE TRANSA . . .

Penso na rede não apenas como um lugar para sexo, ainda que esta seja sua principal característica. É possível estabelecer outros tipos de contato que não apenas os sexuais e isto é algo que desperta a curiosidade de pessoas que não fazem parte dela sempre que descobrem histórias que estão para além do sexo.

Parece incompreensível que locais aonde as pessoas se deslocam em busca de sexo possam ser ocupados para outros fins que não o sexo. Percebi a partir dos locais que visitei que isto não apenas é possível, mas, é próprio destes locais. Vejo tais ambientes como próprios para sociabilidades e que agregam pessoas em torno do sexo, mas, que não se resumem apenas a ele, pois, oferecerem outros tipos de consumo e diversão. Maia e Reis (2009) em um trabalho sobre as formas de interação no Morro da Mangueira, Rio de Janeiro, pensam sociabilidade como: “socialidades que são usos, que são maneiras de renomear os lugares, as pessoas, os objetos, os adjetivos, as situações, os desejos e as trocas, escolhas, desvios, atalhos ou permanências.” (ibid., p.124).

Assim, a rede é reinterpretada por quem a frequenta. Mesmo locais que em nada sugerem outro tipo de consumo além do sexo – como parques ou banheiros públicos, por exemplo -, carregam elementos que possibilitam um tipo de interação que não se limita a prática sexual.

Algumas vezes que fui a determinados parques durante a noite vi grupos de pessoas que sentadas em bancos conversando entre uma transa e outra. Ou grupos que saiam de lá juntos para algum bar nas proximidades. Benedetti (2005), Pelúcio (2007), Sampaio (2009), Díaz-Benítez (2009), Braz (2010) e outros e outras autores e autoras de sexualidade no país apontam que seus campos não se constituem apenas como local para práticas sexuais, mas, implicam também em espaços para a troca de informação, afetividades e diversão. O mesmo ocorre em Goiânia.

Engana-se quem pensa que nestes espaços não há pausas do sexo. Ao contrário, o sexo neles vem acompanhado de outros prazeres; cigarros, bebidas, conversas, algumas vezes o uso de drogas recreativas ou um lanche.

Goiânia, 16 de abril de 2012

Passei a tarde no Santa!

Cheguei ao cinema por volta das 14h, horário que não costumo ir, mas, como se tratava da primeira vez que ia lá depois de reaberto após a reforma, aproveitei para chegar cedo e ver as novidades⁶² que me aguardavam. De forma geral não houve grandes mudanças, só o aumento no número de poltrona e a retirada da parede que separava a penumbra – essa parede era de compensado.

Não estava tão cheio hoje. Aliás, faz tempo que venho observando uma certa queda no número de frequentadores da ‘tia’, inclusive, alguns tenho visto frequentemente na sauna. E olha que se trata de frequentadores assíduos do cinemão.

Bom, hoje a turma toda estava lá. A turma é um grupo de frequentadores que faz do cinema seu local de diversão diário. São travestis e caras que já frequentam o cinema a bastante tempo – inclusive algumas travestis de acordo com dados que colhi começaram a frequentar o cinema ainda como gayzinhos -, e que se conhecem e mantêm uma relação de proximidade entre eles dentro do cinema e como pude perceber fora de lá também.

Costumam chegar por volta das 14h e sempre saem de lá por volta das 19h. Mesmo utilizando o cinema para pegação é comum observá-los sentados em poltronas próximas comentando assuntos banais, ou sobre outros frequentadores, falando de suas vidas pessoais ou jogando potoca fora. Suas conversas são pontuadas por risos e piadas.

Hoje novamente rolou uma ‘vaquinha’ pra comprar o lanche que foi refrigerante – repartido o valor entre todos – e salgado para quem comprou o seu.

(Diário de Campo)

Essa cena descrita aconteceu muitas vezes durante todo o tempo que frequentei o Santa, era comum ver as pessoas envolvidas na situação descrita no fragmento de diário apresentado chegando e saindo juntas. E encontrá-las em outros locais em companhia umas

⁶² Mais detalhes sobre o interior do cinema serão disponibilizados mais a frente

das outras. Não posso, contudo, afirmar que todos mantinham laços e relações na mesma medida entre si.

Foi perceptível durante a pesquisa que alguns se ligavam mais a uns que há outros, o que analiso como equivalente a relações que são construídas fora dali por outros grupos. Há sempre aqueles que se ligam mais a determinadas pessoas e com elas desenvolvem mais intimidade. O mesmo ocorre com esse grupo que é composto por mais ou menos oito pessoas.

Assim como no cinema essa interação pode ser percebida em outros locais da rede. Ao passear a noite pelos *pontos* de prostituição é possível vislumbrar rapidamente a forma como ocupantes de determinado ponto mantêm interação. Ou como vi certa vez em um *shopping* da cidade dois rapazes que tinham acabado de fazer um *banheirão*⁶³ se encontravam na praça de alimentação dividindo uma mesa e lanchando juntos.

Há interações e compartilhamentos nos espaços e essas ligações possibilitam acesso à informações que são trocados entre quem faz parte da “turma”. Por exemplo, um dos assuntos “quentes” que permeiam as conversas é o *cheque*⁶⁴.

Mas, essa não é uma característica apenas de locais comerciais, *Andrea*, sempre que conversamos sobre nossas andanças pela cidade, evidencia que determinados locais públicos também se constituem como local regular para certas pessoas. Em nossas conversas sempre surge a fala: “*lembra daquele bofe que te falei?*” ou “*sabe a bicha daquele dia?*”, o que demonstra que de alguma forma os indivíduos, mesmo que atuem no anonimato, se tornam reconhecidos por outros que integram e interagem nos mesmos locais. São relações que pude perceber se ligam ao sexo de certa forma, mas, o extrapolam. Podem ser efêmeras ou mais

⁶³ Banheirão: termo que designa o ato de busca por sexo em banheiros públicos. A prática é muito comum em alguns banheiros públicos masculinos. O banheirão consiste, na maioria das vezes, em ficar se exibindo e masturbando de forma a quem está próximo possa ver e algumas vezes tocar e masturbar o outro. Em alguns banheiros é possível que durante a prática ocorra mais que masturbação ou *voyeurismo* e se empreenda sexo oral e penetração, mas, estes casos dependem da estrutura do banheiro e sua vigilância.

⁶⁴ É quando em uma penetração anal quem é penetrado suja de fezes o que esta penetrando – seja pênis, dildo, braço ou o que seja que se esteja utilizando para penetrar. Para que tal situação não venha a ocorrer é empregada a *xuca* que consiste na limpeza do esfíncter anal a partir da utilização de jatos d’águas com pressão. São empregados no procedimento de *xuca* diversas técnicas como a introdução de água com o chuveirinho; com a mangueirinha do chuveiro; com o uso de garrafa pet ou mesmo com o uso de produtos, tipo enemas, adquiridos em farmácias. *Cheque* sempre rende risadas e falas que desqualificam quem o passa. Sobre quem *passa cheque* há sempre comentários que o depreciam por ser uma “*bicha suja*”; “*um viado porco*”; “*uma bicha que sai pra dar o cu e não se limpa*”. Apesar de ser uma situação em que para o ativo – e, portanto o que foi sujado -, sempre sobrem deboches e piadas, para o que suja restam as acusações, pois, “cabe” a ele a limpeza para que o sexo seja limpo. Porém, em certas ocasiões a questão não fica apenas no desdém. Há situações em que a punição se caracteriza pela limpeza nas roupas ou no corpo do quem sujou e em alguns casos com a exigência de a sujeira seja limpa com a boca. Algumas vezes, no *dark room* da boate, a questão era escancarada na hora a partir de gritos ou de falas a respeito do mal cheiro que exalava de algum canto escuro.

profundas. Também podem ser profundas só dentro da rede, sem que seja levada para fora dela. A forma como essas relações irão se estabelecer depende das pessoas envolvidas e da maneira como elas relacionam suas vidas fora das trilhas e suas investidas nestes caminhos.

O que pude perceber é que toda questão está envolvida em um jogo aonde são consideradas as perdas e os ganhos. Seja na publicização ao assumir que frequentam tais locais. Seja ao levar relações constituídas em seus interiores para outros espaços.

Algo que também faz parte dessas relações que se formam nos espaços é o compartilhamento de informações sobre as pessoas que os frequentam. Há nos grupos uma espécie de “agência de comunicação” de onde saem informações sobre outros frequentadores do local. Este tipo de conversas nos grupos, apesar de se encontrar em vários espaços, assume um caráter de “aproximação” entre as pessoas que frequentam determinados locais. Essas “fofocas” sobre os outros possibilitam maior interação entre pessoas que fazem parte de um mesmo grupo.

O que também se revela nessa dinâmica é que a efervescência na rede não é tão livre quanto eu imaginei em minha primeira incursão ao campo. Muitos locais exigem certa etiqueta de seus frequentadores como condição para as suas permanências neles - sejam locais comerciais ou públicos. No fundo essa relação que os grupos estabelecem é também uma relação de vigilância.

Goiânia, 21 de maio de 2011

Mais uma noite em claro!

Ontem fui ao Santa pra mais uma observação. Depois de passar muito tempo na sala de projeção sai um pouco com a intenção de fumar na área aberta do cinema, por lá encontrei a Leandra sentada na cadeira de plástico amarela que fica próximo ao maquinário antigo do cinema. Ela também estava fumando.

Ficamos por ali fumando e observando o movimento, o entra e sai de gente na sala de projeção e no banheiro. Ao passar um cara ela me confidenciou que um pouco mais cedo ao “atender um bofe” ele estava por perto e na hora que o cliente tirou dela ele tinha abaixado e “chupou o pau dele com a camisinha e tudo! Acredita?!”.

A expressão dela era de profunda incredulidade. Era um misto de espanto e nojo. Ela repetiu umas duas vezes que “a bicha nem limpou a camisinha”. Eu ainda perguntei se a camisinha tinha sujado, ela respondeu que não, mas, ainda sim, para ela aquela não era uma atitude vista com bons olhos.

(Diário de Campo)

As pessoas vigiam umas as outras e assim colhem informações que são compartilhadas entre seus pares. As relações que estabeleci dentro do cinema me levaram a obter informações que outras pessoas não acessavam – algumas dessas que não obtinham certas informações que eram disponibilizadas a mim eram, inclusive, frequentadoras do cinema há mais tempo que eu.

Um bom exemplo sobre essas relações que se estabelecem dentro dos locais é a forma como se relacionam alguns clientes da sauna . . . e os *boys*. Há outras construções nessas relações que não apenas sexo ou ganho monetário. Aliás, a sauna . . . é um exemplo muito forte dessa extrapolação do sexo na rede. Eu a percebo como uma confraria onde amigos se reúnem para compartilhar momentos de diversão.

Em uma das festas que participei na sauna . . . o dono do local fez questão de ressaltar que os *boys* que frequentam a casa são garotos conhecidos e de caráter. É interessante perceber este discurso não apenas como o de um empresário preocupado em manter a imagem de sua casa, mas, também, como uma forma de transmitir segurança aos seus clientes. O fato de que esse espaço é ocupado por pessoas que se conhecem e mantêm relações de proximidade – relações que até onde pude perceber são as que podem ser consideradas mais evidentes e fortes na rede -, inclusive, com o próprio dono do local, é uma forma de dizer que ali os *boys*⁶⁵ são pessoas que não oferecerão risco a integridade de ninguém, pois, seriam banidos do local ou mesmo poderiam gerar uma situação em que a presença de michês se tornasse proibida no local – como ocorre na outra sauna onde a prostituição não é permitida.

Por fim, é interessante notar que mesmo se configurando como locais para sexo há reapropriações desses espaços e a impessoalidade inicial pode ser superada levando a aproximação entre indivíduos por outros motivos que não necessariamente o sexo.

3.3 CUIDADO PRA NÃO DEIXAR MARCAS, TÁ?

Algo muito evidente em determinados pontos da rede é a questão da higiene dos sujeitos frequentadores dos locais. É perceptível que aos intercursos sejam procedidas atividades de limpeza.

Nos locais que dispõem de banheiros esses são bastante requisitados tanto para o uso de seus reservados para sexo como de suas pias e torneiras para a higienização de mãos e

⁶⁵ Cabe ressaltar que os michês que frequentam a sauna . . . não são funcionários da casa. Eles atuam de forma autônoma sem a mediação da direção ou dos donos do local.

outras partes do corpo. No caso das saunas, é comum que após cada coito ou em intervalos regulares os frequentadores utilizem as duchas disponíveis. Quase sempre, em se tratando de saunas, um banho antes de deixar o ambiente é uma atividade rotineira.

Alguns frequentadores de determinados espaços além de preservativos e sachês de gel lubrificante costumam carregar consigo toalhas de papel ou papel higiênico e sabonetes para suas higienizações. Alguns costumam levar também perfumes que utilizados antes de suas saídas dos ambientes.

No *Santa* uma das grandes preocupações é em relação ao gozo. Há sempre uma preocupação para que a roupa não suje de esperma. Em situações de sexo oral ocorridas entre as poltronas e com os envolvidos encontrando-se sentados muitas vezes entreouvi o pedido para que quem estivesse chupando *engolisse* [o gozo]. Em caso negativo, próximo ao gozo este [que pagava o boquete] se afastava e o outro assumia uma posição que evitasse o contato com o esperma.

Goiânia, 10 de julho de 2010

A higiene pessoal também é parte do processo. Por vezes pude observar os frequentadores lavando seus pênis, mãos e rostos antes de recomençar todo processo novamente. Muitos também utilizam guardanapos, lenços, ou panos para que não se sujarem de sêmen.

(Diário de campo)

Essa preocupação com a sujeira provocada pelo gozo e alguns procedimentos de higiene percebidos principalmente na saída de certos frequentadores indicam um cuidado em manter tais atividades camufladas fora dali. Camuflar os cheiros do cinema – que muitas vezes parecem impregnar roupas, pele e cabelos⁶⁶ -, é uma forma de camuflar o bafo quente do pós-coito longe das vistas de quem não pode saber sobre essas visitas.

Capucho (1999, p. 59) dá uma ideia desse cheiro: “Respirava aquela luz grossa de penumbra, de bafo de sexo masculino.”. Mas não são apenas os cheiros característicos do

⁶⁶ Esta é uma questão interessante. Muitas vezes ao retornar para casa após minhas idas ao cinemão me sentia desconfortável com o cheiro que parecia emanar de mim. Isto acontecia, principalmente, quando retornava para casa em ônibus cheios e em dias de muito calor. O cinema é um lugar escuro e abafado o que faz parecer que o suor ao se misturar com outros cheiros deixa a impressão de que se fica impregnado com um cheiro que mistura sexo, gozo e outros produzidos em seus interior. Por isso a higiene dentro desses locais é sempre muito visível. Não raros são os casos em que os frequentadores levam para esses locais artigos de higiene, tais como: desodorantes, perfumes, escovas e géis dentais, xampu – no caso das saunas -, condicionadores. Muitos, inclusive, principalmente em relação às saunas levam mudas de roupas limpas para trocarem assim que deixam o local. Lenços, toalhas e guardanapos de papel também são bastantes utilizados nestes locais.

cinemão que parecessem preocupar alguns de seus frequentadores. Marcas ocasionadas durante a transa também são evitadas ao máximo neste locais.

Muitas vezes escutei a frase que dá título a este tópico: “*Não deixa marcas, tá?*”, isto significa que era para evitar deixar arranhões pelo corpo do outro, marcas de mordidas ou chupadas nos mamilos e em outros locais do corpo.

Em relação a arranhões, mordidas, chupadas, marcas de palmadas e outras práticas que marquem o corpo esta é uma preocupação que observei se ligar diretamente à manutenção de relacionamentos afetivos: “*Cuidado! Não deixa marca que eu tenho mulher!*”.

De forma geral, os relacionamentos mantidos pelos que buscam evitar contatos que lhes deixem marcas são com mulheres. Fato que pode ser constatado a parti de enunciados como: “*Porra! Chupa melhor que muita mulher!*”; “*Que bunda gostosa. Parece bunda de mulher!*”; “*Nossa! Que gostoso cara. Melhor que mulher!*”.

Essa comparação entre o sexo empreendido com homens e mulheres é comum entre alguns participantes dos locais da trilha. Tais falas podem ser compreendidas como tentativas de deslocar esses lugares - no sentido em que não se refuta o sexo e nem mesmo se dissimula o quanto está prazeroso, mas, é marcada que aquela é uma situação específica e que fora dali ou daquele contexto as relações são em outra via que não entre homens.

Mas, ainda que as marcas ocasionadas durante o sexo não se liguem, ou os ligue diretamente ao cinemão, essa preocupação assume o lugar de prevenção de possíveis futuros problemas e explicações sobre de que forma tais marcas foram feitas. Ainda que não se descubra que tenha sido com outros homens ou com travestis, elas denunciariam algum tipo de envolvimento fora da relação.

Pensando a partir da teoria *Queer* estes deslocamentos empreendidos pelos sujeitos dentro destes locais expõem as fissuras e os limites das sexualidades normativas. Muitos sujeitos que frequentam os locais da rede remodelam suas “identidades” a partir de outros locais e outras experimentações de prazer.

Um bom exemplo dessa dinâmica fluída é notado quando a catraca do *Santa* é ultrapassada por personagens que não são muito comuns em seu interior. Poucas vezes vistas no cinema – não apenas no cinema, mas, na maioria da rede -, mulheres não têm suas entradas barradas no *Santa* - diferente do que ocorre nas saunas que são ambientes masculinos. Sendo assim, as mulheres quando adentram a sala de projeção causam um verdadeiro rebuliço. Mesmo que ocupem, também, de forma tímida o *dark* – aliás, cabe ressaltar mais uma vez que a participação de mulheres é tímida na rede -, é no cinemão onde se pode perceber que a

ocupação delas, nesses locais, opera uma mudança radical na forma como muitos homens passam a experimentar prazeres dentro da sala escura do cinema.

3.4 O QUE ESSA AMAPÔ TÁ FAZENDO AQUI!?

Amapô é um termo do bajubá utilizado para se referir a mulheres. Também pode aparecer sob a forma de *mapôa* e é sinônimo de *racha*. Mulheres são personagens que aparecem e atuam na rede de forma mais contida que os homens, ainda assim há espaços para que elas sejam as protagonistas. Nos shows eróticos⁶⁷, em determinadas regiões de prostituição, em algumas casas e clubes onde atuam como acompanhantes e em determinados espaços virtuais, por exemplo, são as mulheres as principais estrelas da cena orgiástica na cidade.

Dos locais que compõem o cenário urbano deste estudo a presença de mulheres é mais constante na boate que oferecia *dark*⁶⁸ - local onde era praticamente nula a participação delas. Em geral, a ocupação de mulheres nos outros espaços que frequentei era localizada em determinadas funções dentro destes locais: caixas, cozinhas e trocadores, por exemplo.

No cinemão apesar de não ter nenhuma indicação que a presença de mulheres é interdita, só quatro vezes as vi em suas dependências. Há, entretanto, uma personagem que é autorizada a circular pelo cinema sem que sua presença cause estranheza ou comportamentos de caça: é a caixa do cinemão.

⁶⁷ A utilização do termo *erótico* não se encontra em oposição ao termo *pornô*. Sua utilização se deve ao fato que os shows que envolvem sexo ao vivo, strip-tease ou outro com conteúdo de teor sexual é apresentado sob este rótulo pelas casas que os oferecem.

⁶⁸ *Dark* é a forma reduzida de *dark room*. Em Goiânia, os *dark rooms* encontram-se hoje em dia apenas nas saunas. Assim que iniciei a pesquisa o *dark* de uma das boates e o do *Santa* estavam em funcionamento. O do cinemão ficou disponível até o fim do ano de 2010, quando foi lacrado, ao que consta, depois de uma inspeção dos órgãos de vigilância sanitária. O da boate funcionou até por volta de abril de 2012, quando houve uma mudança de direção da casa. A justificativa também foi vigilância sanitária. O *dark* da boate era localizado próximo à sua área de fumantes – uma área aberta nos fundos. O *dark* da boate tinha umas características incomuns à *dark rooms*. A começar por não possuir cortina ou porta em sua entrada e o segundo e mais improvável é que possuía uma janela, ou uma estrutura para tal, que ficava em frente ao corredor que levava a pista de dança. Este corredor é separado da pista por uma porta que abre para seu interior e possui uma pequena abertura protegida por vidro na sua parte superior o que possibilita a passagem das luzes da pista o que fazia com que, dependendo da luz, o *dark* recebesse luz em seu interior – algo que era potencializado pela abertura da porta. A questão dos *darks* em Goiânia requer um pouco mais de atenção. Relatos de amigos dão conta que havia *darks* em outras boates da cidade antes de 2010 – ano em que cheguei a cidade -, pelo que eles contam estes espaços foram sendo fechados à medida que as casas passavam por processos de “encarecimento”, não apenas no que se refere as suas entradas, mas, e principalmente em relação ao seu público e a forma como as pessoas significam as casas. Como os *darks* se ligam a sujeira - cheque, esperma, suor, etc.-, a narrativas de violência em seus interiores (roubos, agressões) e ao consumo de drogas, eles colocam as boates que os disponibilizam em posições questionáveis. Percebo que ao retirarem os *darks* das casas suas direções buscam “enobrecê-las” e atrair um público significado como mais qualificado. Algo que se escutei muito durante minha pesquisa foi que a boate que disponibilizava *dark* era um local de gente “feia e pobre”, além de ser suja e ter um cheiro horrível vindo do *dark*.

Personagem diária da rotina do cinema ela circula por suas áreas abertas sem ser incomodada ou assediada pelos frequentadores. Esta situação, ao que parece, tem relação com o fato de ela ser funcionária do cinema o que, supostamente, desautoriza alguém a sentir prazer por ela dentro daquele espaço – situação que também ocorre em relação ao Sr ... que é o responsável pelo controle da catraca, da venda de bebidas e balinhas e pela ordem do cinema – e a interdita, em alguma medida, a investidas dos frequentadores do local. A proteção de vidro da bilheteria já é um limite entre ela e os frequentadores - uma barreira não apenas física, mas, que demarca o papel que ela assume naquele local, assim como o colete do Sr .

Dessa forma sua presença não gera os movimentos gerados quando se trata de outras mulheres. Com base em outros dados apresentados anteriormente seria equivocado pensar que as relações entre homens que acontecem no cinemão se dão de forma não constrangedora ou sem tensões, em absoluto. Os jogos que se estabelecem nestes locais estão inseridos em relações de poder que determinam as posições dos sujeitos nas cenas, mas, são contornados e geridos de forma mais ou menos tranquila entre os frequentadores.

A tranquilidade na administração do estabelecimento de relações entre homens nos espaços, entretanto, sofre um abalo com a presença de mulheres no local. A situação no cinema muda e a mulher passa a ocupar a posição de destaque e desejo no local ocasionando uma mudança nas práticas que ocorrem lá dentro.

Mesmo mantendo relações entre si ou com travestis na ausência de mulheres, alguns frequentadores modificam a situação investindo e exibindo-se para essa(s) mulher(es) que naquele momento se encontra no local. Os deslocamentos passam a ocorrer para os pontos próximos a onde esta se encontra, pois, é ela o foco de atuação.

Goiânia, 13 de setembro de 2010

Fui ao cinema com a Cristiana, foi tenso!

Os homens a olhavam com interesse e demonstravam isso com patoladas escancaradas. Alguns chegando a mostra diretamente a 'mala' para ela. Por outro lado, não pude deixar de notar o olhar de reprovação e hostilidade de uma travesti que se encontrava na em um patamar da escada e que estava virada para a catraca.

Andamos um pouco pela sala e logo nos primeiros momentos começou o assédio. Eram homens que a tocavam e nos seguiam mostrando seus membros duros e convidando-a para um algo mais no banheiro ou no dark.

A ‘abertura’, deles, para uma possível transa comigo para que transassem com ela foi algo muito evidenciado. Vários foram os que chegaram antes em mim que nela. ‘Pega aqui. ‘Vê’ como é grande e tua amiga vai gostar!’; “E então, gostou? Pode ser de vocês dois”; “E aí, ‘vamo’ brincar nos três!”; “Porra, to de pau duro pela tua amiga. Joga ela na minha”.

Assim que ela foi embora mais alguns caras vieram falar comigo e perguntar por ela. Depois de um tempo os vestígios de sua presença foram apagados e o cinemão voltou a sua rotina. Com homens se pegando em todos os cantos.

(Diário de Campo)

Essa foi a primeira vez que presenciei mulheres no cinema, depois dela observei a presença delas em 09 de setembro de 2011. A primeira chegou e foi logo para o mezanino onde manteve uma transa com vários homens alternado entre sexo oral, anal, vaginal e masturbação - enquanto era observada por outros sentados ou em pé a sua volta.

Como ocorreu no episódio com *Cristiana* as travestis se mostraram incomodadas com a presença dela ali. Mas, depois que ela desceu do mezanino ainda interagiu com algumas. Pouco depois que ela saiu entrou um casal no cinema. Novamente a exibição de masculinidade se iniciou ao redor deles. Enquanto transavam alguns se aproximavam e tocavam-na se masturbando ou tentando receber sexo oral dela. Descobri, depois, que eles eram um casal que praticava *swing*.

A única vez que vi uma mulher não causar tanto no cinema foi pouco antes desse casal. Era uma garota de programa. Ela quase não entrou na sala de projeção. Percebi que ela não chamou tanta atenção por sua apresentação. Roupas simples, sem maquiagem e, talvez, por ser negra. Sua presença não mexeu na estrutura do cinema, mas, ela conseguiu dividir os programas com as travestis.

A presença de mulheres no cinema transforma as relações internamente levando alguns homens a não manterem intercursos com outros homens, algo que se rearticula assim que elas deixam o local.

3.5 QUEM VAMOS TER PRA HOJE?

Ao começar escrever este tópico me vem a cabeça a música *O prato do dia*, da banda mineira Pato Fu (2000), onde a vocalista canta: “*Moço, hoje eu vou querer a comida mais estranha [...] Quem vamos ter pra hoje? Quem vai ser? Quem, o prato do dia?*”. Os corpos estranhos (LOURO, 2007) que ocupam a rede também se encontram lá no cinemão.

São corpos obesos, peludos, deficientes, envelhecidos, intervencionados, são “répteis milenares, e então, a vida na penumbra do porão, do cinema, com sua camada de concupiscência em torno de tudo, é mais espessa” (CAPUCHO, 1999, p.17), que tornam o *Santa* um local habitado e procurado por tipos que se distanciam das normas, mas, que também acolhe quem se mantém no padrão socialmente aceito de belo.

Alguns locais da rede são palco para o protagonismo de homens cujos corpos carregam marcas de distinção de raça, geração, classe, peso e outras que os deslocam dos locais de conforto na economia do sexo. A frequência é principalmente de homens que aparentam mais de 40 anos. Também é um cinema que é visto como mais popular e por isso é sempre ligado à sujeira, feiura, decadência.

Percebi que a *Tia Maria* e a sauna . . . , em muitos outros locais, são vistos com desconfiança ou desdém. Isso se deve, principalmente, ao tipo de homens que os frequentam. Os locais da rede que frequentados por pessoas cujos corpos são significados como abjetos sempre recebem críticas que os desqualificam por quem prefere o circuito mais “limpo” - algo que alguns informantes de Braz (2010) apontaram como características para não frequentarem determinados espaços.

Porém, ainda que as corporeidades nestes espaços apresentem formatações dissonantes das consideradas ideais, esta não é uma barreira que impede que estes sejam desejados e buscados por outros que se encontrem “conformados” dentro do padrão caracterizado como mais viável. Também não caracteriza a busca destes sujeitos “desviantes” sempre em direção de outros sujeitos significados nos mesmos marcos em que eles⁶⁹.

O espaço disponibiliza outras formulações, outros desejos e outros significados que não podem ser pensados de forma estanque. O prazer que se busca no interior da rede deve ser pensado no plural assim como os são seus frequentadores.

E não se trata apenas do prazer buscado no corpo masculino. As travestis são figuras constantes e protagonistas de cenas dentro da sala de projeção e no *dark*. Um feminino que se

⁶⁹ Esta é uma questão interessante. A despeito do pensamento recorrente de que grupos subalternizados seriam mais tolerantes e amistosos em relação a outros sujeitos e grupos, tal premissa desconsidera que estes atores e atrizes sofreram processos de socialidade o que significa que suas relações também são construídas e modificadas em relação a outros sujeitos. Muitas vezes na rede, em conversas, ou interação com algum cara mais velho fui deslegitimado pela minha juventude, pois “seria novinho para entender certas coisas” ou “não seria maduro o suficiente”. Nestas cenas eu me encontrava em desvantagem por, supostamente, não ter acúmulo de vida suficiente para entender determinadas situações ou empreender certas relações ali dentro. Em relação a minha corporeidade o mesmo movimento foi percebido. Se para uns eu estava acima do peso para ser objeto de desejo, para outros eu não era suficientemente gordo para despertar a vontade de manterem alguma coisa comigo. Assim, como estes questionamentos eram lançados em minha direção, eu também os provocava acionando discursos de prestígio ou desinteresse por determinados sujeitos.

constroe a base de hormônios, silicone e outras ferramentas de feminização mais ou menos eficazes na camuflagem do que se consideram aspectos pertencentes ao masculino.

Nestes locais elas *comem, dão*, são ativas, passivas, *homens de peito* ou *mulheres de pau*. Reorganizam prazeres a partir de seus corpos modificados. Vistas como ocupantes das margens mais periféricas da sexualidade, as travestis que frequentam o *Santa* dividem aquele espaço com outros atores tão abjetos quanto elas.

Mas, como aponta Pocahy (2011) estes lugares reconstroem os sujeitos e seus significados nas relações em seus interiores. Se o sexo com travestis, por um série de questões é desmascarado e visto como espúrio, em alguns espaços elas encontram sujeitos que buscam em seus corpos a oportunidade para o gozo.

A ocupação da *Tia* por elas também assume outro significado. Para muitas se coloca como uma alternativa à *pista* - que elas apontam como um local de perigo para a *batalha*. *Leandra* por diversas vezes manifestou seu receio com a *pista* em conversas⁷⁰. Tal preocupação emergia de forma mais forte quando em conversas surgiam casos de travestis agredidas em seus *pontos* de trabalho.

Os *cafuçus*, homens que carregam traços mais rústicos, com corpos masculinizados e definidos pelo trabalho, marcados por símbolos de classe mais popular e identificados, principalmente, como pertencentes à raça negra, também compõem a fauna humana dos locais de sexo na cidade. Sua virilidade de *machos de verdade*, sem afetações ou “frescuras” os tornam bastante requisitados ali.

⁷⁰ Em pesquisa realizada pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República no ano de 2011 e lançada em junho de 2012, o estado de Goiás aparece como o 9º estado mais homofóbico do país. Esse é um dado interessante, pois, desde 2011 até o fechamento desta pesquisa, na cidade de Rio Verde, interior do estado, oito travestis foram encontradas mortas com requintes de crueldade pelas ruas da cidade. Até agora não há nada de concreto sobre essas mortes, a não ser, a suspeita da polícia de que elas tinham relação com o tráfico de drogas. O movimento social, entretanto, discorda de morte por questões de drogas e alega que essa é uma forma de descaracterizar essas mortes como crime de transfobia. Fato é que as travestis se encontram na zona de maior vulnerabilidade social, inclusive, entre a população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. De forma geral, é a população que sofre as maiores violências – sejam físicas ou simbólicas -, pois, ao borrar as barreiras dos gêneros e dos sexos se colocam mais conflituosamente contra os preceitos heteronormativos. Assim a preocupação de *Leandra* não é exagero. A população travesti, principalmente a que empreende a atividade de prostituição, se encontra hoje no país exposta a violência homofóbica/transfóbica de forma alarmante. Diariamente vemos relatos na mídia sobre travestis assassinadas ou assaltadas em seus locais de trabalho. Trabalhando junto ao movimento social pude observar, também, que diariamente chegam relatos de travestis menores de idade que foram expulsas de suas casas por parentes assim que começaram seus processos de transformação corporal. Algo que merece um pouco de atenção, principalmente por essa ser uma pesquisa de mídia e cultura, é a forma como as travestis são expostas diariamente nos veículos de comunicação. De forma geral, cabe as travestis as editoriais de polícia e os programas policiais de “gosto duvidoso”. Geralmente ao serem apresentadas acontece a primeira violência o uso do nome oficial em detrimento aos seus nomes sociais. Ao se referirem às travestis por seus nomes masculinos – e na maioria esmagadora das vezes, elas serem faladas pelos meios de comunicação no masculino -, os meios de comunicação ativam um processo de eliminação de sujeito, pois, as travestis ao se identificarem no feminino, modificarem seus corpos para serem entendidas como pertencentes ao gênero feminino. Ao se colocarem publicamente e socialmente como do gênero feminino o uso de pronomes e prenomes masculinos acabam gerando um movimento de deslegitimação dessas individualidades.

Têm-se então um panorama de marcadores de diferenças que inferiorizam, pensando a partir da norma, os participantes das cenas que se configuram nos espaços de pegação. Mas, diferente das acusações sofridas por integrantes de outros caminhos, o *Santa* se mantém formulando e legitimando corpos e prazeres em seu interior a partir de outras lógicas que não as heteronormativas. Ali o bio-poder encontra um local de fissuras para seu controle, esbarrando em sexualidades desviantes e práticas que emergem a partir de outros contextos e experiências.

Penso que a sauna . . . e o *dark* também são dois locais onde se possa pensar corpos e sexualidades para além dos pressupostos heteronormativos. O primeiro espaço por se caracterizar como um ambiente ocupado, principalmente, por homens com idades acima do que se considerada jovem, homens com corpos mais distantes do que se considera belo e por certas relações se configurarem a partir da michetagem. Já o *dark*, era um local frequentado, principalmente, por pessoas que moram nas periferias menos abastadas da cidade, muitas vezes longe dos padrões estéticos – roupas e acessórios, por exemplo -, e corporais normativos e por ser um local de uso coletivo cujos intercursos se dão, de forma geral, a partir da não visualidade do(s) outro(s)/ da(s) outra(s).

Mas, mesmo que se mostre resistente às amarras normativas a dinâmica de reformulações de seu interior cria novas normatividades, algo que autores como Díaz-Benítez (2009) e Pocahy (2011) apontam como possibilidades destes locais de produção de discursos sobre o sexo. Há outras disputas e relações de poder se erguendo em seus interiores, recriando outras margens e formulando sujeitos cuja inteligibilidade é mais requerida.

Muitas vezes tais formulações encontram-se flertando com práticas e atitudes consideradas perigosas ou questionáveis fora dali, mas que são geridas e contornadas por regras próprias daqueles locais e ali fazem sentido – a fofoca, por exemplo, é um mecanismo de controle nos espaços ainda que exponha determinados sujeitos a constrangimentos ela não pode ser entendida unicamente como maldade, mas, em sentido mais amplo deve ser assimilada como sanção e também proteção de grupo.

Logo, o processo de reapropriação dos locais de sexo da cidade é mais amplo que apenas o de seus sujeitos. Ele inclui também os seus comportamentos. O que significa, por exemplo, que determinados atores e atrizes sejam mais abjetos que outros a partir de seus corpos e suas práticas. Estas personagens estão o tempo inteiro borrando fronteiras.

A ambivalência destes locais, principalmente o cinemão, começa pela sua face midiática: a pornografia.

3.6 QUAL FILME QUE TÁ PASSANDO HOJE?

Um das coisas primeiras questões que ficou evidenciada em relação ao cinema pornô é que a pornografia não é o principal motivo que leva alguém a frequentá-lo, mas é o que justifica a ida a aquele lugar, algo também apontado por Vale (2000). Falo isso porque o pornô “mal inventa uma indisfarçada desculpa para um início e, uma vez tendo começado, avança às cegas e termina em lugar nenhum” (ABREU, 1996, p.124).

A crítica do autor aos que excluem a narrativa pornográfica dos gêneros cinematográficos é interessante porque colabora com tese que o pornô não tem início, meio e fim, ao mesmo tempo em que expõe algo muito próprio do assistir pornô: a não exigência da linearidade. Não é preciso que se assista ao filme do começo ao fim para entendê-lo - algo muito comum nos locais onde são disponibilizados filmes pornôs.

Em relação aos filmes que passam, percebi que há certa equiparação entre produções nacionais e internacionais e a variedade de estilos: há produções *gonzo*⁷¹, produções com narrativas, câmeras subjetivas, planos abertos. Mas, todos dentro do *script* pornográfico (DÍAZ-BENÍTEZ, 2010): clipe com a atriz/atores da cena, *malho*, sexo oral, penetração e gozo – os filmes do cinemão se pautam na heteronormatividade o que me parece um recurso utilizado para manter o cinema dissociado mais amplamente da pecha de “cinema gay”.

Os produtos pornográficos nos locais de sexo reproduzem certos pares binários (feminino x masculino; macho x fêmea; ativo x passivo) que são os padrões de inteligibilidade social hegemônicos. Práticas consideradas extremas como BDSM, *scat*⁷², que envolvam penetração de objetos gigantes, *fist fucking*⁷³, *golden shower*⁷⁴, banho romano⁷⁵ e práticas fetichistas⁷⁶ – mulheres grávidas, pés, axilas -, não encontram nestes ambientes espaço para sua reprodução.

Do mesmo modo, as corporeidades dos filmes, revistas e outros suportes pornográficos são de reforço do que é considerado socialmente belo invisibilizando corpos que fogem a esse esquema: corpos idosos, corpos considerados excessivos (pêlos, tatuados,

⁷¹ Sobre este e outros gêneros pornô consultar: Abreu (1996) e Díaz-Benítez (2009, 2010)

⁷² Expressão em inglês que significa escatologia. Define práticas que envolvam excrementos.

⁷³ Expressão em inglês que significa “fodendo com o pulso”. É quando há introdução da mão, pulso ou braços nos orifícios do parceiro ou parceira que desempenha o papel passivo em uma relação.

⁷⁴ Termo em inglês que significa “banho dourado”. Designa o ato de se deixar urinar ou urinar no parceiro.

⁷⁵ Prática que envolve vômito.

⁷⁶ Deriva de Fetiche: objeto físico a que se presta culto, atribuindo-lhe poderes sobrenaturais ou mágicos; objeto gerador de atração ou excitação sexual; aquilo a que se dedica interesse irracional. (SCHOMMER, 2008, p.7)

perfurados, gordos), corpos com deficiências, corpos considerados socialmente “anômalos” – com mutilações e anões⁷⁷, por exemplo. Vejo que estes são os estranhos entre os estranhos.

Todas as sociedades produzem estranhos. Mas cada espécie de sociedade produz sua própria espécie de estranhos e os produz de sua própria maneira, inimitável. Se os estranhos são as pessoas que não se encaixam no mapa cognitivo, moral ou estético do mundo – num desses mapas, em dois ou em todos três; se eles, portanto, por sua simples presença, deixam turvo o que deve ser transparente, confuso o que deve ser uma coerente receita para ação, e impedem a satisfação de ser totalmente satisfatória; se eles poluem a alegria com a angústia, ao mesmo tempo que fazem atraente o fruto proibido. (BAUMAN, 1998, p.25).

Não há na pornografia consumida nestes espaços traços de reposicionamento de sujeitos ou práticas. Mesmo as produções não heteros sexuais se baseiam em pressupostos hetero normativos. A pornografia é ajuizada, como pontua Lipovetsky (2007)

Este posicionamento dos locais da rede em relação à pornografia considerada “bizarra” soa como eco das manifestações da abjeção na grande mídia o que me lembra de um caso recente em uma novela do horário nobre. A tensão gerada por essas transgressões foi o mote utilizado pelo autor de novelas Silvio de Abreu, para conduzir a narrativa de uma das personagens da novela *Passione*⁷⁸, Gerson Gouveia. A mídia especializada em novelas especulou durante algum tempo que o tal mistério da personagem seria seu envolvimento com pedofilia – sendo esta a principal aposta nestes veículos.

Algumas características precisam ser colocadas: Gerson era um homem de classe alta, morava em um bairro de luxo em São Paulo, era piloto de automobilismo, branco, alto, olhos claros, bem nascido, bem sucedido no esporte, faixa dos 30 anos. Seu comportamento social era o que se poderia considerar “normal”, a não ser pela sua fixação por internet e o nervosismo que o acometia sempre que era interrompido em seu ritual.

No capítulo do dia 29 de novembro de 2010, a personagem revela seu segredo ao psicanalista. Esta confissão foi muito próxima aos mecanismos descritos por Foucault (2007)

⁷⁷ Há de se fazer uma ressalva em relação a filmes protagonizados por anões. Durante a pesquisa o *Santa* exibiu um filme cujo protagonista é um anão. Porém, o sujeito em questão é um conhecido participante de programas de exibição nacional. Participou de um humorístico dominical com um personagem que parodiava um jogador argentino que jogava em um clube brasileiro, inclusive, o filme tem como temática o futebol. O tal filme me parece fazer parte dos contornos de filmes com *celebridades* como proposto por Díaz-Benítez (2009, 2010) e até recentemente era repetido em algumas sessões.

⁷⁸ Escrita por Silvio de Abreu, com direção geral de Denise Saraceni, a novela estreou no dia 17 de maio de 2010, no horário das 21h. E seu capítulo final foi ao ar em 14 de janeiro de 2011.

para a construção dos discursos sobre o sexo. A cena teve duração de 9 minutos e 16 segundos⁷⁹, um tempo longo em um produto televisivo.

O tão “sórdido” segredo era que desde muito cedo ele se interessava em buscar prazer no que ele mesmo define como sexo “sujo e fétido”⁸⁰. Começou com o interesse por colecionar matérias sobre crimes sexuais e mais tarde o levou a procurar prazer em ambiente de sexo casual como banheiros públicos, boates da “boca do lixo”, parques e outros locais onde ele agia como um voyeur.

Resumidamente, a busca e obtenção de prazer dele se encontravam no ritual de participar de ambientes de sexo casual e anônimo, em locais públicos, com corpos que não se encontram na esfera do socialmente belo. Aqui retomo a abjeção para compreender de que forma se articulam esses valores sobre práticas e relações sexuais sadias. A abjeção não pode ser encarada fixamente como o local do não inteligível, mas, como ambiente de produção de sujeitos e sexualidades que não se encontram contemplados política e socialmente nas esferas de produção normativas.

Ao fim da novela ele é “curado” de sua enfermidade ao encontrar o amor nos braços de uma mulher branca, de olhos azuis, que desempenha o papel de mulher dedicada a casa e ao marido – não posso desconsiderar que nesta narrativa a abjeção representou a batalha a ser superada.

A transmissão de uma forma simbólica implica necessariamente o desligamento dessa forma, em vários graus, do contexto de sua produção: ela é distanciada de seu contexto, tanto espacial como temporalmente, e inserida em novos contextos que podem ser localizados em diferentes tempos e locais. (THOMPSON, 2002, p. 225)

Os perigos de tais discursos encontram-se no poder de mediação dos meios de comunicação. Observadas as diferenças entre uma novela das 21h – um dos produtos mais rentáveis e com os maiores números de audiência do meio televisivo – e as filmografias pornô, o que temos é um cenário de controle e produção de verdades sobre o sexo atuando na sedimentação de valores hegemônicos e contribuindo para a criminalização, adoecimento, deslegitimação, ridicularização e desprestígio de determinados corpos, sexualidades e práticas que constroem certos sujeitos. Inclusive a minha.

⁷⁹ A cena completa está disponível em <http://video.globo.com/Videos/Player/Entretenimento/0,,GIM1384118-7822-GERSON+REVELA+SEU+SEGREDO+AO+TERAPEUTA,00.html>.

⁸⁰ Tudo levava a crer que o segredo era pedofilia, entretanto, analistas em mídia e do mercado publicitário pontuam que pressões de patrocinadores da novela, principalmente o do personagem, a possibilidade foi descartada. A emissora sempre negou esta versão.

PERIPÉCIAS EM UM CAMPO DE PRAZERES

“Estou dançando em júbilo, triunfante em deleite. Sinto-me em casa nesta celebração. E eu estou rindo sem motivo” (Giggling again for no reason, Alanis Morissette, tradução minha).

Faz quase dois anos desde que entrei pela primeira vez naquele prédio de tijolos vermelhos aparentes localizados à Rua 24 no centro de Goiânia. Lembro bem daquela tarde nas férias de julho de 2010. Era dia 10 e por volta das 16h encontrei *Antônio* na esquina da rua 24. Encontrava-me um pouco apreensivo em relação ao que poderia encontrar naquela sala, com receio dos olhares que me viam entrar ali, de ser desinteressante para os outros frequentadores, de não saber como agir. Foram sensações que se mantiveram até eu conseguir enxergar o que estava a minha frente naquele lugar. As sombras se dissipam assim que a vista se acostuma. E se passa a ver além na escuridão. Os contornos difusos tomam formas e o recém-chegado se ambienta. Fiquei calmo. Passei a explorar o espaço. Permiti-me explorar aquele local.

Ao ultrapassar um dos dois pórticos de entrada me dirigi à bilheteria - que fica em frente ao da direita e à esquerda catraca. O guichê fica em uma parede verde onde também são expostos os cartazes dos filmes em exibição. Naquele dia o ingresso ainda custava R\$ 6 e estudantes tinham assegurado o direito a meia entrada – hoje em dia o ingresso é R\$ 8 e a meia continua valendo.

Passada a catraca pude ver um prédio pintado de uma cor de rosa fraquinho, com o piso de cerâmica antigo. Em um *freezer* à direita estavam expostas bebidas e em cima dele um depósito plástico com balinhas e chicletes. À frente o banheiro, protegido das vistas externas por uma parede que forma um pequeno corredor e é da altura da porta. Em frente à entrada do banheiro uma escada em pedra de mármore já gasta pelo tempo leva ao mezanino onde se encontra a antiga sala de projeção – que hoje guarda antigas peças que compunham o mobiliário e o maquinário do cinema.

Ao entrar no cinema e andar poucos passos, ao lado esquerdo uma cortina guarda a sala principal e por ali havia algumas peças antigas do maquinário que hoje já foram retiradas de lá. A tela antiga com o aviso de não fumar ali dentro e ventiladores ao lado. A luz vermelha no lado oposto a entrada sinaliza a saída de emergência. As poltronas ainda eram vermelhas e havia uma separação entre uma a sala principal e o acesso à pequena sala onde passa filmes de temática gay, bi e travestis – naquele tempo em uma televisão de modelo

antigo com o aparelho DVD ao lado e uma fila de poltronas ao fundo. Do seu lado esquerdo ficava o *dark room* que hoje já não se encontra mais aberto.

O cinema escuro tem uma atmosfera abafada, a pouca luz da tela dissimula que os frequentadores estão o tempo todo caminhando. E tem os cheiros. O cinema tem aquele cheiro e calor de lugares fechados pós-sexo. Tem cheiro de *porra*⁸¹, de lubrificante, de camisinha usada, se sexo oral, de sabonetes - desses baratos encontrados em banheiros públicos. Os cheiros do *Santa*, alguns, também pude sentir em outros locais, mas, ele mantém alguns bem característicos. E de fato, os cheiros atuam também nas relações no cinemão e no ficar ou sair de determinados locais.

O banheiro, por exemplo, é um dos locais em que as pessoas aproveitam para transar de forma mais reservada. Entra-se em uma das cabines e tranca-se a porta. É possível que alguém tente espiar, mas, basta refurtar. As duas cabines são muito utilizadas pelas travestis para a realização de seus programas e por outros frequentadores para brincadeiras de forma menos visível. Mas, se eles estiverem com cheiro de cheque acabam sendo preteridos por outros locais.

Vejo o banheiro do cinemão e das saunas como lugares ambivalentes. Mesmo sendo um lugar onde o sexo também se encontra e os jogos e investidas neles aconteçam – como a exibição de membros duros aos mictórios -, por outro lado, parece pairar sobre eles uma aura que o descaracteriza como local para sexo em determinadas ocasiões e o faz apenas um local de limpeza.

Essa relação me lembra das pessoas que fazem linha banheirão. Para aqueles que participam destes espaços atuando como integrantes da brincadeira sexual que se desenvolve em seus interiores a cena é evidente, por outro lado, aqueles que não fazem parte do conjunto não notam ou fingem não notar o que ocorre nestes espaços. Inclusive, porque os integrantes da rede utilizam artimanhas para camuflar o que ali ocorre sempre que identificam alguém que não “pertence” ao lugar.

Quem frequenta o *Santa* também pode aproveitar o prazer de diversas formas. Quando comecei a pesquisa *Tia Maria* era o lugar da rede que eu acessava com mais frequência – por conta da própria pesquisa. Hoje o *Santa* mudou, passou por reformas, o seu horário foi estendido, suas antigas poltronas vermelhas foram substituídas por outras novas e pretas, e suas fileiras alcançam quase a entrada para o corredor do antigo *dark*.

⁸¹ esperma

Também sempre que possível estava no *dark room* da boate. Às vezes ficava lá da hora em que ele era liberado até a hora em que fechava. Era possível observar a agitação que tomava conta da boate com a proximidade da hora em que o *dark* abria. Muitos frequentavam a boate pela certeza de pequenos prazeres ali naquele quarto. Hoje se encontra desativado e é utilizado como uma área para descanso, conversas. Nem mesmo a sua penumbra é utilizada hoje em dia para pegação. No início de seu encerramento ainda houve certa movimentação, mas, hoje não acontece mais nada ali.

Eu acabei trilhando outros caminhos nessa rede. Passei a frequentar saunas, locais que durante certo tempo foram temidos pela maior exposição do corpo. Do meu corpo. Algo que eu precisei trabalhar para me sentir confortável ao transitar em seus interiores.

Depois de um tempo a nudez se torna invisível naquele lugar. E de fato, as saunas são um desfile de corpos que se encontram longe dos padrões. Pensando o meu campo, a partir de minhas próprias experiências na rede, acredito que esta pesquisa foi possível em grande parte a partir de meu corpo. Ao não isolá-lo ou resguardá-lo, abri as portas para circular de forma tranquila nestes espaços. Ao me entender como peça do jogo e percebendo o meu comportamento em relação aos outros pude perceber outras nuances e até mesmo leituras que não eram possíveis enquanto ainda vestia meus trajes de pesquisador.

Foi interagindo nas saunas que notei a urgência em ser um personagem na pesquisa e não uma entidade deslocada dela - analisando de fora experiências que eu participei só por estar nesses locais. Eu não me encontrava fora destes locais e nem afastado deles. Ao decidir observar dois coroaes *se pegando* ao invés de um casal de homens considerados gatos, gostosos e outros tantos adjetivos, por exemplo, eu já demonstrava estar ali. A observação participante mostrou-se eficaz para a análise da influência que a mídia exerce nos aspectos culturais relativos à sexualidade. De fato, é necessário que tal metodologia seja incentivada e cada vez mais utilizada pelo campo das pesquisas em mídia, pois, possibilitam uma amplitude maior na coleta de dados e na interpretação destes.

Fazendo uma referência a Nietzsche (2007) as saunas estariam mais próximas a Apolo, pois são lugares claros, mais contidos e assépticos – guardadas algumas características próprias de cada uma -, enquanto o *Santa Maria* seria Dionísio, o lugar dos prazeres furtivos, da efervescência, dos closes das travestis, da pouca iluminação. A rede é ambivalente, vejo-a como um local de prazer e perigo. Perigo simbólico e físico.

Há relações de poder medindo forças constantemente em seu interior. Produzindo sujeitos, prazeres e corpos. Essa produção de sujeitos se liga diretamente aos investimentos em si. Nas atuais sociedades investe-se nos corpos a partir de discursos que incitam o

consumo de substâncias, medicamentos, procedimentos estéticos, lazeres e outras variáveis caracterizadas por enunciados de manutenção destes corpos. Assim, gerir um corpo de alto desempenho – em termos que se alastram para além das fronteiras de suas habilidades -, significa ser inteligível no interior das relações. O consumo enquanto local de produção de significados e diferenças é na rede um dos caminhos a partir do qual sujeitos são fabricados e significados. Como em todo processo midiático, ali também há uma intensa produção de sentidos. E o corpo é a mídia principal nesse cenário.

Isto significa que nem tudo cabe nestes locais. Muitas vezes, insistir no assédio leva a medidas coercitivas extremas. Se o entender-se no silêncio é algo que precisa ser aprendido para o bom funcionamento dos espaços, quem se mostra “cabeça-dura” com este ponto da etiqueta é repreendido de forma brusca e pública nos ambientes. Sua atenção é chamada de forma a mobilizar o maior número de pessoas possíveis. Não se pode tocar sem que haja autorização para toques e os toques indesejáveis são a maior causa de repreensões.

A entrada na rede gera algumas autorizações no campo dos prazeres, ainda que sob certa tensão. A aquisição da entrada ao cinemão, por exemplo, simbolicamente traz como "valor" agregado a liberdade de experimentação de sexo com outros homens ainda que, na exterioridade, os frequentadores do *Santa Maria* vivam arranjos conformados à heterossexualidade – e as investidas com outros homens neste local não abalem esse local heterossexual.

A partir de suas práticas, corpos e locais de consumo de sexo os sujeitos vão sendo construídos e valorizados, tornando-se, portanto, consumidores e produtos no interior da cena do sexo na cidade. A dinâmica de construção e reconstrução mostra a instabilidade para se decretar um tipo de corpo ideal dentro da rede. Ainda que regida por princípios heteronormativos há espaços onde o desejo se manifesta por um tipo de corpo que não corresponde ao que se associa hegemonicamente ao belo.

Os sujeitos que se colocam nestes espaços são fluidos em todas as direções. Corpos, sexualidades e gêneros, por exemplos modelam e remodelam as relações e os sujeitos nos caminhos que trilhei. É preciso pensar que estes sujeitos são desviantes e que as identidades fixas não dão conta de incorporá-los em seus discursos de continuação.

Muitas vezes o que esta em jogo não é o sexo, mas, o sentimento de ser visto como alguém que gera tesão. Muitas foram às vezes em que observei caras que passeavam flertando pelos locais e sempre que a interação ia se concretizar eles debandavam em busca de uma nova “presa” para recomeçar um jogo de sedução. Há muito ego envolvido ali.

Os personagens com quem esbarrei ao longo da pesquisa se mostraram dispostos a reinvenção ao buscar por sexo. Mesmo que não se deem conta desse movimento. A transgressão ocorrida nesta busca por sexo demonstra a possibilidade de criação de outros sujeitos, como por exemplo, quando mulheres se colocam no interior do cinema fazendo com que haja uma reinterpretação de determinadas práticas e locais que se assume naqueles espaços.

Procurei pensar essa construção de sujeitos a partir do consumo pornográfico. O corpo nessa rede é um corpo pornô. Um corpo mídia que gera significados e media as relações em seu interior. A mídia assume hoje um local privilegiado na produção cultural, o que significa que a pornografia consumida na rede que pesquisei não se encontra livre de posições legitimadoras, de autorizações e negações ao/em seu conteúdo. A rede é permeada por produtos midiáticos: música, pornografia, televisores sintonizados em tv's abertas ou fechadas, clipes musicais, espetáculos e shows eróticos.

Não se podem ignorar os impactos de tais produtos socialmente. O discurso da sexualidade midiaticizada é incorporado na teia social o que pode ser bastante danoso para quem se coloca afastado das normatizações - já que o campo midiático é hoje o principal mediador das relações, e, portanto, produtor de discursos e verdades. O cinema pornô como integrante da rede pornográfica se caracteriza em um espaço mediador do sexo, algo que acontece já na entrada com os cartazes que anunciam os filmes: reforço de padrões e legitimação da heterossexualidade.

Por outro lado, a midiaticização do sexo não dá conta de abarcar todas as experiências ocorridas neste local em que sempre há fugas. Reordenando fronteiras e construindo novos significados. Esse movimento de resignificação precisa ser entendido como produtor de novas normatizações mesmo que deslocadas do socialmente aceito. Percebo que essa criação de normatizações, entretanto, é dinâmica e se liga mais eficazmente aos locais onde se consume sexo.

As trilhas do sexo são palcos abertos a inúmeras possibilidades de papéis. O que se consome entre suas paredes não são apenas produtos com conteúdo sexual, pipocas, bebidas, drogas ou fumo, mas, o próprio sexo, práticas sexuais diversas e corpos.

Por outro lado, estes lugares não podem ser pensados só a partir do sexo. Há outros compartilhamentos ocorrendo em seus interiores e relações que se constroem a partir de outros capitais que não o corpo e o prazer - ainda que eu perceba o corpo como porta de entrada para essas formulações. É preciso pensar estes espaços como locais de sociabilidades e considerar outras nuances por eles oferecidas.

Apesar de se constituir como local de *batalha* das travestis, não se pode ignorar que a *Tia* é também um espaço de diversão para elas. Onde há trocas de experiências e informações, compartilhamento das intimidades, risos, piadas, cochichos e também preocupações, segredos e reforço de amizades.

Várias foram às oportunidades que tive de observar frequentadores que passaram a tarde inteira no bar da sauna e nos fornos sem demonstrarem ansiedade em empreender contatos que levassem a sexo. Laços são construídos nestes espaços que levam as pessoas a se aproximarem e dividirem outros prazeres que não apenas os corpos uns dos outros. Percebo estes locais sendo ocupados para outros fins como: diversão entre amigos, momentos de lazer e relaxamento, por exemplo.

Percebi que se constroem relações nestes espaços que duram o tempo de uma gozada ou se expandem para a exterioridade da rede de acordo com os envolvidos em tais enlacs. Ainda que a frequência nos locais seja bastante transitória em alguns espaços é possível perceber o estabelecimento de pessoas como frequentadores assíduos. Saunas e cinemas, por exemplo, são dois locais onde pude observar que há certa regularidade dos indivíduos que frequentam, mas, de acordo com falas que colhi e pelo que pude perceber este também é um traço de outros espaços.

Retorno da trilha convencido de que o campo de estudos e pesquisas em comunicação precisa urgente tomar a sexualidade e o corpo como objetos de seu interesse. Ainda que tais trabalhos sejam cada vez mais recorrentes, eles ainda aparecem muito timidamente na área. E o que minha pesquisa mostra é que cada vez mais o sexo é tomado pela indústria cultural como produto ou como discurso que conduz as relações de consumo de produtos midiáticos.

Minha proposta neste trabalho foi pensar de que forma corpo e sexualidade se manifestam nesse universo midiático e o que percebi foi que eles estão sempre entre convenções e fronteiras. Submetidos a regras e autorizações e em constantes negociações.

Assim, é reservada à comunicação uma parcela de contribuição na estruturação das fronteiras encontradas nas sociedades. Seus produtos contêm traços do que seriam as verdades sobre os indivíduos e estas supostas verdades são o alicerce para a identificação dos tipos representados nesses suportes. Percebo, então, que há a atualização de práticas e preconceitos a partir da naturalização de certos limites sociais pertinentes, supostamente, aos indivíduos.

Alguns locais da rede apelam mais fortemente a produtos culturais. Filmes, revistas, músicas, objetos de decoração e outras mostras da indústria fazem parte dos recursos disponíveis nestes locais de sociabilidade. É interessante notar que produtos reforçam características de juventude, corpo perfeito, virilidade e masculinidade.

Os corpos da pornografia consumida nestes locais também se encontram associados a padrões de beleza hegemônicos e reforço de determinadas características tidas como “naturais” a determinados grupos – como a hipervirilidade de homens negros, por exemplo.

O mesmo ocorre em relação às práticas performadas nestas filmografias. São práticas ajuizadas, conformadas ao espectro das sexualidades que se encaixam dentro dos limites das sexualidades saudáveis e normativas. Com exceção do filme protagonizado pelo humorista anão – e ressaltando-se que ele se encontra dentro do pornô de *celebridade* -, não percebi em nenhum momento uma fita que se desviasse do caminho reto. Mesmo os filmes de categorias *gay*, *bi* e *travesti* se mantêm conformados a padrões estéticos heteronormativos com seus e suas protagonistas inseridos em contextos de reforço de binarismos e padrões de branquitude e outras diferenciações consideradas nobres. De forma geral a pornografia que domina os locais de consumo é a *soft core*.

Por outro lado, na surdina, o estranho, o desconfortável, o tesão não confessado, não conversado, não proferido, o prazer “vergonhoso”, as práticas absurdas, os corpos não conformados, a corporeidade indesejada, o desejo perverso, desviante e o que não encontra espaço a luz do inteligível e aceitável, é oferecido em menor escala em locais específicos, em séries ou revistas de difícil acesso, em blogs ou sites proibidos e cujo acesso é restrito, controlado e cujas senhas não são encontradas facilmente. Os consumidores dessa parte da indústria se contentam com a homeopatia oferecida pelas produtoras e assim como agem em seus ambientes de socialização também têm cerceado seus prazeres no campo do entretenimento pornográfico.

Quanto aos corpos e as práticas que consomem e são consumidos nestes locais são variados. Mesmo com todo movimento empreendido para a assimilação de discursos normativos, há uma movimentação em sentido contrário, fazendo com que os espaços sejam ocupados por outros sujeitos a partir de suas práticas de consumo. E há nestes espaços, mesmo que de forma tímida, palco para práticas e prazeres mais subversivos – *fisting*, por exemplo.

Não há certezas nesta rede. Ainda que mediada pela pornografia – ao menos a parte que recortei e os dois principais locais que explorei neste estudo: as saunas e o *Santa* -, a rede do sexo não fecha suas portas para outras possibilidades e outras experimentações para além das que a pornografia oferece a partir de seus produtos pastiches. Certeza é que os que procuram diversão nestes locais não necessariamente buscam produtos industrializados ou espetáculos pré-definidos para excitassem e daí obterem gozo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Nuno Cesar. **O olhar pornô**: a representação do obsceno no cinema e no vídeo. Campinas, SP: Mercado das letras, 1996.

ARAÚJO, Rogério. **Prostituição**: artes e manhas do ofício. Goiânia: UCG, 2006.

ARAÚJO, Ed Wilson Ferreira. De Narciso ao *Big Brother*: imagem e exercício de poder na cultura midiática. In: CONCEIÇÃO, Francisco Gonçalves da (ORG). **Entrevozes**: enredos institucionais e midiáticos. São Luis: EDUFMA, 2008. P.99 a p.113.

ATAÍDE, Joanita Mota de. Jornalismo, instituição e discurso: proposta de uma epistemologia para o jornalismo. In: CONCEIÇÃO, Francisco Gonçalves da (ORG). **Entrevozes**: enredos institucionais e midiáticos. São Luis: EDUFMA, 2008. P.43 a p.58.

_____. A tele-grafia da cena do testemunho jornalístico: a TV na cobertura da CPI do crime organizado. **Cambiassu, estudos em comunicação** vol. XV, nº1, jan-dez 2005. P.19 a p.32.

AUSTIN, J. L. **Como hacer cosas con palabras**. 1955. Disponível em < <http://www.seminariodefilosofiadelderecho.com/BIBLIOTECA/A/austincomohacercosasconpalabras.pdf> >. Acessado em 20 de mai. 2010.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução: Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: LP&M, 1987.

BAUDRILLARD, Jean. **A troca simbólica e a morte**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal estar da pós-modernidade**. Tradução: Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1998.

BECKHAM, Victoria; BROWN, Melanie; BUNTON, Emma; CHISHOLM, Melanie. Holler. In: **Forever**, 2000, Virgin Records. Faixa 1.

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita**; o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. 12.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. Macho *versus* macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo. **Cadernos Pagu** 28 jan-jun. 2007. P.175 a p. 206 Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/09.pdf>.> Acesso em: 24 abr. 2009.

_____. Corpo a corpo: reflexões sobre uma etnografia imprópria: **Revista Ártemis**. 07 dez. 2007, p.128 a p.144. Disponível em < <http://WWW.prodema.ufpb.br/revistaartemis/numero7/artigos/artigos13.pdf>. > Acesso em 05 out. 2009.

_____. **À meia luz...** uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos. Campinas, 2010. 264f. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas.

_____. **À Meia-Luz...**uma etnografia em clubes de sexo masculinos. Goiânia: Editora da UFG, 2012 (no prelo).

BUTLER, Judith P. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (ORG) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. P.151 a p.172.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CAPUCHO, Luís. **Cinema Orly**. Rio de Janeiro: Interlúdio Editora, 1999.

CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e poder: Uma análise da mídia**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução: Angela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

CONCEIÇÃO, Francisco Gonçalves da. A fala do outro relações discursivas e produção de (re)conhecimento. In: CONCEIÇÃO, Francisco Gonçalves da (ORG). **Entrevozes: enredos institucionais e midiáticos**. São Luis: EDUFMA, 2008. P.7 a p. 24.

DENKER, Alda de Freitas Maneti; VIÁ, Sarah Chucid. **Pesquisa empírica em ciências humanas**, com ênfase em comunicação. São Paulo: Futura, 2001.

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. *Dark room* aqui: um ritual de escuridão e silêncio. **Cadernos de Campo** 16, 2007. P.93 a p.112 Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/da/arquivos/publicacoes/cadernos_de_campo/vol16_n16_2007/cadernos_de_campo_n16_p93-112_2007.pdf> Acesso em 19 out. 2009.

_____. **Nas redes do sexo: bastidores e cenários do pornô brasileiro**. Rio de Janeiro, 2009. 290f. Tese (Doutorado). Museu Nacional. Universidade Federal do rio de janeiro.

_____. **Nas redes do sexo: os bastidores do pornô brasileiro**. Rio de Janeiro, 2010.

_____. Retratos de uma orgia: a efervescência do sexo no pornô. . IN: DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo (Org) **Prazeres Dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. P.567 a p.595.

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo (ORGS). **Prazeres dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

DOWNING, Jonh D. H.. **Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. Tradução: Silvana Vieira. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.

DUARTE, Luiz Fernando. A sexualidade nas ciências sociais: leitura crítica das convenções. . In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio (ORG) **Sexualidades e Saberes**; convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. P.31 a p.80

EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. Tradução de Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

ESCOSTUGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (ORG). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** 4.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. P.133 a p. 166.

FRANÇA, Isadora Lins. **Cercas e pontes**: o movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo. São Paulo, 2006. 257f. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon. 18.ed.São Paulo: Edições Graal, 2007.

_____. **Microfísica do poder**. Organização e tradução Roberto Machado. 24ed. Rio de Janeiro, Graal. 2007.

_____. **A ordem do discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 18.ed. São Paulo: 2009.

GALIMBERTI, Umberto. **Os vícios capitais e os novos vícios**. Tradução: Sérgio José Schirato. São Paulo: Paulus, 2004.

GARCIA, Esteban Andrés. Políticas e prazeres dos fluidos masculinos: barebacking, esportes de risco e terrorismo biológico. . IN: DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo (Org) **Prazeres Dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. P. 537 a p.566.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade manipulada. Tradução: Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GREGORI, Maria Filomena. **Prazeres Perigosos**: erotismo, genros e limites da sexualidade. Campinas. 221f. Tese (Livre Docência em Antropologia). Universidade Federal de Campinas. 2010.

GRUNVALD, Vitor. Butler, a abjeção e seu esgotamento. . IN: DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo (Org) **Prazeres Dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. P.31 a p.70.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (ORG). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 8. ed. Petrópolis, RJ: 2008. P. 103 a p. 133.

_____.**A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz da Silva, Guacira Lopes Louro. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAMBURGUER, Esther Império; ALMEIDA, Heloisa Buarque de. Sociologia, pesquisa de mercado e sexualidade na mídia: audiências x imagens. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio (ORG) **Sexualidades e Saberes; convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. P.115 a p.142.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (ORG). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** 4.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. P. 07 a p. 132.

KULICK, Don. **Travestis: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. Tradução: Cesar Gordon. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

LACOMBE, Andrea. “Tu é ruim de transa!” ou como etnografar contextos de sedução lésbica em duas boates GLBT do subúrbio do Rio de Janeiro. . IN: DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo (Org) **Prazeres Dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. P. 373 a p. 392.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Tradução: Marina Appenzeller. 4.ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

_____. **A sociologia do corpo**. Tradução: Sonia M. S. Furhrmann. 4ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LEITE JR., Jorge. **Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia “bizarra” como entretenimento**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2006.

_____. A pornografia “bizarra” em três variações: a escatologia. O sexo com cigarros e o abuso facial. . IN: DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo (Org) **Prazeres Dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. P.509 a p. 536.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. Tradução: Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Viajantes pós-modernos. In: LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. P.11 a p. 26.

_____. Uma política pós-identitária para a educação. In: LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. P.27 a p.54.

_____. “Estranhar” o currículo. In: LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. P.55 a p.74.

_____. Marcas do corpo, marcas de poder. In: LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. P.75 a p.90.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (ORG) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**.. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. P.7 a p.34.

MAIA, João; REIS, Maria Beatriz Cruz dos. Nos caminhos da Mangueira: lugaridade e sociabilidade comunitária. In: MENDONÇA, M.L.M (ORG). **Mídia e diversidade cultural: experiências e reflexes**. Brasília: Casa das musas. 2009. P.123 a p. 143.

MALUF, Sônia Weidner. Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas. In: **Esboços: dossiê corpo e história**, p.87 a p.101. Disponível em: < <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/viewPDFInterstitial/563/9837.>> Acesso em 19 out. 2009.

MARQUES, Ester. Sociedade da informação: alienação ou emancipação? **Cambiassu, estudos em comunicação** vol. XV, nº1, jan-dez 2005. P.65 a p.78.

MATOS, Fernando Ribeiro. **Feminilidades e masculinidades: implicações da heteronormatividade no discurso jornalístico**. São Luís, 2009.116f. Monografia. Universidade Federal do Maranhão, Curso Comunicação Social, 2009.

MENDONÇA, M.L.M. As múltiplas faces da cultura. In: MENDONÇA, M.L.M (ORG). **Mídia e diversidade cultural: experiências e reflexes**. Brasília: Casa das musas. 2009. P39 a p.52.

MENEZES, Paulo. **À meia-luz**, cinema e sexualidade nos anos 70. São Paulo, USP, Curso de Pós-Graduação em Sociologia: editora 34, 2001.

MORAES, Eliane Robert; LAPEIZ, Sandra Maria. **O que é pornografia**. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985.

MORAES, Eliane Robert. Os perigos da literatura: erotismo, censura e transgressão. . In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio (ORG) **Sexualidades e Saberes**; convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. P.225 a p.234.

MORISSETTE, Alanis. Uninvited. In: **Unplugged MTV**, 1999, Warner Records. Faixa 10.

_____. Giggling again for no reason. In: **Flavors of entanglement**, 2008, Maverick Records Company. Faixa 9.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia helenismo e pessimismo**. Tradução, notas e posfácio: J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NIN, Anais. **Delta de Vênus: histórias eróticas**. Tradução Lúcia Brito. Porto Alegre: L&PM, 2009.

OLIVEIRA, Dennis. Culturas de grupos subalternizados: espaço para construção de subjetividades políticas. In: MENDONÇA, M.L.M (ORG). **Mídia e diversidade cultural: experiências e reflexes**. Brasília: Casa das musas. 2009. P.19 a p.38.

OLIVEIRA, Leandro de. Diversidade Sexual e trocas no mercado erótico: gênero, interação e subjetividade em uma boate na periferia do Rio de Janeiro. . IN: DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo (Org) **Prazeres Dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. P.119 a p.146.

PELÚCIO, Larissa. **Nos nervos, na carne, na pele** : uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de AIDS. São Carlos, 2007. 312 p. Tese (Doutorado). Universidade Federal de São Carlos.

_____. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. **Cadernos Pagu** 25 jul-dez, 2005b. P.217 a p.248 Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n25/26528.pdf>> Acesso em: 07 mar. 2009.

_____. **As maravilhas do sexo que ri de si mesmo**. Cadernos Pagu 29, jul-dez, 2007. P.481 a p.488. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n29/a21n29.pdf>. > Acesso em 03 de mar. 2009.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Observação participante e pesquisa ação. In: JORGE DUARTE, Antonio Barros (ORG). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. P.125 a P.145.

POCAHY, Fernando Altair. **Entre Vapores e Dublagens**: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento. Porto Alegre, 2011. 167f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2011.

RIBEIRO, Vinícios Kabral. **Cine Santa Maria, rua 24 centro. Em cartaz, para maiores de 18 anos**. Goiânia, 2009. 83f. Monografia. Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás. Universidade Federal de Goiás. 2009.

RUBIN, Gayle. **Reflexionando sobre el sexo**: notas para una teoría radical de La sexualidad. 1989. Disponível em < http://webs.uvigo.es/xenero/profesorado/beatriz_suarez/rubin.pdf.> Acesso em 31 mai. 2010.

SADE, Marquês de. **Os 120 dias de Sodoma**, ou, a escola de libertinagem. Tradução e notas: Alain François. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SAMPAIO, Juciana de Oliveira. **Incorporação e compartilhamento do desejo**: notas sobre corporalidades e o caráter associativos entre travestis em São Luís. São Luís, 2009.175f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Maranhão, 2009.

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e Comunicação**, sintoma da cultura. São Paulo: Paulo, 2004.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para a análise histórica. 198-?. Disponível em http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_categoria.htm>Acesso em: 10 fev.2009.

SCHOMMER, Aurélio. **Dicionário de fetiches**. 1ª Ed. Rio de Janeiro. 2008

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **A epistemologia do armário**. 2007. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf> > Acessado em 24 de abr. 2009)

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (ORG). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 8. ed. Petrópolis, RJ: 2008. P. 73 a p. 102.

SIMÕES, Júlio Assis. Homossexualidade masculina e curso de vida: pensando idades e identidades sexuais. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio (ORG) **Sexualidades e Saberes; convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. P. 415 a p.447.

SHULMAN, Norma. O Center for Contemporary Cultural Studies da Universidade de Birmingham: uma história intelectual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (ORG). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** 4.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. P. 167 a p. 224.

SONTAG, Susan. **A imaginação pornográfica**. 2004. Disponível em <<http://www.scribd.com/doc/2230757/susan-sontag-imaginacao-pornografica>> Acesso em 27 jan.2007.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna: teoria social na era dos meios de comunicação de massa**. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etonografia no mundo da comunicação. In: JORGE DUARTE, Antonio Barros (ORG). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. P. 98 a p.109.

TEIXEIRA, Alexandre Eustáquio. Discursos e representações sobre os territórios de “pegação” em Belo Horizonte. IN: DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo (Org) **Prazeres Dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. P. 263 ap.288.

ULHOA, Jonh. O prato do dia. In: **Isopor**, 1999, BMG. Faixa 10.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. **No escurinho do cinema: cenas de um público implícito**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretária de Cultura e Desporto do Estado, 2000.

VELHO, Gilberto. **Antropologia Urbana: encontro de tradições e novas perspectivas**. 2005. Disponível em <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n59/n59a02.pdf>> Acesso em 20 de abr. 2012.

VILLAÇA, Nízia. **A edição do corpo: tecnociência, artes e moda**. Barueri, São Paulo: Estação das Letras Editora, 2007.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (ORG) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. P.35 a p.82.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (ORG). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 8. ed. Petrópolis, RJ: 2008. P. 07 a p. 72.

ZAGO, Luiz Felipe; SEFFNER, Fernando. **Masculinidades disponíveis.com**: sobre como dizer-se homem gay no ciberespaço. Disponível em <http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST9/Zago-Seffner_09.pdf> Acesso em: 15 nov. 2009.

ZÉ, Tom. Namorinho de portão. In: **Grande liquidação**, 1968, Sony Music. Faixa 4. Lado A.